

RAQUEL ABREU-AOKI

A construção narrativo-argumentativa da imagem de
um presidente na biografia *Getúlio Vargas para
crianças*

**Belo Horizonte
2012**

RAQUEL ABREU-AOKI

A construção narrativo-argumentativa da imagem de um presidente na biografia *Getúlio Vargas para crianças*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística
Linha de pesquisa: Análise do Discurso
Orientadora: Prof^a Dr^a Emília Mendes

**Belo Horizonte
2012**

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras:

Dissertação defendida por Raquel Abreu-Aoki em 30/03/12 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores Doutores relacionados a seguir:

Emília Mendes – UFMG
Orientadora

Mônica Santos de Souza Melo - UFV

Cláudio Humberto Lessa - UFMG

Criança brasileira!

[...] Vê o teu grande amigo galgando essa escada grande,
carregando nos braços uma criança.

O que o flagrante te sugere?

Por acaso não vês nele um instantâneo do momento
excepcional que está vivendo a Pátria?

Não é o Presidente que te ampara, subindo a escada do
futuro?

(Getúlio Vargas: o amigo das crianças)

Dedico este trabalho ao *Kembo* – pela paciência, pelo estímulo, pela tolerância, pelo silêncio, pela esperança, pelo respeito e pela ajuda – meu companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho fosse possível.

Em primeiro lugar, ao *Eterno de Israel*, porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha orientadora, Professora Doutora Emília Mendes, que carinhosamente me acolheu e “adotou”. Exemplo para mim de competência, dedicação e respeito. Muito obrigada!

Aos professores do POSLIN, por suas preciosas aulas e ensinamentos: Professora Doutora Ida Lucia Machado; Professor Doutor Cláudio Humberto Lessa; Professora Doutora Delaine Cafiero; Professora Doutora Gláucia Muniz Proença Lara; Professora Doutora Helcira Maria Rodrigues de Lima; Professor Doutor Rosalvo Gonçalves Pinto; Professor Doutor Wander Emediato; Professor Doutor William Menezes; Professor Doutor Melliandro Galinari; Professor Doutor Paulo Henrique Aguiar Mendes; Professor Doutor Hugo Mari; Professora Doutora Rosângela Borges e, de maneira especial, ao professor Antônio Augusto Moreira de Faria, com o qual iniciei minha trajetória no mestrado.

Aos amigos que fiz no POSLIN: Argus de Abreu; Miriam Lúcia Brandão; Mariana Procópio; Maria Juliana Horta Soares; Daniele Oliveira; Shirlei Maria Freitas; Clarice Gualberto; Juliana Chalub; Priscila Viana; Ana Carolina Reis; Jairo Carvalhais; Bruna Toso; Renata Renna; Rosângela Cruz; Fernanda Chaves; Renata Mello; Égina Pereira; Dalcilene Dutra;

Laura Wagner; Elaine Casteluber; Bráulio Chaves e Ludmila Salomão.
Aos funcionários do POSLIN, principalmente ao Divino.

Aos amigos do projeto *Taba* Eletrônica: Professora Doutora Júnia Braga;
Professora Doutora Ana Cristina Fricke Matte; Professora Doutora Vera
Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva; Tereza Abrahão; Simone Garofalo;
Caterina Blacher; Marcos Racilan; José Euríalo; Maria de Fátima Franco;
Andréa Ribeiro e Ronaldo Gomes.

Aos amigos do Colégio Batista Mineiro, sobretudo Professora Valéria Pais,
Professora Bernadete Foureaux, Professora Karla Mabel, Professora
Niliane Maciel, William Quintal, Professora Carol Moraes e Lana Sant'ana.

Aos amigos do Centro Universitário Newton Paiva, que mesmo sem
compreenderem muito bem a minha pesquisa, ouviram curiosamente
minhas histórias com Getúlio. Dentre eles gostaria de destacar: Luciana
Boaventura, Gabriela Frois, Ramon, Carla Chiericatti, Luciano Emerich,
Lúcia Maria Batista, Oscar Palma Lima, e as queridas companheiras de
área: Cristia Miranda, Cristina Olimpio, Maria Eugênia, Maria de Lourdes
Ramalho Regina Velasquez e Vanderléia.

Aos amigos do Inade, Projecta, L'hermitage e Projeto Sempre um Papo,
notadamente, Professora Regina Cançado, João Lacerda, Neusa Borges,
Isabella Fernandes, Luciana Lima, Hércules Maciel, Viviane Raquel
Ribeiro, Carla Rossi, Alexa Salomão, Thaís Pacheco, Ana Rosa
Domingues e Afonso Borges.

Aos meus amigos de fé, irmãos e camaradas, Luciana Arruda, Hérica e Karina Abreu, Aziz Pedrosa, Camila de Paula, Patrícia Viza, Marcelo Ribeiro, Thiago Rangel, Caetano Silva que estando perto ou longe sempre me ajudam na superação das dificuldades e comemoram comigo minhas vitórias.

A minha amada família Lima, à vovó Olívia (*in memorian*), à tia Isânia e ao tio Isamar pelo apoio, carinho, e por compreenderem minhas tantas ausências.

Aos meus queridos sogros Masako e Katsuyoshi San, cunhados Suzuka, Akemi e Kadu, família do meu coração – *arigatô gozaimassu!*

E, acima de tudo, ao meu sustentáculo: meus pais Izaac e Dalva; e a minha irmã querida, Sabrina. *Todá rabá!*

Agradeço também à Karina Abreu pela formatação das grades e fluxogramas, à Renata Aiala de Mello pela tradução do resumo do português para o francês e ao Jonatas Aparecido Guimarães pela revisão final.

Finalmente, ao CNPq, pelo apoio financeiro indispensável para a realização desta pesquisa.

RESUMO

O Estado Novo, compreendido entre 1937 e 1945, foi fértil na reprodução de textos contendo apologias ao regime e exaltações à imagem do estadista Getúlio Vargas, tais como: biografias, discursos proferidos pelo próprio Getúlio Vargas, revistas/almanaques, livros didáticos entre outros. Tais estratégias visavam à difusão dos valores e ideais estadonovistas com o intuito de criar uma identidade nacional para os brasileiros. Dentre esses materiais selecionamos a biografia "Getúlio Vargas para crianças", de autoria de Alfredo Barroso, com o objetivo de analisarmos a construção dos *ethé* de Vargas e compreendermos o ideário daquela conjuntura. Nossos objetivos principais foram: i) compreender o contexto sócio-histórico em que a biografia estava inserida; ii) identificar o sujeito comunicante e o sujeito enunciador e suas intencionalidades; iii) analisar as estratégias discursivas do sujeito comunicante e do sujeito enunciador para obter a adesão de seu destinatário; iv) mostrar que os modos de organização do discurso contribuem para demonstrar como os *ethé* positivos de Vargas são construídos, e, por fim, v) esclarecer que apesar de o nosso *corpus* ter, em um primeiro momento, uma visada instrucional, ele é permeado por uma dimensão argumentativa. Para discutir tais questões, utilizamos como referencial teórico a Teoria Semiolinguística e os estudos acerca do *ethos* de Patrick Charaudeau e colaboradores. Por meio das análises, podemos dizer, de maneira geral, que o biógrafo construiu para Getúlio Vargas traços identitários positivos de credibilidade e identificação, uma imagem ideal de referência, com o intuito de influenciar o comportamento da sociedade daquela época e alcançar a adesão desse grupo para a manutenção dos ideais do governo.

RÉSUMÉ

L'Etat Nouveau [o Estado Novo], compris entre 1937 et 1945, fut riche dans la reproduction de textes avec des apologies au régime et des exaltations à l'image de Getúlio Vargas, comme par exemple: des biographies, des discours prononcés par Getúlio Vargas lui-même, des magazines/hebdomadaires, des livres didactiques, entre autres. Telles stratégies avaient comme but la diffusion des valeurs et des idéaux estadonovistas et la création d'une identité nationale pour les Brésiliens. Parmi ces matériels, on a sélectionné la biographie « Getúlio Vargas para crianças », d'Alfredo Barroso, pour y analyser la construction des éthé de Vargas et comprendre les idéaux dans cette conjoncture-là. Nos objectifs principaux sont : i) comprendre le contexte socio-historique de la biographie; II) identifier le sujet communicant et le sujet énonciateur ainsi que leurs visées ; III) analyser les stratégies discursives du sujet communicant et du sujet énonciateur pour obtenir l'adhésion du destinataire ; IV) montrer comment les modes d'organisation du discours peuvent contribuer pour la construction des éthé positifs de Vargas, et, finalement, v) voir que, malgré la visée d'instruction de notre corpus, il est imprégné par une dimension argumentative. Pour discuter telles questions, on utilise la Théorie Semiologique et les études concernant l'éthos de Patrick Charaudeau ainsi que d'autres chercheurs. Avec les analyses, on pourrait affirmer que le biographe a construit des traces identitaires positives de crédibilité et d'identification de Getúlio Vargas, une image idéale de référence, avec l'intention d'influencer le comportement de la société de son temps et atteindre l'adhésion de ce groupe pour la manutention des idées du gouvernement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Getúlio Vargas para Crianças.....	37
FIGURA 2 – Encenação 1 do ato linguageiro da Biografia <i>Getúlio Vargas para crianças</i>	38
FIGURA 3 – Diagrama dos papéis actanciais	59
FIGURA 4 – Capa e introdução da biografia <i>Getúlio Vargas para crianças</i>	73
FIGURA 5 – Esquema proposto por Mendes (2011).....	80
FIGURA 6 – Ilustração da biografia <i>Getúlio Vargas para crianças</i>	88
FIGURA 7 – Diagrama da proposta de análise	96
QUADRO 1 – Modos de organização do discurso	51
QUADRO 2 – Correspondências entre modo de discurso e gêneros textuais	53
QUADRO 3 – Descrição do <i>corpus</i>	90
QUADRO 4 – Relação das funções desempenhadas por Getúlio Vargas	155
GRADE 1 – Procedimento linguístico para <i>Nomear</i>	97
GRADE 2 – Procedimento linguístico para <i>Localizar-situar</i>	98
GRADE 3 – Procedimento linguístico para <i>Qualificar</i>	98
GRADE 4 – Ocorrências de <i>Papéis actanciais</i> do protagonista Getúlio Vargas em cada capítulo de sua biografia	99
GRADE 5 – Localização <i>Espacial</i> das histórias analisadas	99

GRADE 6 – Localização <i>Temporal</i> das histórias analisados	100
GRADE 7 – Síntese das ocorrências de <i>papéis actanciais</i> pelos principais personagens de cada história.....	138
GRADE 8 – Síntese da localização <i>espacial</i> da biografia.....	145
GRADE 9 – Síntese da localização <i>espacial</i> dos capítulos analisados.	146
GRÁFICO SETORIAL 1 – Síntese das ocorrências de <i>papéis actanciais</i> pelos principais personagens de cada história	139

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise do Discurso

EUc – EUcomunicante – sujeito comunicante

EUe – Euenunciador – sujeito enunciador

TUd – TUdestinatário – sujeito destinatário

TUi – TUinterpretante – sujeito interpretante

GV – Getúlio Vargas

FGV – Fundação Getúlio Vargas

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA BIOGRAFIA.....	29
1.1 A Teoria Semiolinguística	30
1.1.1 O Quadro Enunciativo e os Sujeitos da Comunicação	33
1.1.2 O contrato de Comunicação	44
1.1.3 Princípios de organização do discurso.....	45
1.1.3.1 O ato de comunicação	45
1.1.3.2 Os componentes da Situação de comunicação	46
1.1.4 Os modos de organização do discurso	49
1.1.5 Texto e gênero.....	52
1.2 Os Modos de organização narrativo e descritivo	56
1.2.1 O Modo narrativo	56
1.2.2 O Modo descritivo.....	62
1.3 A organização discursiva na biografia	64
1.4 Alguns pontos de vista acerca do conceito de identidade.....	67
1.4.1 Os componentes da identidade.....	73
1.5 As identidades social e discursiva.....	75
1.5.1 A identidade social.....	75
1.5.2 A identidade discursiva	77
1.5.3 <i>Ethos</i> , uma estratégia do discurso político	81
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	87
2.1 Coleta e descrição do <i>corpus</i>	87
2.2 Procedimentos e instrumentos de análise.....	93
3. CATEGORIAS DO DISCURSO E IMAGENS DE SI NA BIOGRAFIA	
<i>GETÚLIO VARGAS PARA CRIANÇAS</i>	104
3.1 O Modo de Organização <i>Descritivo</i>	105

3.2 O Modo de Organização <i>Narrativo</i>	138
3.3 A dimensão argumentativa.....	150
3.4 Os <i>ethé</i> de Getúlio Vargas.....	153
3.4.1 <i>Ethé</i> de credibilidade	155
3.4.2 <i>Ethé</i> de identificação.....	162
4. Considerações Finais.....	168
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXOS.....	184

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida.

(Marc Ferro)

Durante dez anos, ministrei aulas para crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I tanto em instituições públicas quanto em instituições particulares. Nesse período, pude observar que os materiais didáticos específicos de História, em sua maioria, não apenas ensinavam o conteúdo de História, propriamente dito, mas, também, implicitamente, procuravam inculcar nas mentes desse público, valores e comportamentos de cidadania desejados pela sociedade atual, “moldando” as crianças sem ensiná-las a verdadeiramente ter uma posição crítica e reflexiva a respeito dos fatos.

Essa questão era muito curiosa para mim, pois os conteúdos que estavam nos livros dos alunos não eram condizentes com o discurso dos autores nos cursos ministrados, o que era possível observar nos prefácios e manuais destinados aos professores. Existia, a meu ver, uma dissintonia entre uma coisa e outra, pois os autores sempre se apresentavam como críticos e questionadores, mas suas obras, ao contrário, pareciam-me conservadoras e positivistas.

Paralelamente a essa situação, era possível também observar que o grupo de professores com os quais trabalhava, em sua maioria, não se

atentava para essa questão. Muitos recebiam de forma “inocente” os dizeres dos autores, e não faziam uma contraposição com o material que era trabalhado nas aulas de História, cotidianamente. Contribuindo com minha breve experiência, as leituras de Eco e Bonazzi (1980. p.15) esclareceram esse fato:

Fazer o processo contra o livro de leitura implica num esforço de alheamento: é preciso que leiamos e releiamos uma página na qual estão difundidas ideias que costumamos considerar “normais” e “boas” e que nos perguntemos a nós mesmos: “Mas será mesmo assim?” De tal forma, estamos condicionados pelos nossos antigos livros de leitura, que ler os novos significa ter a capacidade e a coragem de dizer: “o rei está nu”.

Após esses anos, fui convidada para lecionar em nível universitário e foi neste período que tomei conhecimento da existência da biografia *Getúlio Vargas para crianças*. Rapidamente, comecei uma busca por tal material, que apenas encontrei no CPDOC/FGV¹ do Rio de Janeiro. Gostaríamos de abrir aqui um parêntese sobre nossa dificuldade em trabalhar com material de arquivo no Brasil. Parece-nos que a Fundação Getúlio Vargas não estaria muito disposta a fornecer o material por nós requisitado. Para começar, não é possível ter acesso ao original, mesmo sendo pesquisador. O material solicitado, além de ser pago, não tinha qualidade, as páginas estavam encadernadas de forma desordenada e o número de algumas páginas foi cortado devido a fotocópias malfeitas, o que julgamos ser um desrespeito ao pesquisador e também ao consumidor. Além disso, o custo por uma cópia escaneada é alto e não

¹ Procuramos por este material em vários outros órgãos, dentre eles, Biblioteca Central/Projeto Helena Antipoff; CDOC/FAE; Biblioteca Pública Luís de Bessa; Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro; Arquivo Público e Histórico do Município do Rio Claro etc. Não obtivemos êxito em nossa pesquisa.

há garantia de qualidade. Gostaríamos de deixar registrada aqui essa nossa dificuldade, pois acreditamos que a pesquisa sobre documentos brasileiros e, por consequência, sobre assuntos nacionais, deveria ser incentivada com acervo disponível *on-line* e livre acesso para os pesquisadores que venham a se interessar, a exemplo de tantas outras fundações e acervos nacionais encontrados na Europa e países da América do Norte. Com isso, percebemos a precariedade de pesquisa em acervos em nosso país e esperamos que nosso trabalho possa lançar alguma luz para este problema no sentido de mostrar a importância deste tipo de pesquisa. Fechamos nosso parêntese.

Quando tive acesso à biografia (publicada em forma de material escolar), em um primeiro momento, ela aparentou ser apenas uma história de vida, com a visada de *fazer-saber* a vida de Getúlio Vargas, o Presidente da época. Entretanto, a partir de uma leitura mais criteriosa, percebi, mesmo que intuitivamente, que o discurso político-estadonovista permeava o texto. A visada era de instrução, mas a dimensão parecia ser argumentativa da ordem do *fazer-criar* e *fazer-fazer*². O suporte material escolar parecia ser um pressuposto para sua entrada nas escolas, e o gênero biográfico uma oportunidade de apologia. Constatei, então, que esta poderia ser uma pesquisa a ser empreendida e que, ainda, iria ao encontro de antigas preocupações minhas.

² Explicaremos ao longo da pesquisa o que tais termos, adotados por Charaudeau (2004), *fazer-saber*; *fazer-fazer*; visada e dimensão, querem dizer para nós, analistas do discurso.

As escolas durante o Governo Vargas foram escolhidas como espaços vitais para a execução do projeto nacionalista³ por meio de um modelo de infância e juventude que projetaria, para o futuro, o trabalhador e patriota devotado desejado pelo Estado. Para tanto, as providências formativas visaram à reorientação de todos os aspectos didáticos e pedagógicos desde a gestão até a efetivação de um currículo adequado às propostas do Governo Getúlio. Como afirmou Bomeny (2003, p. 139):

Em sentido especial, a educação talvez seja uma das tradições mais fiéis daquilo que o Estado Novo pretendeu para o Brasil, formar um homem novo para o Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, forjar uma identidade positiva no trabalhador brasileiro.

Diante disso, pareceu-nos que esse material, que circulou nas escolas brasileiras em 1940, era representativo dos valores estadonovistas, que procuravam formar cidadãos súditos, leitores acríticos, membros da maioria silenciosa e “imitadores” de Getúlio Vargas. (ECO e BONAZZI, 1980).

A biografia *Getúlio Vargas para crianças* foi escrita por um biógrafo chamado Alfredo Barroso. Ressaltamos que não encontramos em nossas pesquisas nenhuma outra menção feita ao seu nome em materiais que circularam na mesma época da biografia. Sendo assim, não sabemos se tal escritor era um historiador ou não. Como dissemos acima, tal material parecia servir de manual para as crianças daquela época, que

³ O varguismo não se define como um fenômeno nazifascista, mas é relevante considerar a importância da inspiração das experiências italiana e alemã nesse regime – as similitudes são muitas (CAPELATO, 1998).

deveriam, incondicionalmente, obedecer ao modelo de cidadão proposto pelo e para o Estado Novo.

Este material foi confeccionado em uma encadernação pequena e possui, além do texto escrito, várias ilustrações que são distribuídas ao longo de toda a biografia. Esta tem ao todo 112 páginas destinadas a contar a vida de Getúlio, das pessoas que o influenciaram, seus feitos, comportamentos e sua trajetória até a chegada ao poder.

O texto biográfico é narrado por Alfredo Barroso, que nos conta a história em terceira pessoa, assumindo uma posição de observador e onisciente. É interessante o fato de que a introdução deste material (um paratexto), também destinado às crianças, inclusive pela marca do vocativo "crianças!", é assinada pelo próprio Getúlio Vargas, passando para nós, leitores, a impressão de que ele mesmo escreveu e de que validava sua biografia. Esse texto escrito por Getúlio Vargas, uma espécie de bilhete, concede credibilidade ao escrito de Alfredo Barroso.

Assim sendo, decidimos selecionar essa biografia como material de análise para a nossa pesquisa de Mestrado. Nossa escolha nos pareceu relevante, pois não encontramos na Análise do Discurso (AD) muitos trabalhos que explorassem o tipo de biografia que tínhamos em mãos. Muitos eram os fatores a serem considerados em relação a esse material: i) a biografia, na época de sua elaboração e divulgação, era de uma pessoa viva; ii) tal pessoa era o "Presidente" de um regime ditatorial; iii) o biógrafo foi contratado, possivelmente, pelo Estado, uma vez que tudo o que era produzido no país passava pelo crivo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP); iv) o texto era destinado às crianças; v)

a biografia foi inserida no suporte paradidático e circulou dentro de escolas brasileiras em 1940, auge do Estado Novo; e vi) o discurso da biografia é permeado por três domínios, a saber: o histórico, o educacional e o político.

Outro fator relevante é a distância temporal que temos em relação à época em que a biografia circulou, componente que contribuiu, acreditamos, para que pudéssemos fazer uma análise menos “assujeitada” às influências do período. Um outro detalhe importante, em relação ao distanciamento temporal, é o da possibilidade de cruzarmos os dados que constam na biografia com os dados históricos oriundos de pesquisas atuais. À época em que o material circulou, como dissemos, havia uma ditadura. Logo, uma grande regulação e controle da informação pelo Estado era imposta, fazendo com que a versão Estatal fosse a única “verdade”, o que não significa que isso se desse efetivamente. Ao contrário, hoje, vivemos em uma democracia, em que há, como pressuposto do Estado Democrático de Direito, o pluralismo de ideias e a liberdade de expressão⁴. Há também liberdade de pesquisa e, com isso, é possível encontrar novas versões da história varguista.

Diante do que foi colocado, surgiu a seguinte hipótese: o verdadeiro objetivo da biografia não seria apenas apresentar a vida do estadista para as crianças, mas sim os valores que eram desejados para o Estado Novo. Assim, ao contar a história de Getúlio, o seu dia a dia, seus pensamentos, suas atitudes, seus êxitos, por meio de uma escolha

⁴ A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, inciso IX: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença”; a Lei 12.528, de 2011, estabelece a Comissão da Memória e Verdade com o objetivo de esclarecer os fatos que ocorreram no período da Ditadura.

lexical criteriosa, que exaltava Vargas, o biógrafo tentaria despertar nas crianças o desejo de serem como o seu líder e, conseqüentemente, desenvolver uma identidade estadonovista⁵/nacionalista. Dessa forma, por meio de um paradidático que visava, aparentemente, informar as crianças sobre a vida de seu presidente e seus feitos gloriosos, a intenção do Estado seria manifestada implicitamente.

A partir dessa hipótese, buscamos responder às seguintes questões: i) por que a biografia de Getúlio Vargas para crianças foi inserida em um paradidático?; ii) na condição de paradidático, qual o possível efeito social provocado pelo uso da biografia de Getúlio Vargas? iii) a biografia foi colocada em circulação com uma finalidade didático-educativa ou política?; iv) qual a intenção da escolha por um gênero biográfico e não autobiográfico? Considerando esta escolha, quem se “comunica” com quem por intermédio desse discurso: o biógrafo com os seus leitores? Getúlio Vargas com o seu povo? Os professores com os seus alunos? v) a maneira como o discurso foi organizado pelo escritor contribui com a sua intencionalidade?

Para nos ajudar a responder tais questões, estabelecemos alguns objetivos específicos:

- Compreender o contexto sócio-histórico em que a biografia estava inserida.

⁵ O projeto nacionalista do Estado Novo valorizava, em outras palavras, a uniformização, a padronização cultural e a eliminação de quaisquer formas de organização autônoma da sociedade, que não fosse na forma de corporações rigorosamente perfiladas com o Estado. Daí seu caráter excludente e, portanto, repressor. A formação do Estado Nacional passaria necessária e principalmente pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 166).

- Identificar o sujeito comunicante e o sujeito enunciador e suas intencionalidades.
- Analisar as estratégias discursivas do sujeito comunicante e do sujeito enunciador para obter a adesão de seu destinatário.
- Explicar a diferença entre biografia e autobiografia, e como esse gênero pode ser “um oportunista”.
- Mostrar que os modos de organização do discurso contribuem para a construção dos *ethé* positivos de Vargas, logo, com a finalidade discursiva do biógrafo.
- Esclarecer que apesar de o nosso *corpus* ter, em um primeiro momento, uma visada informativa, ele é permeado por uma dimensão argumentativa.

A partir desse ponto, direcionamo-nos para a escolha do nosso quadro teórico-metodológico. Para alcançar nosso objetivo, será necessário, primeiramente, estabelecer a interface entre a História e a Análise do Discurso. A História terá como função nos ajudar a tentar entender a ideologia que perpassa o nosso material de análise, sendo que é importante o entendimento do contexto histórico em que ele circulou, quais eram os seus possíveis leitores e qual o objetivo de sua elaboração. Já a AD apresenta ferramentas teórico-metodológicas que nos ajudarão a analisar as estratégias usadas no referido *corpus*.

Buscaremos subsídios na História, na tentativa de cruzarmos os dados do nosso *corpus* com as fontes históricas mais atuais. Para isto, usaremos as contribuições de pesquisadores como Frischauer (1943); Young (1967); Faria e Barros (1983); Schwautzman, Bomeny e Costa (1984); Beloch e Abreu (1984); Dulles (1984); Brandi (1985); Jorge

(1985); Lenharo (1986), Koshiha e Pereira (1996); Rose (2001); Batista, Galvão e Klinde (2002); e Capelato (1998).

Em relação à Análise do Discurso (AD), dentre as teorias oferecidas, daremos ênfase à Semiologia; ao Modo de organização do discurso descritivo e narrativo – Charaudeau (2008); à questão do estatuto do gênero narrativo (ficcional e factual) – Mendes (2004); aos estudos sobre a identidade, seu desdobramento sobre a questão do *ethos* propostos por Charaudeau (2009). Proporemos, também, um diálogo acerca da dimensão argumentativa evidenciada em nosso material de análise, buscando, para tanto, contribuições de Amossy (2006), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) e Menezes (2006).

Para a Teoria Semiológica de Charaudeau, à qual nos filiamos, a linguagem é compreendida como algo indissociável de seu contexto sócio-histórico. Esse posicionamento teórico será responsável por nos ajudar a compreender: as instâncias de produção do discurso; os parceiros da troca linguageira e seus estatutos; a finalidade do ato comunicativo; e as circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato linguageiro.

Em relação aos parceiros da troca linguageira, utilizaremos também os estudos sobre a identidade e o *ethos*. O *ethos* para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220) “é a imagem que o sujeito locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre o seu alocutário”. Porém, na biografia de Getúlio Vargas, seu *ethos* não é construído apenas por ele próprio, mas com a colaboração de seu biógrafo. Diante disso, será necessária a expansão do conceito de *ethos*, para aquele que

o enunciador utiliza ao apresentar terceiros – o que tomaremos como o *ethos* de outrem (GALINARI, 2009).

No que diz respeito à questão da identidade, compreendemos que será necessária a colocação de alguns pontos de vista acerca desse conceito. Para estabelecer um diálogo sobre esse tema escolheremos teóricos como Foucault (1972), Gee (1990), Moita-Lopes (1998), Orlandi (2001), Hall (2003) e Charaudeau (2009). Partilharemos com esses teóricos da noção de que a identidade do sujeito é construída por meio de uma alteridade⁶ e, mais precisamente, nos filiaremos às contribuições de Charaudeau, pois, para nós, analistas do discurso, o sujeito é um híbrido de suas identidades sociais e discursivas.

Finalmente, com o intuito de encontrarmos os *ethé* evidenciados na biografia, aplicaremos em nosso *corpus* as categorias relativas ao modo de organização do discurso narrativo e descritivo, pois são predominantes em nosso material de análise. Para que tais resultados sejam mais operacionais e evidentes, faremos o uso de grades de análise.

Neste capítulo introdutório procuramos apresentar, resumidamente, os principais aspectos que desenvolveremos nesta dissertação. Apontamos nossas motivações e justificativas pela escolha do *corpus*, indicamos nossa hipótese de pesquisa, os questionamentos que se originaram a partir dela, e quais são os nossos objetivos. Procuramos também

⁶ Essa noção é derivada da filosofia, no interior da qual serve para definir o ser em uma relação que é fundada sobre a diferença: o eu não pode tomar consciência de seu ser-eu a não ser porque existe um não-eu que é o outro, que é diferente. (CHARAUDEAU; MAINGUÉNEAU, 2004, p. 34).

especificar qual será a nossa fundamentação teórica e a metodologia utilizada para a realização de nossas análises.

Esta dissertação será dividida em três partes. No *primeiro capítulo*, abordaremos a Teoria Semiolinguística, o estudo da biografia, alguns pontos de vista sobre o conceito de identidade e seus componentes e a questão do *ethos*. Já no *segundo capítulo*, mostraremos quais serão os procedimentos metodológicos adotados, como a coleta, a descrição do *corpus* e os instrumentos de análise realizados. E, finalmente, o *terceiro capítulo* que será dedicado à análise do *corpus*. Por meio da investigação dos papéis actanciais, dos procedimentos de localização espacial/temporal da história e dos procedimentos de nomeação, de localizar-situar e de qualificação, identificaremos os traços importantes na construção dos *ethé* de Getúlio Vargas. Ainda neste capítulo teceremos alguns comentários sobre a dimensão argumentativa presente em nosso material de análise.

**A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA
BIOGRAFIA**

1. A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA BIOGRAFIA

Nenhum sistema político é mudo. Um poder que não fala pelo *décor*, pela *mise en scène*, pelas medalhas etc., perderia a adesão do grupo.

(Dominique Pélassy)

Nosso objetivo, como colocado na introdução deste trabalho, é mostrar como Getúlio Vargas tentou manipular o imaginário dos cidadãos brasileiros apresentando-se como um líder ideal que ajudaria o povo brasileiro a construir uma identidade nacional frente ao mundo.

Esta tentativa de manipulação aconteceu por meio de muitas táticas, entre elas a superexposição da imagem de Getúlio e a elaboração de materiais que exaltavam o seu governo. Conforme Capelato (1998), dentre estas táticas estão as suas fotografias, que eram obrigatoriamente afixadas em todas as escolas, fábricas, repartições públicas, bares e restaurantes, vagões de trens. Sua efigie estava nas moedas, selos, placas comemorativas e de inauguração. Canções enalteciam o seu governo, dentre os músicos, Ataulfo Alves e Heitor Villa-Lobos⁷. Seu nome foi atribuído a inúmeras ruas e logradouros públicos. A imagem de Getúlio impregnava todos os lugares e ambientes durante todo o tempo e de diversas formas.

Foi durante a ditadura de Getúlio Vargas que mais se produziram livros com o objetivo específico de apoiar o seu governo. Garcia (1999) explica

⁷ Maiores informações sobre a participação de Villa-Lobos no Estado Novo podem ser encontradas na dissertação de mestrado de Melliandro Mendes Galinari (2009).

que centenas de obras elogiosas ao regime e enaltecidas da personalidade de Vargas foram escritas, em linguagem simples e acessível, para que fossem lidas pelo maior número possível de pessoas. Dos materiais publicados na época do Estado Novo, selecionamos, para fins de pesquisa e por uma questão metodológica, uma de suas biografias: *Getúlio Vargas para crianças*. Nesse texto – discurso materializado – apontaremos algumas estratégias de escrita que objetivavam captação e adesão do leitor às aspirações político-econômico-ideológicas do Estado Novo, período que centralizou normas e práticas e construiu tradições em torno de um ideário nacionalista, para a formação do homem civilizado rumo ao trabalho pela pátria.

1.1 A Teoria Semiollingística

A Teoria Semiollingística de Charaudeau é apropriada aos objetivos desta pesquisa, por sua compreensão acerca da linguagem. Resumidamente, podemos dizer que a linguagem (objeto de estudo), para esta vertente teórica, é compreendida como algo indissociável de seu contexto sócio-histórico, no qual ganha vida para satisfazer certas intenções provenientes dos sujeitos em interação. Esse posicionamento teórico é responsável por detectar a maneira pela qual as formas da língua são organizadas de modo a entender determinados processos, procedentes das circunstâncias particulares em que se realizam os discursos.

Como podemos perceber, na perspectiva da semiollingística charaudiana, é importante considerar as condições sociais em que as manifestações languageiras ocorrem, considerando o que está dito (explícito) e o que não é dito (implícito). Parte-se, nesse caso, do

pressuposto de que toda situação de comunicação determina um uso estratégico da língua, apropriado às suas especificidades e gerado pelas intenções comunicativas dos sujeitos envolvidos nessa interação.

Para a Semiologia o ato de comunicação é análogo a uma encenação (*mise en scène*), como esclarece Machado (2001, p. 51).

[...] assim como o diretor de uma peça teatral usa os espaços cênicos, a decoração, a luz, os efeitos sonoros, os atores, um determinado texto – para produzir efeitos de sentido em um público – assim o locutor, querendo comunicar, seja pela fala, seja por escrito, seja por gestos, desenhos – usará os componentes do dispositivo de comunicação, em função dos efeitos que visa provocar em seu interlocutor.

A partir desses princípios colocados, compreendemos que a Teoria Semiológica apresenta-nos um modo próprio para o estudo do discurso. Para Charaudeau (2001), o discurso deve ser compreendido como parte integrante de um processo bem amplo, relacionado à encenação do ato de linguagem. Tal encenação compreende um dispositivo que contém dois circuitos, a saber: um *circuito externo*, relativo ao lugar do *fazer psicossocial* (elemento situacional); e um *circuito interno*, no qual se situa o lugar da *organização do dizer*, sede do discurso.

Ainda na perspectiva do supracitado autor, o circuito externo (nível situacional) diz respeito às circunstâncias de produção do discurso. Nele encontraremos os sujeitos possuidores de uma intencionalidade e conectados por uma situação de comunicação real. Todos esses elementos circunstanciais antecedem e motivam a materialização do discurso (circuito interno/nível discursivo).

Cada ato de linguagem, nessa abordagem, combinará duas instâncias indissociáveis: i) *discursiva*: lugar de encenação, em que estão situados os “seres da palavra”; ii) situacional, do fazer, em que estão localizados os seres empíricos, psicossociais, ou seja, os sujeitos da ação, capazes de organizar o mundo real em mundo linguageiro (PROCÓPIO, 2008). Charaudeau (2001, p. 28-29) ressalta ainda, mais duas características desse fenômeno:

Todo ato de linguagem corresponde a uma dada expectativa de significação. O ato de linguagem pode ser considerado como uma interação de intencionalidades cujo motor seria o princípio do jogo: “jogar um lance na expectativa de ganhar”. O que nos leva a afirmar que a encenação do dizer depende de uma atividade estratégica – conjunto de estratégias discursivas – que considera as determinações do quadro situacional.

Todo ato de linguagem é o produto da ação de seres psicossociais que são testemunhas, mais ou menos conscientes, das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem. Isso nos leva a colocar que o ato de linguagem não é totalmente consciente e é subsumido por um certo número de rituais sócio-linguageiros.

Ao abordar o fenômeno da significação linguageira, a Teoria Semiolinguística considera, portanto, o aspecto situacional, ou seja, os fatores históricos, sociais, culturais, psicológicos e intencionais do ato de linguagem, incluindo tanto o sujeito (produção) que deseja comunicar quanto aquele que vai interpretar (recepção). Em seguida, apresentaremos o quadro comunicacional proposto por Charaudeau – que apresenta as categorias que giram em torno da noção de ato de linguagem – a partir do qual os conceitos apontados até o momento serão aprofundados.

1.1.1 O Quadro Enunciativo e os Sujeitos da Comunicação

Retomando o que já foi dito, o ato de linguagem não é considerado na perspectiva semiolinguística como um simples ato de comunicação. Tal ato não é o resultado simétrico entre o emissor e o receptor, tampouco o resultado de uma única intenção do emissor. Todo ato de linguagem é uma consequência de um jogo entre implícito e explícito, logo:

(i) vai nascer de circunstâncias de discurso específicas; ii) vai se realizar no ponto de encontro dos processos de produção e de interpretação; iii) será *encenado* por duas entidades, desdobradas em sujeito de fala e sujeito agente⁸ (CHARAUDEAU, 2009b, p. 52).

Ou seja, ele é situacional, por esse motivo, precisamos considerar o recorte histórico, os sujeitos envolvidos na produção da biografia de Getúlio Vargas e os supostos leitores (instância de recepção).

O ato linguageiro, de acordo com Charaudeau (2009a), em sua totalidade, perfaz dois circuitos de produção: o *circuito externo* (nível situacional) em que se encontram duas instâncias, a de *produção* do discurso, representada pelo *sujeito comunicante* (EUc) e a de *recepção*, representada pelo *sujeito interpretante* (TUi). Esses sujeitos são seres reais, historicamente determinados e recebem o nome de parceiros. Em virtude de suas funções e intenções, decorrentes de uma dada situação de comunicação, esses parceiros realizam, respectivamente, um projeto de fala e suscitam uma expectativa de interpretação. O nível situacional não é, portanto, o discurso propriamente dito, mas será determinante

⁸ Ou seja: EUc/EUe e TUd/TUi, os quatro sujeitos do ato de linguagem.

para a sua configuração. Em outras palavras, trata-se das condições de produção do discurso (o *fazer*).

Já no *circuito interno* (nível discursivo), estão localizados os dois *seres de fala*, denominados de protagonistas: sujeito enunciador (EUE) e o sujeito destinatário (TUD). Eles são o resultado da encenação do *dizer* realizada pelo EUC, que será interpretada pelo TUI. Considerando a situação de comunicação, o EUC utilizará estratégias discursivas apropriadas em relação ao que se deve, se pretende e se espera dizer. Para isto, o EUC projetará um EUE, responsável pela materialização linguística de tais estratégias.

O EUE é uma imagem de si (discursiva) que o indivíduo (ser real) constrói por meio da linguagem. Essa imagem de si (o *ethos*⁹) é reconstruída continuamente por cada um dos falantes, ela pode variar de acordo com as situações de comunicação em que eles se encontram. Como exemplo, podemos dizer que um aluno terá diferentes identidades¹⁰ discursivas considerando suas visadas, no intervalo da escola, nas apresentações de trabalho em sala da aula, em uma conversa formal com a coordenação de um curso etc. Para cada situação, é necessário o uso de uma “máscara” linguística, apropriada para aquele

⁹ *Ethos*, termo emprestado da retórica antiga, em grego ἦθος, personagem, designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer influência sobre o seu alocutário. Esta noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal. Discorreremos sobre este tema em um tópico à parte.

¹⁰ Há uma diferença entre *ethos* e identidade: *ethos* é efêmero e identidade possui alguma permanência, que pode ser por maior ou menor tempo. A identidade mulher é mais constante (e pode sofrer variações), a identidade adolescente já é mais efêmera. Para esta questão ver:

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. O *ethos* em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida L. & MELLO, Renato de. (Orgs.) *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2010. p. 117-135

momento. Em síntese, o estatuto dos protagonistas pode se transformar de um caso para outro.

Com base na descrição do quadro comunicacional, feita por Charaudeau, apresentaremos agora os sujeitos do discurso presentes em nosso *corpus*, a biografia *Getúlio Vargas para crianças*. É relevante dizer que analisaremos muitos fragmentos desse *corpus* durante o desenvolvimento da pesquisa, porém ele pode ser visualizado na íntegra no anexo ao final desta dissertação.

O narrador, em nosso caso um biógrafo, é um elemento presente em toda a narrativa, pois é ele quem conta a história, lançando pistas de sentido para o leitor. O narrador do nosso *corpus* é um observador que tudo vê – ou quase tudo – e narra em terceira pessoa, como se tivesse dizendo apenas aquilo que sabe e deixando o leitor ir construindo o seu próprio entendimento. Essa forma narrativa, na maioria dos casos, é uma tendência que se orienta para uma descrição mais objetiva pelo distanciamento que a forma enunciativa em terceira pessoa constrói. Porém, como observamos em nosso material de análise, apesar do uso da terceira pessoa passar a ilusão de objetividade, mantendo a verossimilhança da obra, outras marcas enunciativas utilizadas, como os qualificadores, apontam para a subjetividade do autor.

Outro fator importante é que apesar do uso da terceira pessoa ser predominante, em cinco momentos, que apontaremos mais adiante, há a presença do narrador por meio do uso da primeira pessoa do plural. Por meio desta forma verbal, o narrador se apresenta como um brasileiro, como um admirador e seguidor de GV e dialoga com o seu leitor, colocando-se em uma posição isonômica, ou seja, “é um

brasileiro que vos fala". O uso do termo "nós" é também uma forma de engajar o outro na sua narrativa.

A biografia de Getúlio Vargas escrita por Alfredo Barroso é narrativizada por este biógrafo do início ao fim. Isto significa que é por meio do que ele "diz" que os leitores conhecerão, discursivamente, as personagens da história, principalmente, a vida de Getúlio. O escritor constrói o seu projeto de escrita seguindo uma ampla estrutura que perpassa todo o texto, desenvolvendo o seu enredo. Ele parte da apresentação das personagens, situando-as no tempo e no espaço, qualificando-as (por meio de descrições) para, em seguida, inseri-las numa sequência lógica de ações e envolvê-las em um plano.

É importante observar, como veremos na análise do *corpus*, que a escolha de cada personagem, lugar, data, atitude etc. foi feita com a intenção de criar uma imagem positiva para Getúlio. Esses fatores juntos compõem uma rede de influência sobre a vida de GV desde a sua infância até a chegada ao Poder. Nesse lapso temporal, obstáculos surgem, confrontos são revelados, alianças são feitas e, juntos, todos caminham para o desfecho, que naturalmente propõe uma moral para a história – geralmente dentro de uma estrutura arquetípica relacionando o bem e o mal.

Retomando a posição do narrador, apesar de aparentar que todo o texto foi escrito pelo biógrafo, é curioso o fato de a abertura da biografia ser da autoria de Getúlio. O prefácio, na forma de um bilhete, é direcionado às crianças e assinado pelo próprio Getúlio, pareceu-nos uma espécie de discurso direto, que é colocado inclusive entre aspas. Nesta parte, Getúlio "fala" diretamente aos seus destinatários, como pode ser visto em seguida. Essa é uma estratégia bastante interessante, pois legitima

o que será exposto na biografia, ou seja, é um argumento de autoridade que vem endossar o que está exposto pelo biógrafo. Além disso, o uso da modalidade alocutiva (o vocativo, o uso de "vós") produz um efeito de aproximação entre Getúlio e as crianças leitoras. A introdução da biografia pode ser vista a seguir:

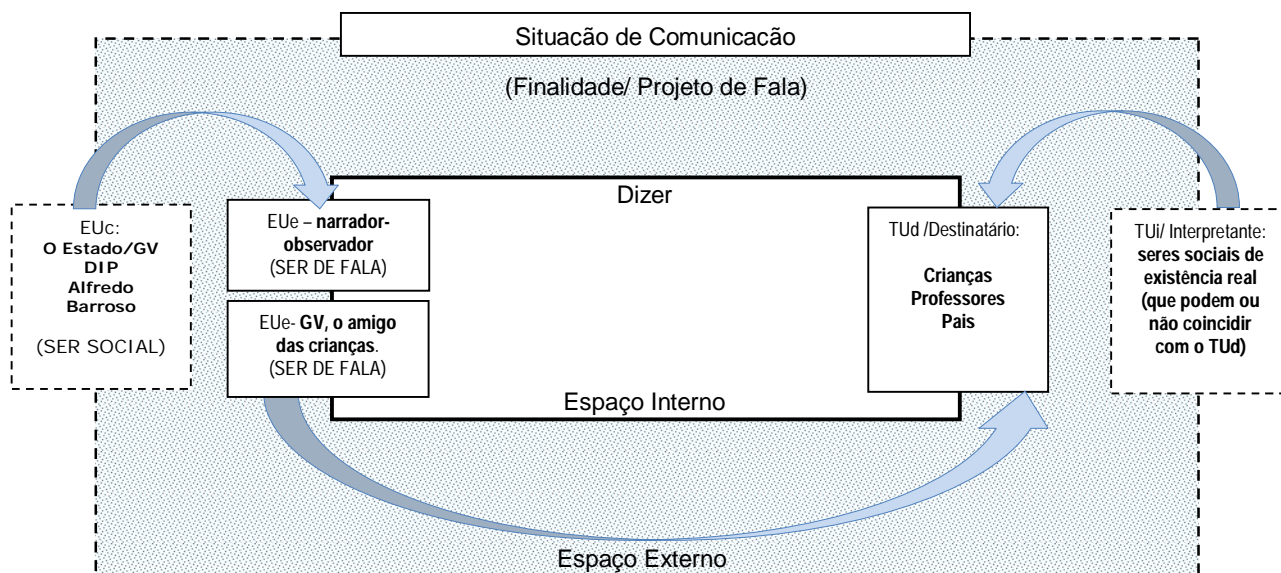
FIGURA 1 – *Getúlio Vargas para crianças*



Fonte: BARROSO, 1942, introdução da biografia – prefácio.

A partir do que foi colocado, elaboramos a seguinte proposta para o quadro enunciativo e os sujeitos da comunicação.

FIGURA 2 – Encenação 1 do ato linguageiro da Biografia *Getúlio Vargas para crianças*



Fonte: P. Charaudeau, 2009b, p. 52. Adaptado.

No espaço externo, temos uma instância compósita: o sujeito comunicante (EUC), o escritor Alfredo Barroso, ser social, representante do Estado e chancelado pelo DIP¹¹, autor e organizador da obra. Temos também a figura do Estado e o próprio DIP, agente regulador.

Já no espaço interno, teremos, estrategicamente, os dizeres do próprio presidente, dando assim credibilidade a sua biografia. Nesse momento,

¹¹ Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – para garantir o funcionamento do novo regime, foram criados vários instrumentos de controle e repressão, dentre eles, o DIP, encarregado do controle ideológico. Para tanto, exercia a censura total dos meios de comunicação – imprensa, rádio, cinema e educação – através dos quais, inoculando na sociedade o medo do “perigo comunista”, sustentava o clima de insegurança que justificava o novo regime. Além disso, trabalhava na propaganda do presidente, formando dele uma imagem sempre favorável. Com esse fim foi instituída a Hora do Brasil, emissão radiofônica obrigatória. Naturalmente, a intolerância pela diversificação da informação era a base do novo regime. E qualquer oposição ideológica era duramente reprimida, a exemplo do confisco do jornal *O Estado de São Paulo*, fundado por Júlio de Mesquita. (ROSE, 2001).

há a tentativa de associar sua imagem à de um conselheiro que aponta comportamentos que as crianças devem ter para que o Brasil se desenvolva. Assim sendo, o EUe/GV, ser da palavra, será um amigo que fala para as crianças. Essa estratégia de desdobramento é colocada em cena com a finalidade de criar uma imagem de destinatário (TUd) leitor-ideal para o EUc e, indiretamente, às suas famílias, professores e outros sujeitos, que, porventura, tiverem contato com tal texto.

Maingueneau¹² (1987 *apud* LESSA, 2009, p. 138) nos faz compreender bem essa tática, ao dizer que a citação é como um simulacro, uma “teatralização de uma enunciação anterior”. Já Authier-Revuz¹³ (1998 *apud* LESSA, 2009, p. 138) explica que, nessa teatralização, um determinado Locutor¹⁴, em um tempo e em um espaço, reconstrói uma outra cena enunciativa, real ou imaginária; esta se torna presente somente através da descrição que o Locutor faz dela na mensagem que profere. Ainda de acordo com Lessa (2009) algumas consequências derivam desse processo de descrição:

- i) a reconstrução que o Locutor faz da outra cena enunciativa será sempre parcial, subjetiva, nenhum discurso citado pode ser considerado uma restituição completa e fiel de um outro ato de enunciação; mesmo quando ocorre repetição literal de uma mensagem, pois é importante observar que é o Locutor quem

12 MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1987.

13 AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. Cláudia Castellanos R. Pfeiffer et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

14 É importante ressaltar que o Locutor de Authier-Revuz corresponde ao EUenunciador de Charaudeau, ou seja, o ser de fala.

escolhe a maneira de descrever os elementos da situação anterior;

- ii) nesse processo de recontextualização de uma outra cena enunciativa, deve-se prestar atenção no sintagma introdutor – componente sentencial que abrange as escolhas lexicais dos verbos de dizer (*dicendí*), a nomeação dos indivíduos (interlocutores da outra cena), bem como a escolha dos elementos adverbiais; ou seja, esses elementos recebem uma axiologização (positiva ou negativa) de acordo com a competência ideológica, e os interesses retóricos do Locutor.

Como dissemos, no espaço interno teremos o EUE1, Getúlio Vargas, o amigo das crianças. Além dele, teremos o EUE2, o narrador-observador da biografia, indivíduo onipresente e onisciente durante todo o desenrolar da história. Esse EUE2 é a projeção do EUC Alfredo Barroso, ser social, dono do projeto de escrita.

Escolhemos esse trecho do nosso material de análise para descrever o funcionamento deste jogo enunciativo:

[2] Nesse município de belas paisagens e de gente robusta nasceu o menino Getúlio Vargas, filho de um bravo gaúcho-soldado de Passo Fundo, o General Manuel do Nascimento Vargas e de Dona Cândida Dornelles Vargas. O General, firme e sorridente, já passou da casa dos 90 anos. Dona Cândida morreu perto dos 70. Cinco filhos teve o casal, todos eles dotados de fortaleza física e de inteireza de espírito. Getúlio Vargas nasceu, assim, numa terra de gente destemida e forte, de uma família de almas afeitas ao trabalho e à bondade. No jovem gaúcho floriam todas as belas qualidades humanas de energia e boa vontade (BARROSO, 1942, p. 8).

Essa narrativa escrita de forma biográfica pelo EUC (Alfredo Barroso) é narrada em terceira pessoa, porém é assumida por um EUE (narrador-observador). O desdobramento pode ser visualizado de forma mais clara a seguir.

- Um EUC: escritor/biógrafo – Alfredo Barroso – *ser social*, é quem coleta os dados para elaborar tal texto, possui um certo projeto de escrita e que, para executá-lo, organiza o seu ato de linguagem com a finalidade de transformá-lo em ato de escritura biográfica e dirige-se a um leitor que pressupõe ter conhecimento de um dado “contrato”¹⁵. Para compreendermos esse contrato, precisamos considerar a época histórica (Estado Novo), o ambiente (escolar) e quem apresentava o texto para as crianças (professora, legitimada pela instituição escolar, detentora de um saber e de uma função de educar e fazer-saber) etc. “É esse EUC-escritor que elabora um jogo lúdico entre os contratos de ‘confidência’ e de ‘real’ [...], com os quais adorna sua narrativa” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 56).
- Um EUE¹⁶: narrador-observador – *ser de fala*, é quem narra a história, apresenta a personagem Getúlio, “nasceu o menino Getúlio” (BARROSO, 1942, p. 8), filho de um bravo gaúcho-soldado (BARROSO, 1942, p. 8). Define acontecimentos, “Getúlio Vargas nasceu, assim, numa terra de gente destemida e forte” (BARROSO, 1942, p. 10). Descreve lugares, “nesse município de belas paisagens e gente robusta” (BARROSO, 1942, p. 7). Enfim,

¹⁵ Esse termo é usado pelos analistas do discurso para mostrar como o ato de linguagem se torna válido do ponto de vista do sentido. Ele será a condição para que os parceiros do ato linguageiro se compreendam e possam interagir.

¹⁶ O EUE é o desdobramento do EUC, construído por ele e representa seu traço de intencionalidade (conjunto de intenções que podem ser mais ou menos conscientes, mas que são todas marcadas pelo selo de uma coerência psicossociolinguageira) no ato de produção discursiva (CHARAUDEAU, 2009b).

apresenta os elementos da narrativa que tecem a história biográfica.

É necessário observar que os parceiros do ato comunicativo, na perspectiva da semiolinguística, devem possuir as competências necessárias que aquele exercício social de comunicação exigirá deles. Quanto melhor for o domínio do sujeito sobre essas normas, estratégias e comportamentos, melhor será realizada a troca verbal entre os sujeitos.

A construção da biografia é estruturada a partir do efeito produzido por alguns contratos, dentre eles o de confiança. Para isso, algumas estratégias são utilizadas, como exemplo: nome da obra *Getúlio Vargas para crianças*, que aponta para uma aproximação entre o estadista e as crianças; o bilhete de abertura (um paratexto) do paradidático evocando as crianças, e assinado pelo próprio Vargas e a apresentação da personagem Getúlio. Tal apresentação é feita iniciando-se pela infância do estadista, buscando criar, uma afinidade e identificação com o público infantil deste material¹⁷.

Nota-se que o biógrafo EUc projeta um EUE narrador-observador, mas também um contador de história. Ao narrar a trajetória de vida de Getúlio, ele apresenta um tom de amigo da família, que está contando uma história da qual fez parte e que concorda com ela, isto pode fazer o leitor ter a ilusão de estar diante de uma narrativa oral oriunda de uma vivência real e, portanto, vinda do que Charaudeau (2008) denomina saber de conhecimento adquirido pela experiência. Este testemunho do

¹⁷ Estas análises serão desenvolvidas posteriormente.

real e do vivido provoca um efeito de real. Ainda sobre esta temática, Charaudeau (1992, p. 760) elucida que:

- L'effet de réalité résulte d'une convergence d'indices qui tendent à construire une vision objective du monde, laquelle doit faire l'objet d'un consensus social. Cet effet peut être marqué par des indices qui révèlent le tangible de l'univers (ce qui peut se percevoir), l'expérience (le partage du vécu), le savoir dont le narrateur donne l'illusion qu'il peut être vérifié (monde de la rationalité), etc. - L'effet de fiction répond au désir de se voir vivre dans une histoire qui a un début et une fin, autrement dit de se voir vivre dans une unité du moi [...]. D'où la raison d'être du héros qui participe, par définition, de cet univers fictionnel. Cet univers ne demande pas à être nécessairement vérifié par une rationalité sociale. Aussi voit-on proliférer les indices qui renvoient soit à un monde irrationnel de mystère, de magie, de hasard, soit à un monde intelligible à l'intérieur de certains codes de vraisemblance qui ne représentent pas nécessairement la réalité (genre policier, romanesque, fantastique,...)¹⁸.

Diante disso, estrategicamente, o EUE se configura como uma voz que poderia ser um amigo próximo de GV, seria assim, uma testemunha direta e viva de uma realidade pessoal. Temos aqui uma estratégia de credibilidade sendo construída, "podem acreditar em mim, sou testemunho desta história".

¹⁸ O efeito de realidade resulta de uma convergência de indícios que tendem a construir uma visão objetiva do mundo, a qual deve ser objeto de um consenso social. Esse efeito pode ser marcado por indícios que revelam o tangível do universo (o que se pode perceber), a experiência (o compartilhamento da vivência), o saber sobre o qual o narrador dá a ilusão de que pode ser verificado (mundo da racionalidade), etc. O efeito de ficção responde ao desejo de se ver inserido numa história na qual há um início e um fim, ou seja, se ver inserido numa unidade do eu [...]. Daí a razão de ser do "herói", que participa, por definição, desse universo ficcional. Esse universo não precisa ser necessariamente verificado por uma racionalidade social. Veem-se, também, proliferar os indícios que remetem seja a um mundo irracional de mistério, de magia, de destino, seja a um mundo inteligível no interior de certos códigos de verossimilhança que não representam necessariamente a realidade (gênero policial, romanesco, fantástico,...). (Tradução de Renato de Melo e Teresa Cristina Alves de Melo, 2006, p. 276).

No próximo tópico, explicaremos o contrato comunicacional que é feito entre os sujeitos inseridos no nível situacional.

1.1.2 O contrato de Comunicação

O contrato de comunicação está relacionado ao nível situacional do quadro enunciativo. De acordo com Charaudeau (1994, p. 9),

toda situação de comunicação pressupõe um conjunto de dados fixos, os quais determinam, ao mesmo tempo, um quadro de restrições discursivas e um espaço de estratégias para os parceiros envolvidos.

Sendo assim, as circunstâncias que determinam o contrato de comunicação são da ordem situacional.

Nesse quadro contratual (das restrições discursivas), a troca linguageira é restringida por quatro tipos de informações relacionadas: i) à finalidade do ato comunicativo (o sujeito comunicante se posiciona para fazer e dizer o quê?); ii) às identidades dos sujeitos (quem comunica com quem, quais papéis desempenham, quais estatutos possuem?); iii) às circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato linguageiro (qual o ambiente, os recursos, qual canal de transmissão?) e iv) o propósito (ver dicionário de AD). O quadro contratual, como pode ser visto, restringirá a liberdade dos sujeitos falantes em relação aos seus discursos.

A partir do que foi exposto, apresentaremos os princípios que norteiam a materialização discursiva.

1.1.3 Princípios de organização do discurso

1.1.3.1 O ato de comunicação

Como vimos anteriormente, o *ato de comunicação* é um dispositivo que tem em seu centro o sujeito falante EU (produção) interagindo com o seu parceiro TU (recepção). Os outros componentes desse dispositivo, de acordo com Charaudeau (2009b) são:

- a *Situação de comunicação*¹⁹: espaço externo ao ato de linguagem, o ambiente físico e social, no qual estão inseridos os parceiros da troca linguageira. Esses parceiros são detentores de uma identidade (psicossocial) e são conectados por um contrato de comunicação;
- os *Modos de organização do discurso* (MOD): princípios de organização da matéria linguística – feixe de regularidades – que dependem da finalidade, da intenção comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, contar e/ou argumentar. “São as condições de construção do discurso que o sujeito falante disporia para organizar sua intenção discursiva, e não como esquematização do texto” (CHARAUDEAU, 2004, p. 17);
- o *Texto*, seja ele escrito ou falado: definido como a materialização do ato de comunicação, ele resulta de escolhas conscientes ou não, do sujeito falante. Este sujeito faz suas escolhas dentre os *Modos*

¹⁹ Gostaríamos de fazer uma breve distinção entre *situação* e *contexto de comunicação*. A *situação de comunicação* é externa ao ato de linguagem, embora constitua as condições de realização desse ato; o *contexto de comunicação* é interno ao ato de linguagem e sempre configurado de alguma maneira (texto-verbal, imagem, grafismo etc.) conforme postulado por Charaudeau (2009, p. 69).

de organização do discurso, as categorias da Língua, em função das restrições estabelecidas pela Situação de comunicação;

- a *Língua*: material verbal estruturado em categorias linguísticas, que possui, concomitantemente, uma forma e sentido.

Diante disso, percebemos que a comunicação é um acontecimento complexo e não consiste simplesmente em transmitir uma mera informação. “Os processos de concepção e de compreensão estão intrinsecamente ligados aos processos de produção da linguagem”. (CHARAUDEAU, 2009b, p. 68). A comunicação é como uma *mise en scène*, assim como um produtor de teatro faz com sua peça. Para que o público capte os efeitos de sentido necessários para a compreensão do texto cênico, ele escolherá as melhores estratégias possíveis como o espaço do palco, a luz, o som, os cenários, o discurso, os atores etc.

1.1.3.2 Os componentes da Situação de comunicação

A situação de comunicação constitui um espaço de troca no qual todo sujeito falante ocupa o seu centro e se coloca em relação a um parceiro. Essa relação se definirá de acordo com as seguintes características propostas por Charaudeau (2009b) que serão ilustradas com base em nosso *corpus*:

a) Características físicas:

* Os parceiros

- A relação EUC e TUD não é física, ou seja, os parceiros não estão presentes fisicamente diante um do outro. Trata-se de um texto que tomará vida em sua enunciação, ao ser lido.

- São muitos e têm um papel fundamental para o funcionamento e objetivo do texto.

* O canal de transmissão:

- Nosso *corpus* é um canal gráfico, impresso.

- Pode ser considerado um canal indireto, pois ele é transmitido por meio da escola, de um professor etc.

- O código semiológico utilizado são as ilustrações que ajudam as crianças a compreender a história e as estimulam a ter interesse por ela.

b) *características identitárias dos parceiros:*

- sociais: idade, sexo, raça, classe etc.

Os dois EUC: Getúlio Vargas e Alfredo Barroso são homens, adultos e pertencentes a classe dominante/elite, por exemplo. Os destinatários diretos: todas as crianças, que de alguma maneira ajudariam na manutenção da identidade nacional. Indiretamente, temos os pais das crianças, os professores etc., que, inevitavelmente, teriam contato com a biografia, pois os tutores das crianças, de um modo geral, fiscalizam o que elas leem.

- socioprofissionais: Getúlio Vargas: presidente; Alfredo Barroso: escritor; as crianças, possíveis estudantes.

- psicológicas: amigo, amável, ingênuo, agressivo, nervoso etc.

Getúlio Vargas na introdução da biografia se apresentará como um amigo das crianças, alguém que deseja o melhor para elas; nos outros capítulos, a imagem de GV é apresentada ao leitor pelo biógrafo, Alfredo Barroso. Nesses momentos GV terá seus *ethé* projetados: competente, dedicado e, em alguns momentos, até agressivo, pois como estadista precisou, em alguns momentos,

conter os agitadores, em nome do bem-estar da nação. Falaremos acerca deles posteriormente.

- relacionais: em relação ao EUc GV, podemos dizer que o TUd o reconhece, pois ele é o presidente do Brasil; no que tange à figura de Alfredo Barroso, não há indício de reconhecimento pelo TUd, mas podemos inferir que ele possui credibilidade, pois foi escolhido e chancelado pelo DIP para escrever a biografia de Getúlio.

c) *características contratuais*:

- troca/ não troca: o contrato estabelecido por nosso material de análise não permite uma troca dialogal (como em uma exposição de um conferencista), pois nem GV nem AB estão presentes no ato da enunciação, ou seja, no momento em que os leitores leem o texto.

- os rituais de abordagem: constituem as restrições, obrigações ou simplesmente condições de estabelecimento de contato com o interlocutor. Como exemplo, em um bate-papo em que as pessoas se saúdam, as manifestações de polidez etc. Em nosso *corpus* pode-se verificar em algumas partes, como na introdução, por exemplo, em que Getúlio escreve uma carta às crianças evocando-as de maneira calorosa e despedindo-se.

- os papéis comunicativos: são os papéis que os parceiros linguísticos devem assumir de acordo com o contrato que os une.

Em síntese, utilizaremos novamente, o exemplo do professor em sala de aula. Nessa situação de comunicação, espera-se que ele assuma determinados papéis: explique, questione e ordene. Da mesma maneira, espera-se que os alunos respondam a tais ações executadas pelo professor. É importante ressaltar que tais papéis são os previstos para

uma dada situação, porém eles podem ou não ser executados pelos sujeitos.

Como vimos, em uma troca linguageira o estatuto dos parceiros é fundamental. Além disso, precisamos considerar também, o modo como o discurso proferido pelo enunciador será organizado a fim de atingir o seu objetivo comunicativo. Dessa maneira, tal discurso poderá ser enunciativo, descritivo, narrativo ou argumentativo, conforme veremos no próximo tópico.

1.1.4 Os modos de organização do discurso

Para Charaudeau (2009b, p. 68),

os modos de organização do discurso constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, narrar e argumentar.

Esses modos são escolhidos na tentativa de satisfazer as condições de sucesso impostas pela situação comunicativa. Para tanto, o sujeito deve considerar as limitações que lhe são apresentadas pelo quadro físico e mental no qual se encontra, dentre elas: a identidade dos parceiros, as condições materiais em torno das quais a situação se estrutura, o propósito temático e a finalidade de troca.

Esses modos de organizar o discurso não são completamente separados uns dos outros, eles embrenham-se no desenvolvimento dos textos. O sujeito pode utilizar um ou mais modos ou até a combinação deles,

dependendo do espaço de manobras que possui dentro da troca. Na verdade, cada um desses modos propõe, à sua maneira, a sua organização do mundo referencial, de forma que uma *mise en scène* original dê lugar a uma *mise en description*, *mise en narration* ou, ainda, a uma *mise en argumentation*. Para compreendermos esses quatro modos, precisamos primeiramente analisar a função de base que cada um desempenha.

Ainda de acordo com Charaudeau (2009b), o modo de organização será *enunciativo* se a relação entre os interlocutores estiver em foco. Será *descritivo* se tiver como objetivo a qualificação e identificação de um participante do processo de comunicação. Será *narrativo* se o processo temporal for o destaque e, por fim, *argumentativo* quando as relações de causa e efeito forem ressaltadas. É necessário dizer ainda que o modo de organização enunciativo perpassa todos os outros modos, ou seja, pode-se dizer que narrar, descrever e argumentar são estruturados pelo modo enunciativo.

O quadro a seguir nos mostra de maneira didática, a função de base e o princípio de organização de cada um desses modos.

Quadro 1 – Modos de organização do discurso

MODOS DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	<p>Relação de influência (EU > TU)</p> <p>Ponto de vista do sujeito (EU > ELE)</p> <p>Retomada do que foi dito (ELE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	<p>Identificar e qualificar Seres da maneira Objetiva/subjetiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da construção descritiva (nomear – localizar – qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	<p>Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	<p>Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica argumentativa • Encenação argumentativa

Fonte: CHARAUDEAU, 2009b, p. 75.

Em síntese, o discurso pode ser organizado de modo enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo, como mostramos anteriormente. Os gêneros textuais tanto podem ser perpassados/compostos por um dos modos de discurso que constitui sua organização dominante ou resultar da combinação de vários desses modos.

Neste tópico explicamos os modos pelos quais um discurso pode ser organizado. A seguir, faremos um breve esclarecimento entre os conceitos de texto e gênero, com o intuito de deixá-los mais claros.

1.1.5 Texto e gênero

O texto é a materialização, seja verbal e/ou semiótica: oral, gráfica, gestual, icônica etc., da encenação de um ato de comunicação, em uma dada situação, para atender a um projeto de fala de um determinado locutor. Koch e Travaglia (1990) explicam que o texto é compreendido como uma unidade linguística concreta, que é utilizada pelos sujeitos da língua, em uma situação de interação comunicacional específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. É importante destacar que, como explica Charaudeau (2009b, p. 159), “um texto é o resultado de uma combinação de múltiplos fatores de naturezas diversas que se situam além dos sistemas da língua”. Dessa forma, precisamos considerar a situação de comunicação em que tal discurso está inserido, os parceiros de tal troca discursiva, a finalidades envolvidas, etc.

Ainda conforme Charaudeau (2009, p. 77), “como as finalidades das situações de comunicação e dos projetos de fala são compiláveis, os *Textos* que lhes correspondem apresentam regularidades que permitem classificá-las em *Gêneros de discurso*”. Estes gêneros discursivos são situacionais e podem ter uma organização seja predominantemente narrativa, descritiva ou argumentativa, seja mista, como é frequente no caso do descritivo e do narrativo.

Ao analisarmos o nosso *corpus* – a biografia de Getúlio Vargas escrita para crianças, que circulou durante o Estado Novo em ambiente escolar – notamos que ele se enquadra no gênero *manual escolar*,

principalmente, por sua finalidade pedagógica. Seus modos de discurso dominantes são os *narrativos* e os *descritivos*, correspondendo ao que é exposto adiante (Quadro 2).

Quadro 2 – Correspondências entre modo de discurso e gêneros textuais

GÊNEROS	MODOS DE DISCURSO DOMINANTES	OUTROS MODOS DE DISCURSO
Publicitário	<ul style="list-style-type: none"> • Enunciativo (Simulado de diálogo) • Variável; Descritivo no <i>slogan</i> 	Narrativo (quando se consta uma história) e Argumentativo nas revistas especializadas
Imprensa - "Fait-divers" - Editoriais - Reportagens - Comentários	<ul style="list-style-type: none"> • Narrativo e Descritivo • Descritivo e Argumentativo • Descritivo e Narrativo • Argumentativo 	Enunciativo Pode haver apagamento ou intervenção do jornalista
Panfletos políticos	<ul style="list-style-type: none"> • Enunciativo (apelo) 	Descritivo (Lista de reivindicações) Narrativo (ação e realizar)
Manuais escolares	<ul style="list-style-type: none"> • Variável segundo as disciplinas, mas com a onipresença do Descritivo e do Narrativo 	Enunciativo (nos comandos das tarefas) Mais Argumentativo em algumas disciplinas (matemática, física etc.)
De informação - receitas - informações técnicas - regras de jogos	<ul style="list-style-type: none"> • Descritivo • Descritivo e Narrativo (fazer) • Descritivo e Narrativo 	
Relatos - romances - novelas, contos - de imprensa	<ul style="list-style-type: none"> • Narrativo e Descritivo 	Enunciativo Intervenção variável do autor-narrador segundo o gênero (autobiografia, depoimento, notícia etc.)

Fonte: CHARAUDEAU, 2009b.

Dessa forma, apesar de compreendermos que nosso material de análise é permeado por todos os modos de discurso, para fins de estudo, nesta pesquisa utilizaremos as categorias de análise apenas dos modos *narrativo* e *descritivo*, pois correspondem à organização dominante da biografia de Getúlio.

Os gêneros são escolhidos de acordo com a situação de comunicação, levando em conta os parceiros discursivos e o contrato entre eles. Outro fator importante são as visadas, ou seja, a finalidade que se deseja alcançar.

Neste momento fazem-se necessários alguns esclarecimentos sobre tais visadas, de modo a explicarmos algumas categorias desenvolvidas por Charaudeau (2004) ligadas à finalidade do ato de linguagem. Tais categorias estão ligadas às visadas ou “intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23). O autor sugere sete visadas, ou seja, sete intencionalidades, que são:

- Visada de *prescrição*: o EU deseja “mandar fazer” (*fazer-fazer*), e tem autoridade para isto, o TU se encontra em uma posição de “dever fazer”.
- Visada de *solicitação*: o EU quer “saber”, e o TU se encontra na posição de “dever-responder”.
- Visada de *incitação*: o EU quer “mandar fazer”, mas não tem autoridade suficiente, então primeiro o EU deve fazer com que o TU acredite que será beneficiado por seus atos (*fazer-criar*), desta forma, o TU, por sua vez, precisa acreditar.
- Visada de *informação*: o EU quer “fazer saber”, e o TU se encontra na posição de “dever-saber”.
- Visada de *instrução*: o EU quer “fazer-saber-fazer” e se encontra em uma posição de autoridade de saber-fazer e de legitimação para transmitir o saber-fazer. O TU, por sua vez, está, nessa

relação, em uma posição de “dever-saber-fazer”, segundo o modelo que é proposto pelo EU.

- Visada de *demonstração*: o EU quer estabelecer a verdade e para isso lança mão de provas, baseando-se em uma certa posição de autoridade de saber, um *expert*. O TU precisa avaliar essa verdade que se pretende estabelecer.

Cada situação de comunicação pode utilizar uma ou mais visadas para garantir que sua finalidade seja alcançada. A situação de comunicação educacional, por exemplo, pode convocar as visadas de prescrição (fazer-fazer), de informação (fazer-saber) e de demonstração (fazer-criar). Porém, ela as faz por meio da visada dominante da instrução (fazer-saber-fazer), ou seja, daquela que determina a expectativa do contrato comunicacional que os rege.

Ressaltamos tal fato, assim como Charaudeau (2004, p. 25), o qual explica que

a finalidade, logo, a visada que ela seleciona, não é o todo da situação de comunicação. Mas ela é um de seus elementos essenciais que se combina com outras características dos outros componentes: a identidade dos participantes; o propósito e sua estruturação temática e as circunstâncias que precisam as condições materiais da comunicação.

Dados os esclarecimentos acima, passaremos ao próximo tópico, com o intuito de explicar verticalmente os modos de organização predominantes em nosso *corpus*. É a partir deles que compreenderemos como a identidade de Getúlio Vargas é apresentada em sua biografia para crianças.

1.2 Os Modos de organização narrativo e descritivo

1.2.1 O Modo narrativo

Esse modo de organização tem algumas peculiaridades, sendo que um dos motivos que justifica essa afirmação são as diferentes formas de se entender o termo narrar. Charaudeau (2009b, p. 154), indo além da definição do dicionário ou da definição de que o narrar seria o enumerar/mostrar uma sequência de fatos ou acontecimentos, nos apresenta o termo como

[...] uma atividade linguageira cujo desenvolvimento implica uma série de tensões e até mesmo de contradições [...] é também construir um universo de representações das ações humanas por meio de um duplo imaginário baseado em dois tipos de crenças que dizem respeito ao mundo, ao ser humano e à verdade.

O modo narrativo é um dos componentes da narrativa. Enquanto a narrativa é uma totalidade, o modo narrativo é uma forma de organizar tal totalidade, mas também pode aparecer em gêneros de discursos de forma não predominante. Um exemplo é o uso da narração em gêneros tipicamente argumentativos, como uma defesa no Tribunal do Júri.

A organização descritiva do mundo pode ser taxionômica, classificando os seres do universo. De um lado, pode ser descontínua, sem ligação necessária entre seres e propriedades e, de outro, pode ser aberta, sem início ou fim necessários. Já o modo narrativo organiza o mundo de forma sucessiva e contínua, num encadeamento progressivo, com início, meio e fim (CHARAUDEAU, 2009b).

O modo narrativo caracteriza-se pela construção de uma sucessão de ações, que deve ser delimitada em seu princípio e fim para haver coerência. Essa sucessão é motivada pela intenção do sujeito, “que elabora um projeto de fazer e tenta conduzi-lo bem” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 168). É necessário não confundir gênero textual e modo de organização do discurso. Não se trata de elaborar uma tipologia dos textos narrativos, mas de colocar em evidência os componentes e os procedimentos de um modo de organização cuja combinação deve permitir compreender melhor, as múltiplas significações de um texto particular.

Esse modo se caracteriza, então, por uma dupla articulação. Trata-se não apenas da construção de uma sucessão de ações segundo uma lógica, como também da organização dessas ações em um universo narrado. Podemos chamar este segundo processo de organização da colocação em narração, que constrói o universo narrado propriamente dito sob a responsabilidade de um sujeito narrador que se encontra ligado, por um contrato de comunicação, ao seu destinatário.

Os principais componentes da estrutura narrativa são os *actantes*, sujeitos da narrativa que desempenham papéis relacionados às ações das quais dependem; os *processos*, que determinam as relações entre os actantes e suas devidas funções; e as *sequências*, que associam os actantes e os processos em uma finalidade narrativa segundo princípios de organização.

Convém manter a distinção entre *actante* e *personagem*. Um actante, tendo certo papel narrativo, pode ser ocupado por diferentes tipos de

personagens, seja sucessivamente, seja alternadamente, seja simultaneamente. O papel de agente-agressor, conforme Charaudeau (2009), pode ser preenchido por policiais, estudantes, grupos partidários/oposição, estadistas etc. Um mesmo personagem pode desempenhar muitos papéis narrativos e ocupar o lugar de actantes diferentes, no desenrolar da mesma história.

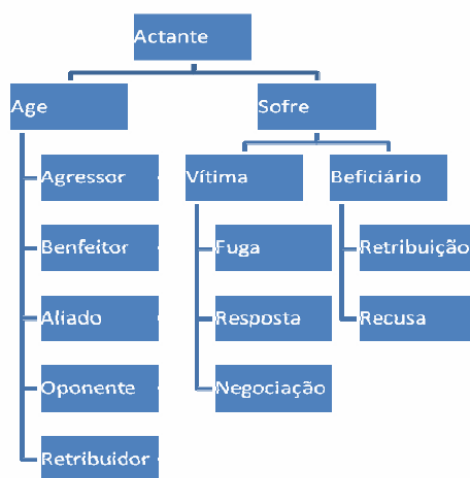
Nesta pesquisa, buscamos identificar quais são os actantes, verificar os papéis desempenhados por eles e demonstrar suas principais ações. Os processos e as sequências não foram analisados sistematicamente em nosso *corpus*, por não contemplarem tanto o nosso objetivo de identificação do perfil de nacionalista de Getúlio Vargas. Dessa forma, enfocaremos nossa explanação teórica acerca das especificações relacionadas aos actantes.

Na biografia analisada, percebemos como o biógrafo (Alfredo Barroso) desenvolve o seu texto a partir das ações de Getúlio e de outras personagens que ajudam na construção da imagem do estadista. Essas personagens, os actantes, aqueles que executam as ações na história, ao realizarem isto, desempenham também certos papéis. Por exemplo, um Chefe de Estado (Getúlio) precisa desempenhar vários papéis: de determinado, de bom, de amigo (ao falar às crianças) etc.

Para identificarmos de maneira mais metódica os papéis actanciais das personagens, utilizamos o questionário proposto por Charaudeau (2009b), o qual identifica primeiramente as ações que ajudam na composição da narrativa. Diante da ação principal, faz-se a seguinte pergunta: qual a postura da personagem, ela sofre ou executa a ação?

A partir disso, são dados os desdobramentos que podem ser observados no diagrama a seguir:

Figura 3 – Diagrama dos papéis actanciais



Fonte: PROCÓPIO, 2008, p. 19.²⁰

Lembramos que os papéis actanciais serão apresentados e melhor explorados na metodologia, em que apresentaremos as nossas grades de análises.

Além do que foi dito, é importante lembrar o que Charaudeau (1992, p. 712-713) evidencia sobre a narrativa e sua capacidade de recontar o passado a partir de um tempo presente.

Raconter est une activité postérieure à l'existence d'une réalité qui se donne nécessairement comme passée (même lorsqu'elle est pure invention), et en même temps cette activité a la faculté de faire naître, de toutes pièces,

²⁰ Modelo adaptado a partir da teoria de Charaudeau (2008).

un univers, l'univers raconté, que prend le pas sur l'autre réalité laquelle n'existe plus qu'à travers cet univers.²¹

Dessa forma, a biografia de Getúlio Vargas é um texto baseado em fatos reais, em acontecimentos que são retomados para darem veracidade a sua história. Porém, nenhuma realidade pode ser resgatada em sua íntegra. Ao escrever, o biógrafo cria uma nova história e, assim, recria uma nova realidade, baseando-se em recortes escolhidos por ele.

Essa conceituação coloca em evidência a importante distinção entre os estatutos *ficcional* e *factual*. De acordo com Mendes (2004, p. 131), a narração possui uma ficcionalidade, que

não ocorreria da mesma maneira em todos os gêneros do discurso. Existem alguns nos quais ela é mais preponderante e outros em que ela o é menos. Assim, gostaríamos de distinguir três tipos de ficcionalidade: *constitutiva*, *colaborativa* e *predominante*.

Ainda de acordo com Mendes (2004)

1 Ficcionalidade *constitutiva*: é um tipo de simulação exterior ao discurso, sendo assim não afetaria o estatuto ficcional ou factual dos gêneros. Como acontece na relação mundo/palavra, a língua representa os objetos do mundo. Mendes (2000, p. 132) explica que se trata de “uma problemática da Teoria da Referência na qual se postula que as palavras designam classes de coisas e não as coisas elas mesmas”. Nesse caso as situações são simuladas, retratam algo

²¹ “Narrar é uma atividade posterior à existência de uma realidade que se dá, necessariamente, como passada (mesmo quando ela é uma ficção). Ao mesmo tempo, essa atividade tem a competência de criar um universo narrado que se baseia em uma outra realidade que somente pode existir por meio desse universo”. (tradução nossa)

que poderia ser, mas não é verdadeiramente, pois falta uma ancoragem no presente. Podemos ilustrar essa questão com um plano de governo, que é uma simulação do que o candidato pretende fazer caso ganhe uma eleição, mas trata-se apenas de um projeto, ou seja, é algo que poderá se concretizar ou não.

- 2 Ficcionalidade *predominante*: essa definição abarca os gêneros textuais que possuem o estatuto ficcional. Ela se dá no discurso, sendo um tipo de produção que se constitui predominantemente de simulações de situações possíveis, definidas contratualmente. Temos como exemplo os contos de fada, os desenhos animados etc.
- 3 Ficcionalidade *colaborativa*: essa modalidade é realizada no discurso e coopera na construção de determinados gêneros. Embora o estatuto seja factual, há o entrelaçamento de efeitos de real e de ficção²². Como exemplo, temos as reportagens, que são elaboradas a partir de reconstruções de eventos em jornais, o discurso didático, correspondências etc.

A partir do que foi colocado, assumimos com Mendes (2005, p.146), que não há gêneros puros, isentos de efeitos de real e efeitos de ficção,

os mundos factuais e ficcionais somente podem ser categorizados se vistos de um ponto de vista dinâmico e como processos que necessitam, constantemente, de rearranjos que seriam impostos e regulados pela situação de comunicação).

Dessa forma, ressaltamos a importância da situação de comunicação, que agirá como um “maestro” harmonizando o espaço da linguagem dentre os estatutos ficcional e factual.

²² Esse tema é abordado de maneira mais abrangente em Mendes (2000; 2004).

O “subgênero” do nosso material de análise é uma biografia de Getúlio Vargas, que contempla fatos históricos, e, sendo assim, está mais próximo do estatuto factual, mas ao retomar a infância e juventude de Getúlio, o biógrafo recorre à simulação de acontecimentos. Dessa maneira, podemos dizer que a ficcionalidade colaborativa perpassa esse material.

1.2.2 O Modo descritivo

O modo de organização descritivo se assemelha e se confunde com o modo narrativo, transformando-se em uma imbricação, mas cada um tem a sua especificidade. Esse problema está associado à tradição de exercícios escolares que levam, muitas vezes, à confusão da finalidade de um texto com o seu modo de organização. De acordo com Charaudeau (2009b, p. 108), “um texto pode se inscrever no modo de organização descritivo, enquanto o texto, em seu conjunto, possui outra finalidade além de uma pura descrição”. Além disso, diferenciar os modos descritivo e narrativo por meio de marcas linguísticas pode não ser um critério confiável para caracterizar um texto, já que isso depende da situação de comunicação.

O termo descritivo é usado por Charaudeau (2009b, p. 111) para definir um procedimento discursivo que ele denomina modo de organização do discurso. Esse modo é um processo, e a descrição é o resultado. O modo descritivo está para as qualificações do relato, enquanto o narrativo está para as suas funções:

[...] **descrever** está estreitamente ligado a **contar**, pois as ações só têm sentido em relação às identidades e às qualificações de seus actantes. Não é a mesma coisa dizer: “O **leão** salvou o **camundongo**”, e dizer: “O **pequeno camundongo** salvou o **leão, o rei dos animais**”; aliás, todas as fábulas que contam como um personagem se livra de uma situação perigosa com a ajuda de um artifício só podem ser compreendidas na medida em que um dos personagens é identificado e qualificado como forte e ameaçador (o lobo, por exemplo) e o outro, como frágil e ameaçado, mas esperto (a raposa). (CHARAUDEAU, 2009b, p. 111–112 – grifo do autor).

Os componentes de uma construção descritiva são: nomear, localizar/situar e qualificar. Nomear significa fazer com o que os seres existam no mundo a partir de classificações dadas em função das semelhanças e diferenças na comparação com outros seres. Localizar/situar é determinar o espaço e o tempo que o ser ocupa, o que está diretamente relacionado com o componente nomear, já que suas características também são dependentes da sua posição espaço-temporal. Qualificar, para o referido teórico, é atribuir particularidades, é algo mais específico e singular do que nomear.

Qualificar é, então, uma atividade que permite ao sujeito falante manifestar o seu imaginário, individual e/ou coletivo, imaginário da construção e da apropriação do mundo (outros dirão “predação”) num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias ao sujeito. (CHARAUDEAU, 2009b, p. 116).

Ao construir o mundo de maneira subjetiva, o sujeito descreve os seres e seus comportamentos a partir de seu ponto de vista, que não é necessariamente verificável. “O universo assim construído é relativo ao imaginário pessoal do sujeito” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 125). Dessa

forma, o princípio da localização fornece pontos de referência à organização da trama narrativa que diz respeito à localização da sequência no tempo e no espaço e à caracterização dos participantes.

Na etapa de análise do *corpus*, verificaremos como os processos de *nomear* e *qualificar* colaboram para a sustentação da imagem que Getúlio Vargas desejou criar no imaginário social da época.

1.3 A organização discursiva na biografia

Antes de nos atermos com mais precisão à organização discursiva na biografia, é relevante introduzirmos algumas questões que são importantes ao estudo do gênero biográfico. Consideraremos o *gênero biográfico* como um macrogênero, que abarca os outros dois subgêneros, a *biografia* e a *autobiografia*.

O gênero biográfico, de acordo com Calligaris (1998), surgiu no século XVIII, propiciado pela expansão e afirmação dos direitos individuais, que o ideário da Revolução Francesa tão bem expressou. Histórias de vida sempre foram escritas, porém a concepção de que a vida é uma história surgiu com a Era Moderna.

A retomada dessa tradição da literatura, da história e da política não se deu em um único movimento. Segundo Pereira (2000, p. 117),

o gênero biográfico se fez acompanhar da revalorização da História Oral, como fonte/método/técnica de pesquisa, bem como dos arquivos pessoais – autobiografias e toda

sorte de documentos pessoais, como diários, memórias, correspondências etc. – como preciosa fonte histórica.

É importante explicar que a *biografia* e a *autobiografia* são gêneros distintos em relação à forma em que a trajetória de vida é elaborada e apresentada, porém têm em comum o fato de se basearem na sequência temporal (biográfica) de uma vida individual.

Apesar de não ser o nosso objetivo delongarmos sobre as semelhanças e diferenças entre os subgêneros *biografia* e *autobiografia*, faremos uma breve distinção entre eles para efeito de esclarecimento. Quanto à distinção entre esses gêneros, percebemos que a *autobiografia* consiste na narrativa da própria existência. Como esclarece Queiroz (1988), é o próprio narrador quem se dispõe a narrar sua vida e tece a história da maneira que lhe parece mais conveniente, e este narrador detém o controle sobre os meios de registro. Já a *biografia*, segundo a mesma autora, é a história de vida de um indivíduo narrada por outrem. Nesse caso, há uma dupla intermediação que é consubstanciada na presença do ser biografado, que relata a sua própria existência (no caso de biografias de vivos); e a presença do biógrafo/pesquisador que medeia a escrita dessa narrativa.

Outro aspecto importante é que na autobiografia o trabalho de editar a história é feito pelo sujeito biografado, que seleciona e constrói seu texto. Já na biografia, escrita por um mediador (biógrafo/pesquisador) o processo de escrita passa por três operações sucessivas, que, segundo Chevalier (1979), são o *recorte do texto*, a *montagem* e a *transcrição* da linguagem oral para a escrita.

Em nosso material de análise, percebemos que o texto foi elaborado e articulado seguindo o modelo de uma biografia. Acreditamos que o pertencimento de um discurso a um gênero (e não a outro) já é um indício de quais tipos preponderantes de argumentos poderíamos encontrar na estrutura textual e quais modalidades da adesão poderiam ser instituídas.

A biografia de Getúlio Vargas, por exemplo, ao ser inserida como um paradigmático em escolas, poderia apenas *fazer-saber* sobre sua trajetória de vida: infância, adolescência, a chegada ao poder. Embora essa fosse a face mais aparente para a adesão, por meio de uma análise mais criteriosa percebemos que o conteúdo desse material, em um segundo plano, poderia também influenciar a *práxis* dos leitores, motivando um *fazer-fazer* e um *fazer-ser*, colocando Getúlio como um líder a ser seguido por seus muitos atributos.

É necessário destacarmos que, assim como Charaudeau (2004), acreditamos que o gênero discursivo é situacional. Sendo assim, o conjunto de restrições e estratégias que o conduz leva em consideração a identidade e os papéis dos parceiros, o lugar que eles ocupam na troca e a finalidade que os religa em termos de visada, do propósito que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza.

Como ressalta Amossy (2006, p. 215-217)²³, citada por Galinari (2009), os gêneros, com a sua carga retórica específica, são capazes de socializar a palavra individual, encaixando-se em formas conhecidas e repertoriáveis, que determinam um certo horizonte de expectativas. Além disso, são importantes como elementos mediadores da comunicação, instaurando a finalidade da troca, a distribuição dos papéis e as relações de força entre os parceiros.

No próximo tópico, colocaremos em evidência os sujeitos da troca comunicativa e suas identidades tanto sociais como discursivas. Iniciaremos as explicações com alguns pontos de vista oriundos da sociologia, antropologia, psicologia, entre outros.

1.4 Alguns pontos de vista acerca do conceito de identidade

A identidade, conforme Houaiss (2008, p. 1575) é compreendida, de um modo geral, como um conjunto das características de uma pessoa: nome, idade, nacionalidade, sexo, impressões digitais etc., graças às quais é possível individualizá-la. Porém, apesar de sermos donos de uma história particular, forjamos essa individualidade e singularidade por meio da nossa relação com os outros, pois somos ao mesmo tempo seres individuais e coletivos.

Nossa identidade é partilhada com os demais, apenas existimos a partir do outro, da visão do outro, o que nos permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado. Esses argumentos parecem

²³ AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Deuxième édition. Paris: Armand Colin, 2006.

bastante abstratos, mas, para dar uma ideia de como eles se aplicam a uma situação concreta, apresentamos o seguinte exemplo: quando alguém diz “sou brasileiro” parece estar fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma, “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto, essa pessoa pode fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros.

Apesar dessa aparente simplicidade, o conceito de identidade tem sido muito discutido ao longo do tempo e, portanto, abriga diversas acepções de cunho psicológico, filosófico, antropológico e sociológico. Charaudeau (2009) explica que para a filosofia contemporânea, por exemplo, a identidade é considerada como o fundamento do ser, é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência: um estar aí no espaço e no tempo; os conhecimentos próprios sobre o mundo, suas crenças, seu poder-fazer. Essa filosofia também considera o fato de que, para haver a tomada de consciência de si, é necessário que haja diferença em relação ao outro.

Essa alteridade²⁴ se institui através de trocas que fazem com que cada um dos parceiros se reconheça semelhante e diferente do outro. Segundo Charaudeau (2009b), seria reconhecido como semelhante, ainda que parcialmente, pois para que haja uma relação entre os seres humanos é preciso que estes compartilhem as mesmas motivações, finalidades e intenções; e seria diferente, em sua singularidade, na medida em que os parceiros desempenham papéis que lhes são próprios.

²⁴ Alteridade, nesse contexto, significa a forma como a identidade é construída a partir do discurso do outro, mais precisamente, das práticas discursivas. Conforme o dicionário de Análise do Discurso (2004, p. 34).

É importante observar que a definição supracitada é contemporânea, e que nem sempre a questão da identidade foi concebida dessa maneira. O cientista social Stuart Hall (2003) distingue três concepções bem diferentes de identidade, traçando um breve paralelo histórico, a saber: i) do Iluminismo; ii) do sujeito sociológico; e iii) do sujeito pós-moderno.

No iluminismo, a concepção de sujeito estava baseada na questão da pessoa humana, como um ser unificado e centrado por inteiro, dotado de racionalidade, consciência e ação, as quais eram inatas e o acompanhavam por toda a vida. A identidade era compreendida, assim, como o centro essencial da pessoa, e essa visão propunha um sujeito individualista.

Para a sociologia, a consciência do sujeito não é autônoma e autossuficiente como no Iluminismo, ao contrário, ela é construída na interação com outros indivíduos (entre o eu e a sociedade). A essência interior do sujeito, para essa corrente, é então formada e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. Sendo assim, conforme Hall (2003), a identidade preencheria o espaço entre o "interior" e o "exterior", entre o mundo pessoal e o público, o sujeito projetaria a "si próprio" nas identidades culturais, ao mesmo tempo em que absorveria seus valores e significados tornando parte de um "nós coletivo". O mundo cultural e o sujeito tornam-se assim integrados.

Já a identidade do sujeito pós-moderno, de acordo com Hall (2003, p. 12) "torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados

ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam". A identidade humana na visão pós-moderna não é fixa, permanente ou biologicamente determinada como pensavam os iluministas. Ela é definida historicamente, e o sujeito assume identidades cambiantes.

Hall (2000), importante articulador dos Estudos Culturais, aponta que as mudanças da sociedade moderna abalaram as ideias que temos sobre nós próprios como sujeitos integrados, com uma identidade definida. Para ele, há uma crise de identidade em decorrência da descentralização dos indivíduos e do deslocamento das identidades. Assumimos identidades diferentes em diferentes momentos, portanto nossas identidades não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Hall (2000, p. 13) ressalta que "podemos admitir identidades contraditórias, que são continuamente movimentadas". Dessa forma, as identidades sempre se fragmentam, e as diferenças se proliferam.

Em suma, para Hall (2003) a primeira é uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade. A segunda, parte do princípio de que, como um ser social, o homem precisa interagir com o meio. A última concebe a identidade como uma "celebração móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

É interessante observar que Hall (2003) explica que, nesta última concepção, a identidade não seria algo inato, mas formado e transformado no interior da representação, ou seja, pelo modo como podemos identificar uma cultura local por meio de elementos simbólicos expressos por essa cultura. Desse modo, a identidade resulta das

interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação simbólica que eles utilizam em suas relações.

Para o autor, não existe a representação da identidade unificada, mas como um construto de diferenças. Em outras palavras, a identidade se constrói e reconstrói constantemente no interior das trocas sociais, em um processo dinâmico e inacabado de (co)construção. Isso ocorre devido à complexidade da vida pós-moderna, que exige das pessoas diferentes identidades de acordo com suas representações e maneira como são interpelados pelo meio. Estas são construídas por meio do entrecorte dos usos que os indivíduos fazem dos recursos da história, cultura e linguagem.

Diante disso, assim como Hall (2003), consideramos que a identidade não pode ser vista apenas como inerente ao indivíduo (isoladamente), mas como resultado de práticas sociais e também discursivas em circunstâncias sócio-históricas particulares. Compreendemos a identidade não no seu sentido individual, mas como uma construção social, gerada a partir de práticas discursivas - discurso de identidades - considerando o discurso como "efeito de sentido entre locutores" (ORLANDI, 2001, p. 21) em que "cada pessoa é membro de muitos discursos" (GEE, 1990, p. 99) e cada discurso representa uma de nossas múltiplas identidades.

A identidade é constituída por diferentes papéis sociais que assumimos e que, vale salientar, não são homogêneos. Podem ser, por exemplo, religiosos (evangélicos, católicos etc.), políticos (de direita, de esquerda etc.), funcionais (professores, médicos etc.), estéticos (*clubbers*, *punks*,

hippies etc.), de gênero (homens, mulheres etc.); e práticas discursivas, no e pelo discurso, na relação do discurso com a história, por meio de estratégias específicas. “As identidades não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos” (MOITA-LOPES, 1998, p. 8), atuando em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados.

Corroborando com esta ideia, Foucault (1972) em sua obra *Arqueologia do saber* elucida que a análise das práticas discursivas nos ajuda a compreender como são definidos os lugares de fala. Segundo esse autor, algumas questões precisam ser levantadas: i) quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos-que-falam, está autorizado a ter esta espécie de linguagem? ii) Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos e de quem, em troca, recebe, senão sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? iii) Qual é o estatuto dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?

Sobre esse debate, Charaudeau (2009a, p. 1) esclarece que

há pelo menos três razões que me levam a considerar o tema das identidades sociais e discursivas como particularmente importante. A primeira é que, no domínio das ciências humanas e sociais, e diante da expansão da sociologia, este tema justifica a existência de uma disciplina da linguagem em posição central, tecendo ligações entre elas: não há sociologia, nem psicologia social, nem antropologia que não levem em conta os mecanismos languageiros. A segunda diz respeito às ciências da linguagem propriamente ditas, pois o tema das identidades sociais mostra a necessidade de distinguir a língua do discurso, [...] o discurso é fundador da língua

[...]. A terceira coloca em evidência o tema das identidades: o da existência de um sujeito, o qual se constrói através de sua identidade discursiva, que, no entanto, nada seria sem uma identidade social a partir da qual se define.

A partir de nossa explanação, apresentaremos os componentes da identidade, a saber o social e o discursivo, conceito desenvolvido por Charaudeau (2009) ao qual nos filiamos.

1.4.1 Os componentes da identidade

A identidade é resultado de um intrincado mecanismo que se baseia não em identidades acabadas, mas em traços de identidades. Para exemplificar a natureza desses traços, apresentamos um fragmento do nosso material de análise.

Figura 4: Capa e introdução da biografia *Getúlio Vargas para crianças*



Fonte: BARROS, 1942, capa e prefácio da biografia.

Nessa parte do texto, Getulio Vargas fala diretamente às crianças, como um amigo e também como um estadista, que sabe o que é melhor para o Brasil e para o povo brasileiro.

Enquanto chefe de Estado, cargo para o qual foi eleito pelo Congresso Nacional em 1934, ele possui uma identidade social. Isto lhe concede uma autoridade e lhe dá direito à palavra como presidente do país. É importante observarmos que nessa capa da biografia aparece a foto oficial de Getúlio Vargas, na qual ele aparece com a faixa presidencial, com o brasão do Brasil, símbolos identitários de uma nação. Há aqui uma relação metonímica, a parte pelo todo, o presidente pelo país. Já no ato discursivo, ele pode construir para si outras identidades: amigo, paternal, patriota, cidadão, protetor, amável, exemplar etc., tentando atrair a cumplicidade do seu público.

Tal exemplo nos mostra que a identidade de “ser” do sujeito falante vai resultar de uma combinação de traços de sua identidade social, que constitui o fundamento de legitimidade do sujeito, com traços de sua identidade discursiva, que depende de estratégias de credibilidade e de captação do outro. É essa combinação que confere o poder de influência ao sujeito falante, o qual precisa apresentar uma “imagem de si”, na medida em que enuncia seus pontos de vista sobre o interlocutor, sobre ele mesmo ou sobre os outros.

1.5 As identidades social e discursiva

1.5.1 A identidade social

A identidade social é estabelecida a partir da legitimidade que o sujeito adquire das instituições, pelas relações hierárquicas. Esta precisa ser adquirida socialmente para que seja digna de crédito. Mas em que consiste esta legitimidade? Resumidamente, podemos dizer que ela é a qualidade de quem está autorizado a agir de certo modo ao se pronunciar ou se silenciar, ao sancionar leis ou vetá-las etc. “A legitimidade depende de normas institucionais, que regem cada domínio da prática social e que atribuem funções, lugares e papéis aos que são investidos através de tais normas” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 3). Sendo assim, é a partir dessas condições que o indivíduo se torna um ser legitimado.

Para tornar esse tema mais claro, tomemos, por exemplo, um professor de uma instituição federal²⁵. Esse ator é legitimado por meio da aquisição de um diploma na área em que atua; sua condição institucional, de professor de uma federal, é adquirida por meio de um concurso público, aliado a um sistema de nomeação pelos pares ou superiores hierárquicos. Sendo assim, essa profissão, de professor, é resguardada por leis institucionais. Porém, por um ato jurídico ou governamental que o expulse da universidade, tal legitimidade pode ser colocada à prova se, porventura, este ator agir em desacordo com o regimento do sistema no qual foi inserido.

²⁵ Notas tomadas no curso “Teorias sobre o discurso”, ministrado pelas professoras Emília Mendes e Ida Lúcia Machado.

Há também a legitimidade que é concedida por meio do reconhecimento que uma comunidade tem por um de seus integrantes, sendo fundamentada no valor e na estima que o grupo tem por seu representante. Esse é um caso típico de líderes religiosos em que alguns são instituídos por meio de uma formação, como ocorre com os rabinos que para terem este título devem estudar em uma "*yeshivá*", academia judaica, e deve ser ordenado por outro rabino. Para os judeus, ninguém pode, de uma hora para outra, dizer que é rabino simplesmente – esta legitimidade é atribuída, por uma instituição, em nome de um *savoir-faire*.

Além da legitimidade, o ser social precisa também conquistar a credibilidade de seus pares. Um bom exemplo é o do líder Jim Jones, pertencente à seita da qual criou a igreja Templo do Povo, que as pessoas acreditavam ser sagrada. Desse modo, valendo-se da fé das pessoas e de estratégias de captação, esse líder mostrou-se credível por meio de sua fala, na tentativa de alcançar suas finalidades. Muitos adeptos de Jim Jones concediam a ele e ao seu discurso tanta credibilidade que cometeram um suicídio coletivo²⁶, em 1978, ao ingerirem cianureto misturado a um refresco. Temos, nesse caso, a credibilidade alcançada por meio da palavra, atrelada a um *fazer-criar* e *fazer-fazer*, eu falo a vocês em nome de uma entidade espiritual e sei do que estou falando.

Em suma, a identidade social é em parte

determinada pela situação de comunicação: ela deve responder à questão que o sujeito falante tem em mente

²⁶ Cf. <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo>> Acesso em: 25 nov. 2011.

quando toma a palavra: “Estou aqui para dizer o quê, considerando o *status* e o papel que me é conferido nesta situação de comunicação?” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 4.).

No entanto, veremos em seguida que a identidade social pode ser (re)construída, mascarada ou deslocada por meio do discurso.

1.5.2 A identidade discursiva

Enquanto a identidade social está ligada à legitimidade do sujeito comunicante, ser psicossocial, a identidade discursiva é projetada no e pelo discurso pelo sujeito enunciador (no espaço do dizer). Nesse caso cabe a seguinte pergunta: “estou aqui para falar como?”. Para obtermos a resposta para a questão, precisamos considerar duas estratégias que necessitam ser utilizadas pelo sujeito falante ao tomar a palavra, a saber i) a credibilidade e ii) a captação.

Para que o auditório acredite no orador, este tenta passar a impressão de que é sincero e de que suas asserções são verdadeiras. Para isto, ele deve tentar projetar uma imagem de si (um *ethos*²⁷), que lhe permita, estrategicamente, ser levado a sério. Nesse sentido, o sujeito comunicante pode adotar diferentes atitudes discursivas, a saber: a *neutralidade*, silenciando em seu discurso qualquer pista que aponte um julgamento ou avaliação pessoal; o *distanciamento*, como é o caso de especialistas que se esforçam para não influenciar sua pesquisa com o

²⁷ De uma maneira sintética, o conceito de *ethos* pode ser definido como a imagem que o locutor constrói de si mesmo em seu discurso. *Ethos* pode referir-se também à imagem prévia que o outro (narrador, personagem ou leitor) pode ter do enunciador ou, ao menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 220).

seu ponto de vista, as subjetividades inerentes de qualquer sujeito; o *engajamento*, mostrando em seu discurso ser favorável a uma causa ou não, por meio de argumentos, seleção de palavras, modalizações etc.

Tais atitudes discursivas estariam a serviço de uma atitude demonstrativa, que apresenta argumentos de um modo racional de maneira que o interpretante deveria aceitar sem hesitar, pois o fato é apresentado como uma verdade incontornável. Nesse caso, de acordo Charaudeau (2009a) persuadir o outro equivale a colocá-lo em um universo de evidências que exclui a possibilidade de discussão.

Ainda de acordo com Charaudeau (2009a), as estratégias de *captação* servem para as situações em que o enunciador não está frente a frente com o seu interlocutor. O objetivo deste projeto de fala é *fazer-crer*, colocando o interlocutor em uma posição de *dever-crer*. Considerando o nosso *corpus*, percebemos que tal fato acontece quando há o uso de estratégias de sedução, por exemplo, em que o biógrafo tenta convencer o leitor de que Getúlio Vargas é um ser predestinado, um herói preparado desde a tenra infância para ser o presidente do Brasil. Tal posição influencia o imaginário de seu auditório, que passa a idealizar Getúlio Vargas como um Salvador da Pátria, que ajudaria o país e o povo brasileiro a se livrarem de tantas dificuldades oriundas da República.

Outra atitude interessante é a *dramatização* em que o sujeito descreve fatos que dizem respeito aos dramas de vida, relatos recheados de analogias, metáforas etc. A narrativa apoia-se, geralmente, em valores afetivos, socialmente compartilhados, pois se trata de *fazer-sentir*, de despertar certos sentimentos.

Desse modo, podemos dizer que a identidade é o resultado de características psicossociais do sujeito e imagens de si que este constrói discursivamente. Assim, a identidade psicossocial lhe dá legitimidade para tomar a palavra e, discursivamente, este sujeito vai adquirir sua credibilidade, construindo imagens positivas de si e em concordância com o que a sociedade compartilha como positivo e vai buscar captar o interpretante, apresentando valores e crenças, que deixarão transparecer uma imagem aceitável.

Em nosso material de análise, há a imagem de si construída discursivamente pelo próprio Getúlio Vargas, como podemos observar no bilhete/prefácio escrito e assinado por ele no início da biografia. Além da imagem projetada discursivamente pelo próprio GV, observamos também a possibilidade da construção da imagem de si, por meio da voz de outrem, ou seja, a noção de *ethos* pode ser expandida para a construção da imagem que o orador faz de outra pessoa. Em nosso *corpus* o biógrafo Alfredo Barroso que durante todo o texto construirá uma imagem para Getúlio, ressaltando aquilo que seriam seus bons atributos, sua relação com outras personagens, resgatando sua gênese etc.

Galinari (2009, p. 3) defende a ideia de que Aristóteles reconhecia essa possibilidade teórica do *ethos*, que se chama "*ethos* de outrem". Ele explica que "esta era a segunda prova [ou seja, o *ethos*]; pois é pelos mesmos meios que poderemos inspirar confiança em nós próprios e nos outros" (ARISTÓTELES, 1998, p. 75 *apud* GALINARI, 2009, p. 3). No caso do discurso da biografia de Getúlio "o *ethos* de outrem" se torna uma categoria essencial, pois a imagem do estadista será construída pelo narrador.

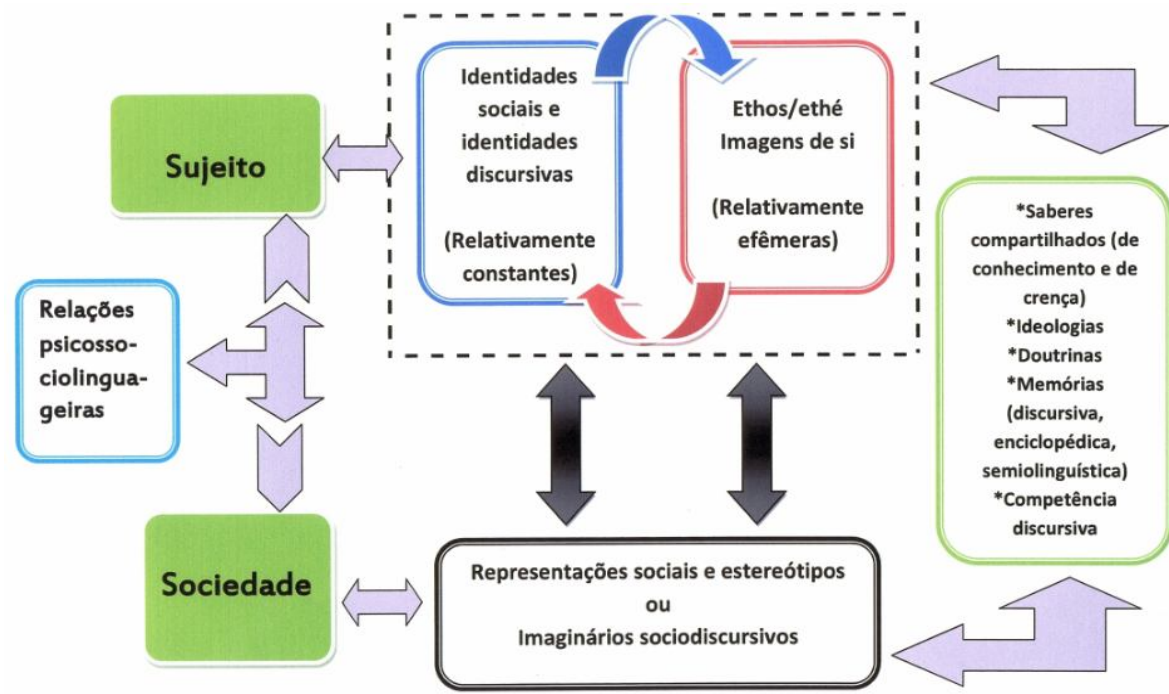
O narrador-observador é o responsável na biografia por “contar” a história da vida de Getúlio para as crianças. Tal texto é altamente elogioso à figura e aos feitos do presidente, dessa forma não seria de bom tom que o próprio Getúlio falasse sobre si mesmo, uma vez que poderia parecer presunçoso demais, como diz o discurso bíblico, em Provérbios, “seja outra boca que o louve e não a sua”²⁸. Por esse motivo, acreditamos ser esta uma estratégia interessante, pois como é Alfredo Barros que escreve o texto e cria o *ethos* de GV, o discurso em questão parece ser mais objetivo.

A identidade e o *ethos* são pares no processo discursivo. Como vimos, o sujeito é um híbrido de sua identidade social e discursiva, ele projeta em seu discurso imagens que o ajudam na construção de sua identidade. Essas imagens (*ethos*) são análogas às máscaras que podem ser usadas em diferentes situações dependendo da finalidade que se tem. Na tentativa de explicar melhor as nuances da identidade e do *ethos*, apresentamos o esquema a seguir proposto por Mendes (2011)²⁹:

²⁸ Citação popular muito conhecida que se encontra no livro de Provérbios, versículo 27.

²⁹ Nota de aula da disciplina *Ethos, estereótipos e imaginários sociodiscursivos*, ministrada pelas profas doutoras Emília Mendes e Ida Lucia Machado, no Poslin/FALE/UFMG em 13 out. 2011.

Figura 5 – Esquema proposto por Mendes (2011)



1.5.3 *Ethos*, uma estratégia do discurso político

A questão acerca do *ethos* é antiga, filósofos como Aristóteles já pensavam sobre ela. Para ele, o *ethos* fazia parte de “demonstrações psicológicas” do orador, que, é importante ressaltar, não correspondem ao estado psicológico verdadeiro, mas “ao que o público crê que outros têm em mente” (BARTHES, 1970, p. 211). Partindo dessa noção, acreditamos que quando o orador enuncia, automaticamente, ele apresenta uma imagem de si, e, para ter credibilidade diante do seu auditório, tal imagem será construída com base na *phrônesis* (ponderação), *areté* (simplicidade sincera) e *eunóia* (benevolência).

A noção do *ethos* foi retomada e redefinida, a partir da década de 1980, por certos pesquisadores³⁰, sobretudo com o alargamento dos estudos relativos à argumentação. A partir daí, algumas questões antagônicas surgiram em relação a essa categoria, estaria o *ethos* relacionado apenas à pessoa enquanto ser social (*ethos* prévio)? Ou o *ethos* estaria ligado ao ser discursivo, ser de papel (*ethos* discursivo)? Diante dessa querela, nossa posição³¹ é de que o ser languageiro é um ser social empírico, mas também feito de discurso. Dessa forma, para tratarmos da questão do *ethos*, faz-se necessário considerarmos esses dois aspectos, pois, de fato,

o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se a um cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a *priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2008, p. 115).

Essa posição é sustentada na questão da identidade ambivalente do sujeito falante, como vimos anteriormente. Ao enunciar, o sujeito apresenta, primeiramente, sua identidade social – em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação, é ela quem lhe dará direito à fala e sustentará sua legitimidade de ser comunicante. A partir disso, o sujeito projeta uma imagem dele,

³⁰ Perelman, Olbrechts-Tyteca, Ducrot, Plantin, Eggs, Maingueneau, Amossy, Charaudeau, Ida Machado, Emília Mendes, entre outros.

³¹ Para sustentar a nossa posição, é necessário voltar à questão da identidade do sujeito falante que se desdobra também, em dois componentes: identidade social e discursiva. Esses conceitos foram explorados em nosso capítulo teórico.

discursiva, que se além aos papéis que ele se atribui no ato de enunciação, em outras palavras, o sentido de sua enunciação dependerá ao mesmo tempo daquilo que ele é e daquilo que ele diz.

Retomando, *ethos* é a fusão entre a identidade social e a discursiva do sujeito, porém, não consideramos que elas sejam fixas. Para nós elas são cambiantes, no sentido de que, como em um “jogo de máscaras”, o sujeito falante pode forjá-las ou combiná-las da melhor maneira possível, para atingir suas intenções.

É importante considerarmos, também, o fato de que o *ethos* pode não ser totalmente voluntário, tampouco coincidir sempre com o que o interlocutor interpretaria. Diante do que foi colocado, é que partimos para a observação das identidades apresentadas e propomos a análise dos *ethé* de Vargas em sua biografia para crianças.

Essa biografia analisada por nós - bem como outros materiais, por exemplo, os livros “Getúlio Vargas, o amigo das crianças”, “O Brasil Novo: Getúlio e sua vida para a criança brasileira”, “A juventude no Estado Novo”, entre outros - circulou em escolas brasileiras na época do Estado Novo, destinando-se a uma massa social. Em um primeiro momento, poderíamos dizer que esse texto didático, simplesmente, visava instruir as crianças acerca da vida do estadista Getúlio Vargas e de acontecimentos históricos que ocorriam no Brasil. Porém, em uma análise mais detalhada, percebemos que esse material é permeado por acontecimentos históricos e, também, políticos, que apontam Getúlio como um excelente governante e um modelo a ser seguido pelas próximas gerações, pois com ele na Presidência, o país teria a possibilidade de se unir e construir para si uma identidade nacional forte.

Dessa forma, compreendemos que apesar de a biografia ser apresentada como um paradidático e, logo, ter aparentemente uma visada instrucional, o discurso que perpassa tal material nos aponta uma questão que vai além da simples instrução. Como sabemos, por sua natureza dialógica, o discurso comporta como qualidade intrínseca a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo e é exatamente nesse ponto que nos deparamos com a dimensão argumentativa que permeia todo o nosso *corpus*.

Sem dúvida, é preciso manter tal distinção. Um discurso inserido no domínio político, como o eleitoral, por exemplo, manifesta uma orientação argumentativa a *priori*. Já um paradidático comportaria simplesmente uma dimensão argumentativa (AMOSSY, 2006 [2000], 2005), pois preza por sua “neutralidade”, uma vez que o seu objetivo principal seria apenas o de ensinar e instruir as crianças. Destacamos que é exatamente nesse ponto que se encontra a estratégia política de Getúlio (na biografia que analisamos), pois ele se vale de um “inocente” instrumento didático para propagar e inculcar sua ideologia estadonovista.

Valendo-se da censura, de diferentes meios de comunicação e de alianças com alguns setores da sociedade como o Exército, a Igreja e a Escola, a imagem de Getúlio foi meticulosamente arquitetada. Assim, a cultura nacional, perpassada no ambiente escolar, por meio de um discurso nacionalista, imerge as crianças em experiências do passado, vividas por muitos mitos, isso pode ser observado na comparação de Getúlio Vargas a Napoleão Bonaparte, por exemplo, tática que

estabelece relações de identificação e projeções aos heróis pátrios. Segundo Morin (1975), heróis que também se identificam com o grande corpo invisível, mas vivo, que através dos séculos de provações e vitórias assume uma figura paterna – o Estado a quem devemos obediência e devoção.

Diante disso, concordamos com Charaudeau (2008), que diz que toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada, ao mesmo tempo, pelo que ela diz e não diz. Ela não pode ser tomada no “nível explícito apenas, ao da ‘pé da palavra’”, como um discurso transparente e ingênuo. Desejamos por meio da categoria do *ethos* demonstrar o jogo de máscara utilizado pelo biógrafo, na tentativa de criar uma identidade de nacionalista para o estadista e associá-la ao próprio Estado.

No *capítulo 2* apresentaremos os procedimentos metodológicos escolhidos: a coleta, seleção e descrição do *corpus* e os instrumentos de análise.

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentaremos neste capítulo o *corpus* e a metodologia de análise que foi utilizada. No primeiro momento, faremos a descrição do *corpus*, explicando os critérios de seleção dos textos. Em seguida, faremos a descrição dos procedimentos e instrumentos de análise, por meio do qual obteremos os dados que serão explorados no capítulo “Análise do *Corpus*”.

2.1 Coleta e descrição do *corpus*

Com o objetivo de compreendermos como a imagem de Getúlio Vargas (GV)³² foi arquitetada e qual a finalidade dessa construção para o Estado Novo, selecionamos um dos textos que circulou nessa época. A escolha por uma de suas biografias, a *Getúlio Vargas para crianças*³³, aconteceu pelo fato de que tínhamos o conhecimento prévio de que este material havia sido encomendado pelo próprio Estado e que tudo o que era produzido no País passava antes de ser impresso e divulgado pelo crivo do DIP. Dessa maneira, a biografia transformou-se para nós, analistas do discurso, em um terreno fértil de pesquisa, rico em detalhes, e

³² Utilizaremos a partir deste ponto, as seguintes denominações para Getúlio Vargas: GV, Getúlio, Vargas, o estadista, o protagonista, o Presidente.

³³ Conseguimos a cópia da biografia a partir de seu original que está no CPDOC/FGV, como pode ser visto no CD-ROM, em anexo, a qualidade do material não está em boas condições. Buscamos alguns indicadores acerca da morfologia desse objeto como referência para identificar as publicações estadonovistas destinadas ao público escolar, embora reconheçamos as dificuldades em categorizar tal obra. Inicialmente, essa obra pode ser considerada como um livro isolado – um exemplar especial - que apresenta pouco suas funções escolares. “Embora elementos do título e da organização permitam inferir uma destinação escolar, ela não é claramente explicitada por indicações de nível ou série”. (BATISTA; GALVÃO; KLINDE, 2002, p.35).

representativo daquele momento histórico de nosso País e dos ideais varguistas.

Esse texto é perpassado por mais de um domínio discursivo. Primeiramente, ele faz parte do *discurso histórico*, descreve a trajetória do estadista brasileiro, retrata fatos e datas importantes que aconteceram no País. Pertence também ao *discurso político*, pois ele parece ter a intenção apologética de propagar os feitos e a imagem positiva de Vargas e da manutenção do *status quo*. E, finalmente, ao *educacional*, uma vez que circulou em escolas, como o objetivo de educar e formar as crianças para o Estado Novo.

A biografia foi escrita por Alfredo Barroso e ilustrada por Francisco Dias da Silva³⁴, editada em 1942 e veiculada durante o Estado Novo. Esse material pretendia servir de manual para as crianças brasileiras, que deveriam seguir o modelo do cidadão Getúlio Vargas, exemplo de filho, de aluno, de profissional etc. Este “siga o modelo” tinha o intuito de fazer com que os pequenos amassem o seu líder e o seu País, lembrando-nos da suma *L’Etat c’est moi*, e fizessem do Brasil uma grande Nação e juntos constituíssem uma identidade nacional.

Esse material com encadernação pequena (13 cm de altura x 11,5 cm de largura) facilitava o seu manuseio, sendo rico em ilustrações (53), que funcionavam como chamarizes para as crianças e também como testemunho dos fatos narrados, dando uma ideia de real³⁵. Os discursos

34 Em nossas inúmeras pesquisas, não encontramos nenhuma menção a Alfredo Barroso e Francisco Dias.

35 Apesar de não ser o foco de nossa pesquisa, o estrato icônico será retomado em alguns momentos de nossa pesquisa.

iconográficos e textuais foram explorados de forma equilibrada, ordenados em páginas duplas, de um lado o texto e de outro a iconografia acompanhada da reprodução de pequenos trechos sublinhando a leitura da ilustração, como legendas, produzindo uma importante construção de sentidos. Como pode ser visto na Figura 6:

FIGURA 6 – Ilustração da biografia *Getúlio Vargas para crianças*



A biografia tem ao todo 112 páginas destinadas a contar o percurso histórico da vida de Getúlio Vargas desde a sua infância até a sua escalada ao posto de Presidente do Brasil, e sua atuação como Presidente durante o Estado Novo (naquela presente data) traçando assim um perfil, uma imagem, objetivando a identificação e a credibilidade para a população.

Essa imagem, conforme apontaremos, foi cuidadosamente construída ao longo da obra, sendo o material uma tática sofisticada de doutrinação aos interesses estadonovista. Nosella (1981, p. 12) elucida bem esta questão do uso de paradidático como forma de exercício ideológico ao dizer que “o problema da transmissão da ideologia dominante, por meio de textos didáticos [...] é grave e importante, levando-se em consideração a postura acrítica dos receptores”. Uma aparente biografia recria-se em um objeto para a formação moral e cívica de crianças.

Tal evidência se potencializa ao considerarmos que tais leituras eram agenciadas pela escola, *locus* privilegiado para a educação das novas gerações. Em seu interior, desempenhavam-se (e ainda se desempenha) uma multiplicidade de funções, tais como: definição dos saberes, dos conhecimentos, a conformação de valores éticos e morais e de práticas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Em síntese, podemos perceber que essa narrativa biográfica é construída pela articulação de elementos icônicos e textuais estratégicos para a produção de um discurso que apresenta uma dada realidade sobre a concepção de mundo. Conforme Costa (2009, p. 73) “constrói crenças, valores e conceitos sobre essa realidade e sobre os sujeitos e as instituições que conformam a sua dinâmica, seguindo um modelo formativo”. O conteúdo da biografia foi distribuído em 8 capítulos que aludem a uma linha do tempo da vida de Getúlio – cronológica – como pode ser observado no Quadro 3:

QUADRO 3 – Descrição do *corpus*

Capítulos	Títulos	Páginas	Nº de ilustrações
Prefácio	-	1	0
C1	Infância e estudos	6 a 16	6
C2	Vida militar	17 a 28	6
C3	De ministro a presidente	29 a 39	5
C4	Revolução de outubro	39 a 49	5
C5	Reconstrução nacional	49 a 82	16
C6	O Estado Novo	83 a 92	5
C7	Força e trabalho	93 a 108	8
C8	O homem simples e bom	109 a 112	2

O prefácio, como dissemos anteriormente, é supostamente escrito por Getúlio Vargas, pois é assinado pelo próprio estadista. Todos os outros capítulos foram narrados em terceira pessoa pelo biógrafo, dando uma impressão de objetividade e oficialidade, ele apresentará a vida de êxito que teve GV, da sua gênese até sua ascensão à Presidência da República. É interessante o esforço do narrador em ressaltar que a história de vida do estadista foi sempre influenciada por pessoas de fibra e que serviram ao País com amor e justiça, dentre eles o seu próprio pai, um veterano da Guerra do Paraguai e heróis como Napoleão Bonaparte e Duque de Caxias. O lugar onde GV nasceu, terra de pessoas afeitas ao trabalho, audaciosas e que nada temem, um município análogo a uma colmeia: organizada, ordeira, produtiva, com respeito à hierarquia. As suas decisões, que sempre foram pautadas na justiça, visando o bem-comum, sem partidarismos e preferências.

Considerando tais elementos, podemos dizer que o GV apresentado às crianças é como o *homem justo* prescrito por Aristóteles no livro V de sua obra *Ética a Nicômaco*: "disposição de caráter que torna as pessoas

propensas a fazer o que é justo, que as faz agir justamente e a desejar o que é justo” (ARISTÓTELES, 2004, p. 6-8). O percurso feito pelo protagonista será sempre pautado em condutas valorosas e éticas.

Como dissemos, os oito capítulos foram narrados em terceira pessoa, porém em cinco deles (capítulos 3, 5, 6, 7 e 8) há a presença do narrador por meio da primeira pessoa do plural. Por meio dessa pessoa/pronome, o narrador se apresenta como um brasileiro, como um admirador e seguidor de GV e dialoga com o seu leitor. Constatamos essa presença nos seguintes fragmentos:

- “Getúlio Vargas trava contacto direto com todos os altos problemas do mecanismo político e financeiro da República, num momento de intensa atividade em **nosso** País” (BARROSO, 1942, p. 29 – grifo nosso).
- “Voltou-se igualmente Getúlio Vargas para os operários brasileiros, construtores modestos e constantes da **nossa** grandeza industrial” (BARROSO, 1942, p. 60 – grifo nosso).
- “O Brasil ingressava em nova fase, perfeitamente adequada aos interesses nacionais, ficando dotado de uma carta política que consulta inteiramente as **nossas** necessidades sociais e morais” (BARROSO, 1942, p. 84 – grifo nosso).
- “Dando o exemplo ao povo brasileiro, ele mesmo iniciou, em viagem que passará à **nossa** história, essa Marcha para o Oeste, viajando, em avião, até Goiania (sic) e visitando os pontos mais pitorescos do *'hinterland'* goiano” (BARROSO, 1942, p. 100 – grifo nosso).

- “**Honremos** Getúlio Vargas! **Apoiemos** decididamente as idéias (sic) triunfantes que ele realiza, dia a dia, para o bem do Brasil! **Prestigiaremos** todos os seus passos e todos os seus gestos, porque com Getúlio Vargas o Brasil será unido e será forte [...]” (BARROSO, 1942, p.112 – grifo nosso).

Um outro fato curioso ocorre no capítulo 7, o único em que há a inserção do discurso direto, entre aspas, em que GV “fala”: “‘O verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste!’ – exclamou, certa vez, em discurso, o presidente Getúlio Vargas” (BARROSO, 1942, p. 100). O autor adverte que essa citação foi proferida por GV em um discurso, do qual não é mencionada a data exata.

2.2 Procedimentos e instrumentos de análise

A presente pesquisa teve como ponto de partida a teoria sobre a construção *ethotica* proposta por Amossy (2005) e Charaudeau (2005; 2008) às quais nos filiamos. Consideramos também as postulações de Maingueneau (2005) sobre a articulação dos elementos prévios e discursivos que participam da elaboração do *ethos*, tal postulação é explicada por Amossy (2005b) em seu livro *Imagens de si no discurso: construção do ethos*.

Por esse motivo, fez-se necessário identificar os componentes de cada um desses níveis (prévios e discursivos) em nossas análises, para posteriormente relacioná-los e confrontá-los.

Conforme explicamos anteriormente, acreditamos que ao tomar a palavra o orador esteja automaticamente construindo para si uma imagem, conscientemente ou não. Ou seja, ao proferir um discurso o orador de certa maneira estará falando, também, sobre si mesmo.

Ampliando essa questão, Maingueneau (2005) aponta para um outro aspecto que precisa ser considerado. Tal aspecto diz respeito ao conhecimento prévio que o auditório – instância de recepção – pode ter de seu orador. Para isso, Maingueneau postula o conceito de *ethos* prévio³⁶.

Dentro dessa concepção o auditório teria, *a priori*, um conhecimento prévio sobre seu orador. O *ethos* prévio estaria relacionado, então, ao que o destinatário conhece sobre tal orador por outros meios que não apenas os do discurso proferido por ele, naquela situação de comunicação específica. Dentro desse entendimento, o auditório passa a ter a possibilidade de relacionar as características e particularidades que sabe sobre o orador – conhecimentos prévios – com a imagem que este construirá para si mesmo em seu discurso.

Uma outra contribuição de Maingueneau que precisa ser retomada em nossos estudos diz respeito ao que é dito e ao que é mostrado discursivamente. O *ethos* dito é construído com base naquilo que o orador fala sobre si mesmo, ressaltando que esse tipo de *ethos* pode ser também construído por outrem. Podemos tomar como exemplo o nosso

³⁶ Após revistar seus próprios estudos, Maingueneau passa a considerar tal *ethos* como prévio apenas, abolindo o conceito de *ethos* pré-discursivo. Tal avanço se deu pelo fato de o teórico ter compreendido que tudo perpassa o discurso, ou seja, não haveria um “pré-discurso”.

material de análise em que a imagem de Getúlio é construída predominantemente pelo biógrafo Alfredo Barroso.

Maingueneau (2008, p. 18) explica que o *ethos* dito são “[...] fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação diretamente (‘é um amigo que vos fala’) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala”. Já o *ethos* mostrado será construído também com base naquilo que Maingueneau (2005, p. 72-13) chama de tom, de corporalidade. Esse *ethos* é dado a partir de elementos verbais e extraverbais (entonação, turnos de voz, postura etc.).

Em suma, em relação a essas duas categorias do *ethos* podemos dizer que

a distinção entre o *ethos* dito e o mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Fizemos a separação entre eles por uma questão meramente didática.

A partir do que foi colocado, nos focaremos nesse momento nos níveis prévios e discursivos relacionados ao nosso *corpus*.

No nível prévio³⁷, fizemos um levantamento bibliográfico com a finalidade de resgatarmos dados históricos e informações relevantes acerca de Getúlio Vargas e do período de 1937 a 1945, que compreende o Estado Novo. Buscamos essas fontes históricas em livros, órgãos governamentais, dissertações e teses. Esses dados serviram-nos de base para traçarmos o *ethos* prévio de GV.

É importante lembrar que esse nível prévio também deve ser considerado de acordo com a situação sócio-histórica em que foi inserido. Durante o Estado Novo, as pessoas viviam sob uma ditadura em que os meios de comunicação, as informações, eram quase totalmente controlados, o que facilitava para o Governo a invenção de uma suposta realidade e dificultava para os cidadãos a averiguação e também a comparação das informações.

Diante do que foi colocado, o recorte que teremos para a construção do *ethos* prévio de GV será diferente daquele que temos hoje, ora, vivemos em um Estado Democrático de Direito, e mesmo que não tenhamos acesso a todos os documentos que constroem nossa história, o acesso é notoriamente mais fácil, o que nos permite contrastarmos a imagem que Getúlio tinha no passado com a que temos dele hoje.

Em relação ao nível discursivo³⁸, nossa investigação se estruturou a partir de dois eixos: o *modo de organização descritivo* com as seguintes

³⁷ O nível prévio, informações prévias sobre GV e o EN podem ser conferidas na Introdução desta pesquisa, em que resgatamos a época em que circulou nosso material de análise no país.

³⁸ É importante ressaltarmos que apenas a aplicação das categorias e análise das marcas linguísticas não são necessárias para a AD, pois não fazemos apenas análise textual e sim discursiva. Dessa forma, para resgatarmos possíveis interpretações

categorias: nomeação, localização e de qualificação dos personagens; e *o modo de organização narrativo*, do qual utilizamos as seguintes categorias: papéis actanciais dos personagens e localização espacial e temporal.

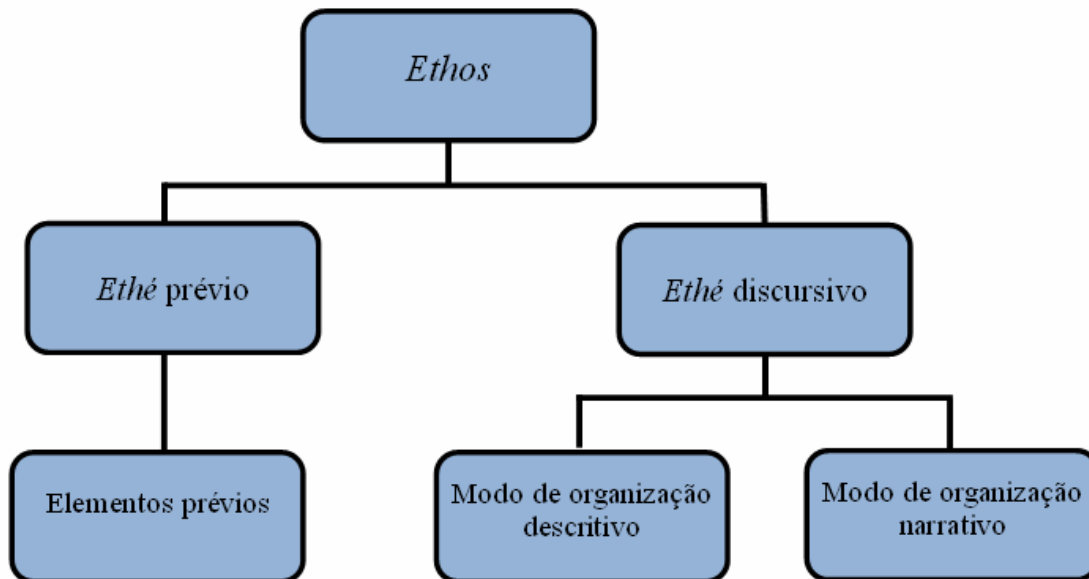
Ao aplicar tais categorias, percebemos que elas possuem uma função argumentativa, uma vez que sua visada não é simplesmente *fazer-saber* a vida de Getúlio Vargas, mas sim levar o leitor a aderir à proposta de governo do presidente e seguir o seu exemplo patriota.

Sendo assim, a visada é *fazer-criar* e *fazer-ser*, por meio da identificação de valores e a construção das “imagens de si” apresentadas pelo biógrafo para Getúlio Vargas. Assim, partindo dessas categorias, foi possível identificar os principais *ethé* do estadista apresentados em sua biografia. De um lado, o de normalidade: todos os brasileiros podiam se reconhecer nele; de outro, o de exceção: projetava-se para além da vida cotidiana, reportava-se a um herói, a um mito. Esses *ethé* foram analisados com a utilização de outras duas categorias: a do *ethos de credibilidade* e a do *ethos de identificação*.

Podemos sintetizar nossa proposta de análise a partir da Figura 7:

deixadas por tais marcas linguísticas, foi necessário considerarmos a mobilização no quadro comunicacional (níveis situacional e discursivo). O funcionamento do quadro comunicacional a partir do nosso *corpus* foi apresentado previamente, no capítulo teórico.

FIGURA 7 – Diagrama da proposta de análise



Fonte: Procópio (2008). Adaptada

A pesquisa em Análise do Discurso é empírico-dedutiva, porém, para identificarmos os valores aspirados por Getúlio Vargas para o Estado Novo e, conseqüentemente, as identidades, foi preciso fazer um levantamento (quantitativo) das marcas linguísticas que ajudaram na construção dos *ethé*. Assim, optamos pelo estabelecimento de grades³⁹ que nos ajudaram na aplicação das categorias dos *modos de organização do discurso descritivo e narrativo*.

A nosso ver, essa escolha foi pertinente, porque as grades possibilitam o mapeamento do *corpus*, facilitando a visualização da ocorrência dos dados.

³⁹ Estas grades foram usadas também pela pesquisadora Mariana Ramalho Procópio (2008, p. 56-60), em sua dissertação de mestrado – tal pesquisa está referenciada devidamente na bibliografia desta pesquisa.

Nesse processo, analisamos apenas o componente linguístico, uma vez que o componente icônico não fez parte do foco principal desta pesquisa.

Apresentaremos abaixo os modelos das grades para os modos *descritivo* e *narrativo*, respectivamente, que foram utilizadas para a realização de nossas análises.

- Grades do Modo de organização *descritivo*

GRADE 1 – Procedimento linguístico para ***Nomear***

PESSOAS	CATEGORIA	OCORRÊNCIA

Fonte: Procópio (2008, p.58)

GRADE 2 – Procedimento linguístico para ***Localizar-situar***

LUGARES * ÉPOCAS * FATOS HISTÓRICOS	CATEGORIA

Fonte: Procópio (2008, p.57)

GRADE 3 – Procedimento linguístico para *Qualificar*

CAPÍTULO	PESSOAS	Qualificação atribuída por meio do estrato linguístico	Ocorrência de qualificação linguística
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			

Fonte: Procópio (2008, p. 58)

- Grades do Modo de organização *narrativo*

É importante destacar que os papéis desempenhados pelas outras personagens também foram importantes para a construção da imagem de Getúlio. Tais personagens apareceram, implicitamente, na grade que propomos, pois se GV é benfeitor, ele o é para alguém, se ele é beneficiado, ele é por algum personagem e assim por diante.

GRADE 4 - Ocorrências de *Papéis actanciais* do protagonista Getúlio Vargas em cada capítulo de sua biografia

Capítulo	Agressor	Benfeitor	Aliado	Oponente	Retribuidor	Vítima	Beneficiário
1							
2							
3							
4							

5							
6							
7							
8							

Fonte: Procópio (2008, p.56)

GRADE 5 - Localização *Espacial* das histórias analisadas

Capítulos	Localização espacial							
	1: Infância e Estudo							
2: A vida militar								
3: De ministro a presidente								
4: A Revolução de outubro								
5: A reconstrução do Brasil								
6: O Estado Novo								
7: Força e trabalho								
8: O homem simples e bom								

Fonte: Procópio (2008, p. 58)

GRADE 6 - Localização *Temporal* das histórias analisadas

Capítulos	Localização temporal dos capítulos		
	Presente	Passado	Futuro
1: Infância e Estudo			
2: A vida militar			
3: De ministro a presidente			
4: A Revolução de outubro			
5: A reconstrução do Brasil			

6: O Estado Novo			
7: Força e trabalho			
8: O homem simples e bom			

Fonte: Procópio (2008, p. 58)

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos escolhidos para efetuar esta pesquisa. Por meio deste capítulo, o leitor pode compreender com clareza as categorias e os instrumentos que serviram de base para nossas análises. É através desses métodos que conseguimos vislumbrar os elementos que contribuíram para a construção dos *ethé* de Getúlio Vargas.

**CATEGORIAS DO DISCURSO E IMAGENS DE SI NA
BIOGRAFIA *GETÚLIO VARGAS PARA CRIANÇAS***

3. CATEGORIAS DO DISCURSO E IMAGENS DE SI NA BIOGRAFIA *GETÚLIO VARGAS PARA CRIANÇAS*

Era enorme o esforço desenvolvido pelas agências de propaganda e informação do regime (Estado Novo) no intuito de moldar a cabeça de Vargas: o lado humano não era negligenciado: Vargas surge sempre sorridente, jovial, confiante. Entretanto, é mais constante nessa composição, o casamento de perfis derivados da excepcionalidade de sua pessoa com os perfis de homem público, desdobrados ao político capaz e reformador social.

(LENHARO)

Conforme explicamos ao longo deste texto, o objetivo desta pesquisa é mostrar, primeiramente, que a biografia *Getúlio Vargas para crianças* não era um mero texto informativo. Sua visada era pedagógica, mas sua dimensão argumentativa.

Por meio de seu texto, o biógrafo enaltece os valores que o Estado Novo estabelecia para o cidadão. Para facilitar tal estratégia ele utiliza Getúlio Vargas como protagonista da história, o que promoveria uma maior identificação por parte das crianças. Durante a narrativa, como já foi colocado, vários feitos e características de Getúlio são citados e enaltecidos. Este, então, é o nosso segundo objetivo: mostrar quais *ethé* de Vargas podem ser evidenciados por meio das pistas linguísticas deixadas pelo escritor.

Nesta empreitada analisaremos os resultados das grades que utilizamos para mapear o nosso *corpus*. Eles nos ajudarão a compreender como os MODs descritivo e narrativo contribuíram para a construção dos *ethé* de Vargas.

3.1 O Modo de Organização *Descritivo*

O *modo de organização descritivo*, segundo Charaudeau (2009b) pode ser elaborado a partir de três tipos de componentes: *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar*. Com esses componentes é possível constituir a base da identidade civil das personagens: o nome e o sobrenome, a data e o local de nascimento, as características particulares que os identificam etc. Esses elementos são autônomos e ao mesmo tempo indissociáveis, porém, para fins didáticos, especificamos e exemplificamos cada um deles, com fragmentos do material de análise selecionado para esta pesquisa.

Em nosso *corpus* observamos os procedimentos discursivos e linguísticos que deram origem à estruturação descritiva do personagem principal, Getúlio Vargas; dos secundários, seus pais, irmãos, militares e políticos etc.; dos lugares e das épocas (datas históricas) mencionados, que ajudaram a construir a identidade do protagonista. Procuramos identificar como tais personagens, lugares e datas foram nomeados, localizados e qualificados na narrativa biográfica.

De acordo com Charaudeau (2009b), outro fator importante e que precisa ser considerado pelo analista do discurso é o *ponto de vista descritivo*, ou seja, o modo como o sujeito que observa percebe o mundo, o ser e os objetos. Esse ponto de vista dependerá de dois fatores: i) *da posição do observador*, em nosso caso, um biógrafo, funcionário do Estado e ii) *da atitude do observador* face ao objeto descrito, que pode ser *objetiva*, uma descrição mais técnica ou científica, descreve o que vê, não o que sente ao ver; ou *subjetiva*, refletirá o

estado de espírito do observador diante daquilo que descreve, suas idiossincrasias, preferências, apreciação afetiva e emocional.

Desse modo, a descrição torna-se uma estratégia interessante para a *argumentação*, “por meio da qualificação subjetiva do mundo, dos seres e dos objetos, o sujeito que descreve pode ter como objetivo influenciar o seu interlocutor orientando a sua maneira de ver e apreciar as coisas” (EMEDIATO, 2008, p. 147). Isto ocorre não apenas com a qualificação subjetiva, outros elementos de descrição também podem criar uma “imagem distorcida” do mundo real.

A biografia analisada por nós, *Getúlio Vargas para crianças*, aparenta ser em um primeiro momento, objetiva. Isso se dá por ter um caráter de texto oficial, é escrita por um funcionário do Estado Novo e relata a vida do estadista Getúlio Vargas. Porém, por meio de uma leitura criteriosa desse material e do cruzamento de informações de outras fontes históricas, parece-nos que o material seria usado como uma estratégia de influência a serviço do Estado, validada pelo DIP e teria a finalidade de garantir a legitimação do Estado Novo, por meio da manipulação da opinião pública e do culto à personalidade Vargas.

O DIP era subordinado diretamente ao Presidente da República, com funções bastante amplas. Suas atribuições eram de coordenação, superintendência, orientação, auxílio e estímulo de: censura, propaganda nacional interna e externa, informações, turismo, manifestações artísticas em geral, manifestações cívicas, festas populares, concertos, conferências, exposições. (GARCIA, 1982, p. 100)

Considerando tal conjuntura histórica, procuramos apontar as qualificações utilizadas pelo biógrafo, que revelam suas intenções, apontam as manobras utilizadas para persuadir o outro (o leitor) “a ver e a sentir” a pessoa de Getúlio e seus feitos por meio dos atributos que lhes são aplicados. Ao qualificar Getúlio como um ser excepcional, como líder ideal, atribuindo a ele valores aceitos e desejados pela sociedade, o sujeito falante tinha como intenção levar as crianças a conhecerem o estadista por meio do ponto de vista do Estado e acreditarem (fazer-criar) nessa história como verdadeira, inculcando a imagem de Vargas nas mentes e proporcionando um culto à personalidade do presidente. A biografia elaborada no suporte paradidático era uma obra apologética dedicada a formar a opinião das crianças que teriam contato com este material e, além disso, um instrumento produzido com o intuito de contribuir e de municiar o exercício de sua atuação política.

Apresentaremos agora os componentes de análise e sua verificação em fragmentos do *corpus*:

a) Procedimentos linguísticos para *Nomear*

Segundo Charaudeau (2009b), o processo de nomeação tem como finalidade a identificação, ou seja, ele estabelece a existência dos seres, mas esse processo não corresponde a uma simples “etiquetagem” de uma referência preexistente. Ele é o resultado de uma operação que incide em fazer existir seres significantes no mundo, ao classificá-los. É importante ressaltar que essa identificação dos seres no mundo é limitada pela finalidade das Situações de comunicação nas quais se inscreve, e relativizada, tornando-se até mesmo subjetiva, de acordo com a intenção do sujeito descritor.

Dentre as categorias linguísticas utilizadas para a nomeação, destacamos a *denominação*, a *indeterminação*, a *atualização*, a *dependência*, a *designação*, a *quantificação* e a *enumeração*. Em nosso *corpus* há a utilização de todas elas, porém as mais empregadas foram as de *denominação* e *quantificação*⁴⁰.

Nos termos de Charaudeau (2009b) a *denominação* identifica os seres sob a forma de nomes comuns ou próprios, pode ser de um ponto de vista geral (identificação genérica) ou particular (identificação específica). Em nosso *corpus* a maioria das personagens tem nomes próprios seguidos de seus sobrenomes, e esses nomes servem para caracterizá-los juntamente com suas qualidades, comportamentos e grau de importância na sociedade. Por meio da denominação podemos identificar qual é a personagem principal e quais são as secundárias; identificar também os lugares e os fatos históricos que compõem a narrativa. Como pode ser visto nos fragmentos a seguir:

[1] Nesse município de belas paisagens e de gente robusta nasceu o menino **Getúlio Vargas**, filho de um bravo gaúcho-soldado (sic) de Passo Fundo, o **General Manuel do Nascimento Vargas** e de **Dona Cândida Dornelles Vargas**. (BARROSO, 1942, p. 8 - grifo nosso).

Nesse fragmento destacamos três exemplos de *identificação específica*, categoria a partir da qual o leitor passa a conhecer os personagens da narrativa. Nesse fragmento temos o nascimento de Getúlio Vargas e a apresentação de seu pai, o General Manuel do Nascimento Vargas, um bravo gaúcho-soldado. No decorrer da narrativa, ele terá papéis

⁴⁰ O mapeamento completo do *corpus* pode ser averiguado nos anexos.

fundamentais, principalmente como um bom exemplo de pessoa para GV, muitos atributos lhes serão dados. Também há a apresentação de sua mãe, Dona Cândida Dornelles Vargas, que será mencionada apenas três vezes em toda a narrativa: a primeira vez, no fragmento anterior, em que passamos a saber que ela é a mãe de GV; em um segundo momento, que diz que ela morreu antes de completar 70 anos (um aspecto comparativo ao pai de GV, que viveu mais de 90 anos, apontando sua vitalidade e garra); e em um terceiro momento, que diz que o casal teve cinco filhos.

A *identificação genérica* também foi encontrada em nosso material de análise, são os nomes comuns que fazem referência a uma categoria genérica, como no exemplo:

[2] [...] assim, a apuração foi feita sem maiores escrúpulos, e as urnas falaram como o Governo quis (sic) que elas falassem. O **povo** inteiro, ofendido em seus verdadeiros brios, não se poderia conformar com esse resultado impossível (sic) e falso. (BARROSO, 1942, p. 9 - grifo nosso).

Esta categoria é muito utilizada quando o escritor tem a intenção de generalizar um dado grupo social, como é o caso acima, ao utilizar o léxico **povo**, ele não especifica quem estaria dentro desse grupo. Há um silenciamento de informações, como o fato de que havia opositores do Governo, dentro deles, civis, sindicatos, partidos etc. No aspecto quantitativo também, quantas pessoas estavam ofendidas em seus brios? Qual a representatividade popular desse evento?

Constatamos também, um outro caso de *identificação genérica* que chamaremos de *metonímica*, como pode ser verificado a seguir:

[3] Os Estados (sic) de **Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba do Norte** não concordaram com essa arbitrariedade e criaram, juntos, a Aliança Liberal, que apresentou, para a Presidência e a Vice-Presidência da República, os nomes de Getúlio Vargas e João Pessoa. (BARROSO, 1942, p. 36 - grifo nosso)

Os nomes dos estados, nesse caso, denotam um valor coletivo, ao falar que o estado de Minas Gerais, por exemplo, não concordou com tal arbitrariedade, o escritor inclui todos os habitantes do estado, sejam eles mineiros ou não, mulheres ou homens, adultos ou crianças, eleitores ou não, aliados ou oponentes, criando uma unidade.

A *quantificação*, conforme explica Charaudeau (2009b), faz uso de quantificadores podem produzir efeitos discursivos *precisos* ou *imprecisos* dependendo da finalidade do sujeito falante. Se ele deseja ser preciso em sua informação, ele utilizará dados exatos, se for o contrário, os dados passam a ser inexatos. Vejamos este fragmento:

[4] O município de São Borja, com os seus **34000 habitantes** é uma colméia (sic) do trabalho. É um Município de pastores e **pequenos** agricultores. (BARROSO, 1942, p. 7 – grifo nosso).

Nesse caso, a primeira informação, do número de habitantes de São Borja, passa a ideia de que nessa época tal município tinha de fato **34000 habitantes**, um dado estatístico; já a segunda parte da informação, quando o escritor utiliza o léxico **pequeno**, ele nos dá a ideia de que o grupo de agricultores é pouco representativo, o dado é impreciso, inexato, não sabemos quantos moradores de São Borja eram pastores, quantos eram agricultores etc.

A *quantificação precisa*, apresentada por Charaudeau (2009b), pode ser verificada com uma outra função no texto, como no exemplo a seguir, em relação ao número de filhos que o pai de Getúlio e ele próprio tiveram. Isso não é uma simples coincidência, pois se esse fato foi citado no texto ele teve um objetivo, o da associação entre os dois – durante a narrativa veremos que GV seguiu os passos do pai e o tinha como espelho.

[5] **Cinco filhos** teve o casal, todos eles dotados de fortaleza física e inteireza de espírito. (BARROSO, 1942, p. 8 – grifo nosso).

[6] Do matrimônio feliz nasceriam **cinco filhos**. (BARROSO, 1942, p. 24 – grifo nosso).

Nos dois exemplos, os nomes dos filhos não são citados, apenas sabemos que eram cinco. Porém, em nossas consultas ao livro de Rose (2001), verificamos que os pais de Getúlio tiveram na verdade seis filhos: Viriato, Protásio, Getúlio, Spartaco, Benjamin e uma única menina, que morreu ainda criança. A irmã de Getúlio não é mencionada na biografia, pois o fato dela ter morrido na infância poderia macular a imagem “perfeita” da família Vargas, o que jogaria por terra a intenção do biógrafo de dizer que os filhos do Gal. Manuel do Nascimento eram dotados de fortaleza física. Para fins de esclarecimento, os filhos de GV foram: Lutero, Jandira, Alzira, Manuel Antônio e Getúlio Filho.

A utilização da quantificação *imprecisa* foi utilizada em muitos momentos da narrativa em que o escritor não desejou apresentar dados específicos e ideias precisas. Ao contrário, foi mais interessante o uso de

generalizações seja com relação a pessoas, seja com relação a extensão territorial do País. Temos como exemplo, o uso de expressões ou palavras como “o povo **inteiro**”, “**todos** os pontos do território nacional”, “**toda** a região meridional”, “**todos**”, “**do** Oiapoque **ao** Chuí” (sic), “**massas** populares”, “**todos** os núcleos da população” etc.

O uso desses termos proporciona a ideia de um todo, de que todos estavam envolvidos com a causa varguista, mas ao mesmo tempo sabemos que generalizações escondem as exceções. Esse tipo de linguagem presta-se à eliminação das oposições porque, ao se apresentar como a fala, o pensamento e a posição do todo, não admite contestação e seu poder de convencimento é muito eficaz. Essa estratégia mascara e silencia o fato de que em qualquer governo, e nesse não era diferente, muitos se opõem.

b) Procedimentos linguísticos para *Localizar-situar*

O uso dessa categoria de língua determina o lugar que os seres ocupam no espaço e no tempo. Esses componentes fazem parte dos procedimentos de construção do mundo, ou seja, estabelecem que tais seres estejam inseridos em um determinado lugar e que suas ações aconteçam em um dado momento. Dessa forma, o *Localizar-situar* fornecerá à organização da trama narrativa pontos de referência.

Em nosso *corpus*, como se trata da biografia de um homem histórico, a localização espacial e a localização temporal são ancoradas em lugares reais e datas históricas, respectivamente, pertencentes ao mundo factual. Isso atribui ao texto uma ilusão de objetividade e,

consequentemente, provoca um efeito de real. Consideramos ilusão e efeito de real, pois mesmo que se trate de lugares e datas que realmente existiram/existem, eles são mencionados no texto a partir do recorte e intenção do escritor, que cria e recria a sua história dentro da situação de comunicação na qual se insere. Sendo assim, sabemos que tal história não será a realidade propriamente dita, e sim um mundo possível construído a partir de fatos bem definidos.

Os componentes supracitados podem ser de *Localização espacial*, que são organizados a partir do uso de advérbios e expressões que indicam lugares, por exemplo, “Rio Grande do Sul”, “na estância”, “na Guerra do Paraguai”; e de *Localização temporal*, que lança mão de advérbios e expressões que indicam tempo tais como “em 1899”, “alguns meses”, “dezesesseis horas por dia”, “quando chegou o tempo”.

É importante ressaltar que os lugares e datas mencionados na narrativa giram em torno do protagonista Vargas. Esses componentes ajudam a montar a cena em que ele atua durante toda a história, como veremos em alguns exemplos retirados de alguns capítulos da biografia.

No capítulo 1, *Infância e Estudos*, observamos o enfoque dado ao lugar em que Getúlio nasceu e à data de seu nascimento:

[7] O **Rio Grande do Sul** é um dos **focos** de grandeza e heroísmo (sic) da **história brasileira** [...] **Nesse município**, rico em homens e rico em ação, o **Município de São Borja** [...] é **uma colméia** (sic) de trabalho [...] **nesse município** de belas paisagens e de gente robusta nasceu o menino Getúlio Vargas. (BARROSO, 1942, p. 9 – grifo nosso).

[8] **Nascido a 19 de abril de 1883**, o menino Getúlio Vargas cresceu, por assim dizer, **ao ar livre, em plena Estancia (sic) dos Santos Reis**, propriedade do General Manoel Vargas [...] **em plena estancia (sic)** conversando com peões, andando a cavalo, dominando potrinhos, agarrando bezerras pela nuca, saltando e correndo **pelos campos**. (BARROSO, 1942, p. 10 – grifo nosso).

É interessante o fato de que a cidade natal de Getúlio vem acompanhada de qualificadores – os quais veremos no próximo tópico – que engrandecem o cenário em que o “predestinado” estadista nasceu. Sendo assim, se ele nasceu em São Borja, no Rio Grande do Sul, e este lugar é foco de grandeza, heroísmo, de homens robustos, organizados, ordeiros e laboriosos como as abelhas, um município que além de tudo tem belas paisagens; logo será como seus conterrâneos, sentido que é produzido por um silogismo simples: todos os homens que nascem em São Borja são robustos, trabalhadores e ordeiros; Getúlio Vargas nasceu em São Borja; logo Getúlio Vargas é um homem robusto, trabalhador e ordeiro.

Já o fragmento [8] traz a data de nascimento de GV e o fato de ele ter sido criado em um ambiente próximo à natureza, com um modo de vida campesino, o que implicitamente, significa fortaleza física, destreza, coordenação, robustez e valorização aos animais e aos trabalhadores do campo, em uma época em que o Brasil era majoritariamente rural. Dessa forma, percebemos que a localização espacial não apenas aponta um lugar específico, mas influencia o temperamento e as atitudes do protagonista.

Um outro fato curioso é a alusão ao acontecimento religioso que é o nascimento de Cristo, a frase *o menino Getúlio Vargas* nos remete ao

discurso cristão. Na liturgia religiosa, no livro de Isaías, capítulo 9, versículo 6, a frase utilizada é “porque o menino Jesus nos nasceu, um filho se nos deu” (salvador do mundo). Na biografia, a frase similar é “nascido a 19 de abril [...] o menino Getúlio cresceu...” (BARROSO, 1942, p. 12). Podemos verificar que até o fonema que representa a primeira sílaba dos dois nomes é similar – sílabas “Je-” e “Ge-”, fonema /jê/.

No fragmento abaixo, há a menção à iniciação escolar de Vargas:

[9] **Quando chegou o tempo**, o General mandou o gauchinho para os estudos. As primeiras letras, ele aprendeu com a mestra Carolina Ferreira. **Dessa** professora **passou para** as mãos do mestre Fabriciano Braga, que também era jornalista na cidade. **De** Fabriciano **foi transferido** aos cuidados de Luis Patrício Boscot, **que começou** a mostrar-lhe os primeiros rudimentos de humanidades. (BARROSO, 1942, p. 12 – grifo nosso).

Em *Quando chegou o tempo* a data é imprecisa, mas, como ao Gal. é dado o atributo de bom pai em outras partes da biografia, fica subentendido que o tempo foi certo, pois ele saberia muito bem qual o momento certo de enviar o seu filho para os estudos. Com as expressões “passou para”, “foi transferido”, “que começou” temos a ideia da transitoriedade, ou seja, que GV foi passando de fases, de séries na escola.

Outra menção é feita aos estudos de Getúlio ainda nesse capítulo:

[10] Os estudos **prosseguiram**. **Alguns meses** em **Ouro Preto** e **alguns anos** em **Porto Alegre** fizeram com que o jovem Getúlio Vargas adquirisse o cabedal suficiente de

conhecimentos para se apresentar a uma **escola superior**. (BARROSO, 1942, p. 12 – grifo nosso).

Como podemos perceber, o biógrafo aponta dois lugares específicos que GV estudou, que são *Ouro Preto* e *Porto Alegre*, esta última cidade a capital do estado em que ele nasceu. Porém, quanto à data e ao tempo, ele foi impreciso, e apenas sabemos que GV ficou alguns meses em Ouro Preto e alguns anos em Porto Alegre.

O fato importante⁴¹, encontrado no jornal *Última Hora*, 24 de agosto de 1955, é que a biografia silencia é que o Gal. Manuel Vargas mandou os adolescentes Viriato e Protásio, irmãos mais velhos de GV, para a faculdade de Engenharia de Ouro Preto, na época uma referência na área. Depois de algum tempo, ele enviou GV para o ginásio com o plano de que depois ele ingressasse na faculdade. Durante esse período em Ouro Preto, os irmãos Vargas se envolveram no assassinato de um outro aluno da faculdade, Carlos Almeida Prado Junior, um paulista de 18 anos. O assassinato aconteceu no dia 07 de junho de 1897⁴² - informações colhidas também do jornal *Última Hora* de 24 de agosto de 1955 - o que causou grande revolta entre os moradores de Ouro Preto. Protásio foi apanhado e preso, "Viriato fugiu e ficou escondido por dois meses na farmácia de um amigo, e Getúlio era menor de 14 anos, portanto não era

⁴¹ *Última Hora*, 24 de agosto de 1955, p. 2. Declaração feita por Luís Vianna Filho, na ocasião membro do PL (Partido Libertador).

⁴² *Última Hora*, 24 de agosto de 1955, p. 2. Declaração feita por Luís Vianna Filho, na ocasião membro do PL (Partido Libertador).

responsável legalmente por seus atos”⁴³, segundo informações abstraídas do *Jornal do Brasil* do dia 24 de agosto de 1966, p.6.

Ainda sobre esse fato histórico, para fins de elucidação, Rose (2001) denuncia que o Gal. Manuel Vargas, homem de influência, poder e relações importantes, foi até Ouro Preto e com a ajuda do juiz Augusto de Lima a acusação a seus filhos foi retirada, e tanto Protásio como Viriato foram considerados inocentes. Os filhos do general voltaram para o Rio Grande do Sul, motivo que demonstra o porquê de GV ter ficado apenas alguns meses em Ouro Preto e alguns anos em Porto Alegre.

Nos capítulos subsequentes: *Vida Militar* e *De Ministro a Presidente*, as datas dizem respeito à vida militar, à entrada de Getúlio na política e à sua ascensão ao posto de presidente. Essas datas estão dispostas no decorrer da narrativa como uma linha do tempo assentada sobre elementos do passado.

Percebemos que tais datas estão associadas a uma sucessão de fatos históricos e vinculadas a elas estão alguns lugares, também históricos. Sendo assim, tal biografia, inserida em um manual didático, parece ter a pretensão de ser um livro de História do Brasil para as crianças, apresentando uma visão particular e romanceada dos acontecimentos mais relevantes da época e centralizando-se na figura de GV, como pode ser verificado no exemplo:

⁴³ *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), 24 de agosto de 1966, p. 6. Nota acrescentada por Martins Alonso, ex-policia e amigo de Filinto Muller, funcionário de Getúlio durante o Estado Novo.

[11] Em 1899 (aos dezesseis anos), Getúlio Vargas assenta praça no 6º Batalhão de Infantaria do Exército, de onde, ao fim de um ano, sai com as divisas de 2º sargento. Matricula-se em 1900, na Escola Preparatória e de Tática do Rio Prado, onde prossegue nos estudos preparatórios, nesse ano e em 1901. Cursa duas séries, com distinção, sendo classificado no 25º Batalhão de Infantaria, com sede em Porto Alegre. (BARROSO, 1942, p. 9 - grifo nosso).

Por meio das informações acima, podemos inferir que, ao GV sair de Ouro Preto e voltar para Porto Alegre, sua intenção ainda era seguir a carreira militar, assim, em 1899 ele se alista no 6º *Batalhão de Infantaria do Exército*, como soldado. O texto nos orienta que *ao fim de um ano*, ou seja, em 1900, GV sai com as divisas de 2º sargento, o que hoje, regularmente, demoraria alguns anos para acontecer, considerando que nossos jovens alistam-se aos 18 anos como soldado, depois passam a ser cabo, em seguida são 3º sargento e só depois podem ter a patente de 2º sargento, um processo lento na carreira oficial.

De acordo com os dados históricos que coletamos, Getúlio Vargas tornou-se “segundo-sargento de uma companhia, por ordem do comandante e tenente-coronel Carlos Frederico de Mesquita”⁴⁴ (JORGE, 1985, p. 457-458). Ainda conforme o autor, tal tenente-coronel também ajudou GV ao aceitá-lo na escola Rio Pardo.

⁴⁴ Conforme JORGE (1985, p. 457-458), Mesquita tornou-se um herói na guerra messiânica de Canudos (1896-1897), e, mais tarde, recebeu o comando temporário das forças governistas num segundo conflito folclórico-religioso, o do Contestado (1912-1916).

Após sua entrada na academia militar, Getúlio se envolveu em uma rebelião de estudantes e, por esse motivo, foi rebaixado a soldado e expulso de Rio Pardo em 15 de maio de 1902, voltando para o 25º Batalhão de Infantaria em Porto Alegre, servindo o resto do seu turno. Esse batalhão foi enviado para o Leste, para a região de Corumbá⁴⁵. Segundo Young (1967, p.32-33), “por causa da disputa em torno da fronteira internacional com a Bolívia”, Getúlio como soldado foi obrigado a seguir com o Batalhão, diferentemente da maneira como sua biografia trata dessa questão:

[12] **No instante** em que pretendia pedir sua exclusão do **Batalhão de Infantaria**, essa unidade do Exército teve que **se movimentar em direção a Mato Grosso**, em virtude de um incidente diplomático com a **Bolívia**. A questão do **Acre** agravava-se. Mesmo doente, Getúlio Vargas apresentou-se ao seu comandante, oferecendo-se **para seguir** com o Batalhão. **Marchou até Corumbá**, satisfeito de haver cumprido com o seu dever militar no momento em que a Pátria havia precisado de seu serviço. (BARROSO, 1942, p. 18 - grifo nosso).

Pelo viés da biografia, o leitor pode compreender que GV ofereceu-se para seguir com o seu batalhão, observe que o escritor destaca o fato de que ele estava doente, mas mesmo assim cumpriu o seu dever militar e, ainda por cima, satisfeito. Essas informações colaboram para a construção da imagem de um herói, um ser firme, que não se abala facilmente, está acima das limitações comuns a um simples mortal.

⁴⁵ Jordan Young, *The Brazilian Revolution of 1930 and Aftermath*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1967.

Após esse episódio⁴⁶, segundo Beloch e Abreu (1984), suas divisas foram devolvidas, mas, mesmo assim, GV pede baixa do Exército e volta para Porto Alegre, onde estuda Direito e, três anos depois, forma-se como advogado.

O Capítulo dois pode ser considerado um divisor de águas na biografia, a partir deste ponto, GV deixa de ser apenas um civil e um simples militar e entra na política. *Em 1909* é eleito Deputado Estadual, pela primeira vez, cargo que será renunciado por ele, conforme a biografia, *em 1911*.

[13] **Em 1909**, abandonando a Promotoria Pública [...] Getúlio Vargas abre um escritório de advocacia em São Borja. **Nesse mesmo ano** é eleito, **pela primeira vez**, Deputado Estadual. Renuncia a esse mandato político **em 1911**. Oferecem-lhe o **lugar de Chefe de Polícia do Estado**, mas ele não aceita. **No interior do Estado** (sic), advogando, Getúlio Vargas estuda **sempre e cada vez mais** a mentalidade de seu povo, suas aspirações e necessidades. Sabe que, quanto melhor conhecer o seu povo, mais fácil será a tarefa de, **no futuro**, saber governá-lo. (BARROSO, 1942, p. 22 - grifo nosso).

Em outras fontes consultadas, descobrimos que o acesso aos dois cargos, tanto o de Chefe de Polícia quanto o de Promotor, foi facilitado por um aliado de seu pai, o governador do estado Antônio Augusto Borges de Medeiros. De acordo com Young (1967) e Faria e Barros (1983) o cargo de Chefe de Polícia foi oferecido a GV antes do cargo de Promotor Público, porém ele rejeitou aquele e aceitou este, diferente da ordem colocada pela biografia.

⁴⁶ A biografia *Getúlio Vargas para crianças*, que foi enviada para nós, pelo CPDOC/FGV, está incompleta, sem as páginas 19 e 20.

Nesse fragmento da biografia [13], o advérbio de tempo *no futuro* marca o destino de GV, o que mais uma vez, prova o caráter de predestinado que sua biografia quer lhe imputar. Em suma, ele estuda *sempre e cada vez mais*, pois é sabido, é certo de que ele governará o povo brasileiro.

Os episódios a seguir apresentam os seguintes fatos em ordem cronológica: o casamento de Getúlio Vargas; sua reeleição como Deputado Estadual; o retorno ao Exército, agora com a patente de tenente-coronel; sua eleição como Deputado Federal.

[14] **Em 1911** o advogado de São Borja casa-se com Dona Darci Sarmanho, neta do famoso General Lima, chefe militar de campanhas ilustres [...] Darci seria a companheira ideal de Getúlio Vargas **durante toda a sua ascensão política. Do matrimônio feliz** nasceriam cinco filhos. **Em 1911** foi Getúlio Vargas reeleito Deputado Estadual, sendo **novamente** reeleito **após essa legislatura. Nos últimos anos** de sua permanência **na Assembléia** (sic) **Estadual**, foi encarregado de relatar o orçamento, tendo sido igualmente *leader* (sic) da maioria. (BARROSO, 1942, p. 24 - grifo nosso).

A menção ao casamento acontece apenas nesse momento, para inserir o importante fato de que Darci Sarmanho era neta de um General famoso (leia-se influente) - esse não é um detalhe qualquer e gerou benefícios na trajetória de GV, para relatar que desse casamento GV teve cinco filhos, igual ao seu pai, e para dizer que GV havia encontrado uma esposa idônea para ser sua companheira *durante toda a sua ascensão política*. Sobre o episódio de suas reeleições a Deputado Estadual, sabemos que

este cargo também lhe foi “dado” por Medeiros, porém Getúlio precisou abandoná-lo, em 1913, quando seu pai se desentendeu com o partido republicano do qual Medeiros era filiado (ROSE, 2001). Em 1916, Getúlio voltou para a Assembleia Legislativa e se tornou líder da maioria e secretário da comissão de orçamento. Isso foi possível, já que sua família fez as pazes com Medeiros (DULLES, 1967).

O livro *Uma das coisas esquecidas* (ROSE, 2001) traz uma informação importante sobre este fato, ao afirmar que Getúlio Vargas esteve envolvido com o movimento republicano com o intuito de garantir o quinto mandato consecutivo de Borges Medeiros como governador do estado. As eleições gaúchas de novembro de 1922 destinavam-se a resolver essa questão. Getúlio Vargas teria chefiado o comitê eleitoral e fraudado a contagem de votos, declarando seu patrão, o governador, devidamente eleito mais uma vez. GV agiu assim em retribuição às regalias concedidas por Medeiros em outras épocas. Em contrapartida, Medeiros demonstraria a sua gratidão, tornando Getúlio um Deputado Federal (BRANDI, 1985).

A biografia aqui analisada traz uma versão diferente para tal fato, dando a Getúlio todo o crédito por ter conquistado tal cargo:

[15] **Nesse mesmo ano da revolução de Assis Brasil**, Getúlio Vargas é eleito para representar, como Deputado, o Rio Grande do Sul na Camara (sic) Federal. O mesmo homem de estudo e critério se revela **na Assembléia** (sic) do Rio de Janeiro. Getúlio Vargas, *leader* (sic) da bancada riograndense, estuda **sem cessar**, todas as questões brasileiras, aprofundando-se em economia e finanças, direito e ciência da administração. (BARROSO, 1942, p. 26 – grifo nosso).

Mais uma vez, o biógrafo ressalta que Getúlio estuda sem cessar e aponta também para a sua posição na Assembleia como a de um líder, retomando dessa maneira a tese de que ele tinha um foco, um objetivo, uma predestinação de governar o País.

Faremos uma síntese dos próximos três capítulos que são *De Ministro a Presidente*, *A Revolução de Outubro* e *A Reconstrução do Brasil*, marcos para a instauração do Estado Novo - este retratado no capítulo 6 da biografia. Indicaremos as principais datas, já que estamos tratando ainda dos procedimentos de *Localizar-situar*, e suas associações e importância para o percurso de Getúlio.

No capítulo 1, Getúlio Vargas é convidado por Washington Luis para dirigir o Ministério da Fazenda.

[16] Ao assumir, **em 1926**, a Presidência da República, o sr. Washington Luis Pereira de Sousa convida o Deputado Getúlio Vargas para dirigir o **Ministério da Fazenda**. (BARROSO, 1942, p. 29 – grifo nosso).

A história nos mostra que, antes das eleições de 1926, Borges Medeiros, que a propósito não é citado nenhuma vez na biografia, aceita não concorrer para a Presidência, dando passagem para Washington Luis, como uma concessão aos gaúchos, ele nomeou Getúlio Vargas para a pasta da Fazenda (ROSE, 2001).

[17] Getúlio Vargas exerceu o posto de Ministro da Fazenda **durante um ano**. **Em dezembro de 1927** dele se exonerou, afim (sic) de ir ocupar **a presidência do Estado do Rio Grande do Sul**, a qual havia sido eleito, por uma demonstração de confiança de seus conterrâneos

(sic), para **o período de 1928-1933**. (BARROSO, 1942, p. 30 – grifo nosso).

Esse acontecimento histórico também tem outra versão à luz de fatos históricos atuais (ROSE, 2001). No final de 1927 novas eleições foram marcadas para substituir Medeiros, governador do estado do Rio Grande do Sul naquela época. Getúlio foi escolhido por Medeiros que manipulou as eleições a fim de que seu candidato vencesse.

Enquanto GV governava o Rio Grande do Sul, uma nova eleição à Presidência da República aconteceria. De acordo com Koshiba e Pereira (1997), durante a República Velha, no Brasil havia o revezamento no Poder Central apenas das oligarquias agrárias paulistas e mineiras, a chamada política do Café com leite. Essa prática era assegurada por meio do Coronelismo (voto de cabresto) e pela Política dos Governadores (aliança entre os poderosos políticos estaduais e o Governo Federal). A partir desse princípio, o próximo candidato a ocupar tal cargo deveria ser o mineiro Antônio Carlos, porém, Washington Luis, rompendo com essa tradição, apoiou o paulista, Júlio Prestes.

Ante a essa situação, Antônio Carlos reagiu e, em uma manobra conspiratória, aliou-se a Getúlio, que foi indicado como o candidato à Presidência, e, na Paraíba, foi indicado o seu vice João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, o governador naquela época. Dessa disputa originou-se o que hoje conhecemos como Aliança Liberal, que era constituída pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e da Paraíba (ROSE, 2001).

Na biografia, Alfredo Barroso, descreve que, após ser indicado como candidato à Presidência,

[18] Getúlio Vargas percorreu, então, **todo o País**, em excursão de propaganda eleitoral. As eleições se processaram **na data marcada**, mas sob atmosfera de inquietude e apreensão. Os resultados do pleito já eram conhecidos de antemão: **naquele tempo**, até defunto votava, mesmo sem sair de dentro de sua fria cova, **no cemitério**. (BARROSO, 1942, p. 38).

Como pode ser visto, por meio da seleção de uma expressão adverbial, o autor deixa claro que GV não mediu esforços, visitando “todo o País”, ou seja, apresentando sua proposta a todos os brasileiros, o que foi em vão, já que os resultados já eram previstos antes mesmo da apuração. Ao usar a expressão “naquela época”, o autor nos remete à República Velha, que está subentendida no texto, em que o sistema de eleição era controlado pelo Estado.

Vale lembrar, ainda de acordo com Rose (2001), que o voto nesse período era censitário. Com base na renda, apenas os homens brancos voltavam e não tinham direito ao voto: as mulheres, os menores de 21 anos, os analfabetos, os mendigos, os religiosos (das ordens monásticas) e os militares (com patentes inferiores a oficiais). Calcula-se que somente uma porcentagem de apenas 6% da população brasileira votava.

Além desse fator, o voto era aberto (não secreto) o que possibilitava a identificação e o controle de cada votante. Dessa maneira, o eleitor que não votasse no “coronel” (no candidato por ele indicado) poderia sofrer todo tipo de perseguição (ROSE, 2001).

A biografia diz que a eleição aconteceu na “data marcada”, porém esta informação é imprecisa, já que não indica o dia exato, o qual, baseando-nos em nossos conhecimentos prévios, sabemos que o dia foi 1º de março de 1930. GV obteve vitória no Rio Grande do Sul, 287.321 votos contra 789, mas perdeu no cômputo geral do País, 744.674 contra 1.097.379 (ROSE, 2001). Pelo texto da biografia sabemos que os candidatos prejudicados não aceitaram esse resultado, supostamente fraudulento.

[19] **De norte a sul começou** a conspiração. **Em Recife, numa cilada**, João Pessoa, vítima do ódio político inconciliável (sic), caiu assassinado. A Aliança Liberal perdia nele um de seus soldados mais nobres e dedicados. Mas a conspiração, revigorada pelo sangue heroico (sic) de João Pessoa, cresceu **cada vez mais em todos os pontos do território nacional**. Elementos civis e elementos militares coordenaram pacientemente os seus recursos e as suas idéias (sic), afim (sic) de que a revolução pudesse **nascer e acabar** com um único resultado: a vitória. (BARROSO, 1942, p. 38 – grifo nosso).

Pelo uso dos termos “de norte a sul” e “todos os pontos do território nacional” inferimos que todas as pessoas do território nacional, de norte a sul, estariam envolvidas na conspiração a favor da vitória de GV. Desse modo, implicitamente, concluímos que ninguém estava a favor de Washington Luís. Outro aspecto importante é a citação do assassinato de João Pessoa, em Recife. A biografia relata que ele foi assassinado por vingança dos opositores, episódio que se tornou o mote para a ascensão de Getúlio à governo do Governo Provisório da República. Porém, em outras fontes históricas, como em Koshiba e Pereira (1996), esse episódio é relatado de maneira diferente, sendo que, pelo que tudo indica, João Pessoa foi assassinado por Dantas por questões pessoais.

Após a chegada de Getúlio Vargas ao Governo Provisório da República, o biógrafo Alfredo Barroso elenca uma série de feitos de GV e destaca mais duas datas importantes, a primeira delas a Revolução de 9 de julho de 1932.

[20] O progresso nacional, a ordem nas finanças, o desafogo das indústrias, a propulsão do comércio [...] tudo deu uma atmosfera nova ao **Brasil**. Mas o velho espírito decaído (sic), dos chamados “políticos carcomidos”, não perdia ocasião de prejudicar, em conspirações e agitações públicas, a obra renovada de governo Getúlio Vargas. Este, contudo, apoiado pelo Exército e pela opinião pública, reprimiu e sufocou a **Revolução de 9 de julho de 1932, em São Paulo**, promovendo, após a vitória, a perfeita confraternização entre derrotados e vencedores, sem obedecer, senão o coração. (BARROSO, 1942, p. 50 – grifo nosso).

Os feitos de GV são enumerados antes do autor falar sobre a *Revolução de 30*, que é o foco do fragmento [20]. Isso ocorre, pois a produção de efeito que se espera é a de que GV trouxe grande progresso ao País, por meio de suas ações, isso é o que valida a repressão dada aos revoltosos. Interessante que a intenção é mostrar que GV queria o melhor para o País e o bem de todos, mesmo daqueles que não compreendiam bem as suas intenções, o que pode ser observado em “promovendo, após a vitória, a perfeita confraternização entre derrotados e vencedores, sem obedecer, senão o coração”.

Beloch e Abreu (1984) nos apresentam um outro ponto de vista sobre esse acontecimento, o de que os revoltosos foram tratados com rigor, o que resultou na prisão de mais de duzentos policiais envolvidos e na transferência de muitos oficiais do Exército para outras partes do País.

As datas e os locais seguidos de seus acontecimentos foram explicados até este momento, na biografia, com o intuito de demonstrar o quanto Vargas se preparou e se preocupou com a questão nacional. Primeiramente, GV mostrou seu empenho no estado em que nasceu, e, posteriormente, quando teve a oportunidade, fez o mesmo para o País. Todos esses eventos darão guarida a Getúlio para a criação do Estado Novo. Inclusive este é o nome do capítulo que traz os fragmentos que analisaremos neste momento.

[21] Nada há de mais nocivo a uma Nação que os agitadores políticos. A política continuava a prejudicar as atividades do Presidente. E ele, **pouco a pouco**, convenceu-se da necessidade de eliminar do colosso brasileiro esse elemento de destruição e desordem, para que todos os brasileiros pudessem trabalhar em paz e sem expectativas (sic) de angústia. (BARROSO, 1942, p. 83 - grifo nosso)

[22] Horrorizado pela demagogia crescente do Poder Legislativo e verificando os maus rumos da campanha de sucessão presidencial, **em 1937, a 10 de novembro**, Getúlio Vargas outorgou ao povo brasileiro uma nova Constituição, criando, **nesse dia predestinado**, o **Estado Novo**. O Brasil ingressava em **uma nova fase**, perfeitamente adequada aos interesses nacionais, ficando dotado de uma carta política que consulta inteiramente as nossas necessidades sociais e morais. O Estado Novo nasceu com o prestígio do apoio das forças de **terra e mar** e logo a opinião pública ratificou por completo o gesto de Getúlio Vargas. (BARROSO, 1942, p. 83 - grifo nosso)

No trecho [21], pela expressão “pouco a pouco”, percebemos se tenta demonstrar que GV mais uma vez utiliza a ponderação para agir, sem precipitações, sem pressa. Após pensar bastante e, estando horrorizado com a demagogia do Poder Legislativo, ele decide que é hora de criar

uma outra Constituição. Dessa vez, a Constituição será perfeitamente adequada aos interesses nacionais, porém, a biografia não deixa claro quais são tais interesses e nem para qual fatia da população específica.

Na frase “O Estado Novo nasceu com o prestígio do apoio das forças de **terra** e **mar** e logo a opinião pública ratificou por completo o gesto de Getúlio Vargas”, do trecho [22], podemos deduzir que GV teve o apoio do Exército e da Marinha e, por fim, do povo.

A partir desse ponto, o biógrafo demonstrará feitos de GV que foram possíveis a partir da nova Constituição que ele criou. Em outras palavras, ele vai tentar provar que tal constituição foi o melhor, apesar de outorgada, para todos.

A nova Constituição, como explicam Koshiha e Pereira (1996), caracterizou-se pelo predomínio do Poder Executivo, considerado o “órgão supremo do Estado”, usurpando até as prerrogativas do Legislativo. Conforme o texto constitucional, o presidente foi definido como a

autoridade suprema do Estado, que coordena os órgãos representativos de grau superior, dirige a política interna e externa, promove ou orienta a política legislativa de interesse nacional e superintende a administração do País.(BRASIL, 1937)

Desse modo, o presidente passou a ter completo controle sobre os estados, podendo a qualquer tempo nomear interventores.

A nova Carta Constitucional legalizou um aparato de medidas destinadas a estreitar o espaço das liberdades políticas, a controlar os movimentos dos trabalhadores, a disciplinar a mão de obra e a industrializar o país. Nesse cenário, emergiu o Estado intervencionista que fundou sua legitimidade na defesa do desenvolvimento econômico, da integração territorial, política e social, da criação dos direitos sociais, da construção do progresso dentro da ordem. De acordo com Capelato (2009), nesse regime, Vargas contou com o apoio das Forças Armadas, da Igreja, de setores trabalhadores e proprietários, com os quais manteve negociações ao longo do período.

É interessante observar a parte sublinhada por nós, no seguinte fragmento: “Getúlio Vargas outorgou ao povo brasileiro uma nova Constituição, criando, nesse dia predestinado, o Estado Novo”. Esse pequeno trecho reafirma todo o caráter de predestinação imputado a GV desde o primeiro capítulo da biografia sobre sua infância. Em todos os outros capítulos GV está se preparando para um dia chegar à chefia do País, e, nesse capítulo, este é o momento.

c) Procedimentos linguísticos para *Qualificar*

Analisaremos alguns trechos do nosso *corpus*⁴⁷ que utilizaram os procedimentos do *Qualificar*. Esse procedimento, de acordo com Charaudeau (2009b), permite que uma visão objetiva ou subjetiva do mundo seja construída, ao associá-lo a outros procedimentos, ele pode produzir um efeito de real ou de ficção. Tal categoria pode ser aplicada tanto para seres humanos, em relação ao vestuário, gestos, posturas,

⁴⁷ Alguns trechos serão usados para exemplificar a aplicação da categoria de análise, porém, todo o *corpus* foi mapeado, o que pode ser verificado nos anexos.

comportamentos, manias, idade, sexo, peso, altura etc., quanto para seres não humanos: meio ambiente, paisagem, lugares, épocas, fenômenos históricos, seres conceituais etc.

A categoria do *Qualificar* pode ser analisada a partir de elementos, como: a) *acumulação de detalhes e de precisões* de tipo factual sobre as maneiras de ser e de fazer, às vezes com recursos especializados, mais ou menos técnicos, acompanhados de definições como num texto científico, com o objetivo de produzir um efeito de coerência realista; b) *utilização da analogia*, ou seja, do procedimento que consiste em pôr em correspondência os seres do universo e as qualidades que pertencem a âmbitos diferentes. Essa analogia pode ser *explícita*, pelo emprego de termos de comparação, e *implícita*, pelo aspecto de transferência de sentido, com a utilização de metáforas, metonímias etc.

Em nosso material de análise, houve um maior índice do uso da qualificação subjetiva, sendo o resultado da opinião daquele que descreve e de uma construção ancorada no imaginário simbólico da sociedade daquela época, como já dissemos anteriormente, o Estado Novo.

Neste momento abriremos um par de parênteses para lembrar que, de acordo com as explicações de Capelato (2009), tal regime foi justificado como a salvação do país diante de um suposto perigo comunista. Alegava-se que a Revolução de 1930 livraria o país das “oligarquias decadentes e retrógradas” e dos “políticos corruptos”. A ideia que se desejava inculcar nas mentes era a de que a “sociedade feliz” concretizar-se-ia com a implementação do Estado Novo; a “felicidade brasileira oficial” era comemorada em todas as datas cívicas por meio de festas promovidas pelo Estado para celebrar as realizações do governo.

Com base nisso, o biógrafo cria, por meio de inúmeros atributos positivos, a imagem de um presidente que supriria a carência do povo brasileiro. Tal carência estava diretamente ligada ao agravamento da crise econômica, à eclosão de revoltas e levantes militares, ao crescimento das camadas sociais urbanas, além do acirramento dos conflitos políticos devido à progressiva divisão das oligarquias dominantes.

É importante ressaltar que ao associar o *Qualificar* a outros procedimentos, o efeito de real torna-se possível por adquirir verossimilhança, por exemplo, ao citar datas e momentos históricos ancorados na "realidade", ao utilizar nomes próprios de pessoas reais e de personalidades históricas, por serem referências verificáveis, ao lançar mão de ilustrações que tentam "comprovar" o texto escrito. Outro fator que gera o efeito de real é o suporte manual didático em que a biografia circulava, ou seja, ao ser inserido no contexto escolar, e mediado por professores, esse material passa a ter um caráter de credibilidade junto à sociedade.

Apesar de a descrição ser baseada em elementos subjetivos, que podem ser verificados como apontamos, pela seleção lexical, percebemos que a intenção do narrador/biógrafo foi passar a imagem de que é um observador "neutro" que narra a história "imparcialmente", dizendo apenas aquilo que sabe e deixando o leitor ir construindo o seu próprio entendimento. O uso predominante da 3ª pessoa já possui em si essa tendência de uma descrição mais objetiva, pelo distanciamento que tal forma enunciativa constrói.

Retornando à questão dos elementos subjetivos, Alfredo Barroso, como podemos perceber na análise da biografia, caracteriza Getúlio Vargas, seus familiares, seus aliados, seus ídolos e até mesmo o lugar em que ele nasceu, selecionando lexicalmente atributos que qualificam positivamente esse grupo. Já aos opositores do governo de GV, como os comunistas e os políticos da República Velha, são atribuídos qualificadores negativos. Esses dados podem ser averiguados por meio da grade⁴⁸ que utilizamos e dos trechos que selecionamos como exemplo.

A imagem de Getúlio é construída com base em um desdobramento que consiste na exceção e na normalidade. De um lado a *Exceção*, pois se projeta para além da vida cotidiana, ele é um ser excepcional, um predestinado, um mito. De outro a *normalidade*, pois todos os brasileiros podem se identificar com ele.

O início da obra começa descrevendo a infância de Getúlio, como vimos anteriormente. Nesse capítulo, todas as referências são descritas de modo a enaltecer qualidades como força, heroísmo e grandeza. O Rio Grande do Sul é retratado como nada menos que um celeiro que traz ao mundo grandes homens, como pode ser verificado no trecho [23]:

[23] O Rio Grande do Sul é um dos focos de **grandeza** e de heroísmo (sic) da história brasileira. Suas lendas decorrem em cenários **de epopéia** (sic). Seus heróis são **audaciosos** e **nada temem** [...] nesse município de **belas paisagens** e de **gente robusta** nasceu o menino Getúlio. (BARROSO, 1942, p. 7 - grifo nosso).

⁴⁸ GRADE 03: Procedimento linguístico para *Qualificar*.

A imagem de seu pai e de seus irmãos, o general Manuel Vargas, é construída por meio de traços de firmeza, audácia, vitalidade e coragem:

[24] Getúlio Vargas, filho de um **bravo** gaúcho-soldado (sic) de Passo Fundo, o General Manuel do Nascimento Vargas [...]. O General, **firme** e **sorridente**, **já passou da casa dos 90**. (BARROSO, 1942, p. 8 - grifo nosso)

[25] Cinco filhos teve o casal, todos eles dotados de **fortaleza física** e de **inteireza de espírito**. (BARROSO, 1942, p. 8 - grifo nosso).

Esses quesitos podem levar o leitor a crer que GV não poderia ser outra pessoa senão uma criança honesta, inteligente, boa, disciplinada e ordeira. Getúlio era uma criança rica, filho do dono de uma estância, de um general influente, mas, apesar disso, ele era um menino simples que conversava com os peões e brincava com os animais.

[26] Em plena estância (sic), conversando com os peões, andando a cavalo, domando os potrinhos, agarrando bezerros pela nuca, saltando e correndo pelos campos, o menino Getúlio **integrou-se plenamente na grande vida campesina**. Sentia ele, mais que qualquer outro, a força e o **perfume da terra a imagem viva de seus altos destinos**. (BARROSO, 1942, p. 10 - grifo nosso).

A biografia induz à crença de que Vargas estava sendo preparado desde a tenra infância para a Presidência do País. Há fortes e frequentes referências a isso.

[27] **Sentia ele**, mais que qualquer outro, a força e o perfume da terra a imagem viva de **seus altos destinos**. (BARROSO, 1942, p. 10 - grifo nosso).

[28] Getúlio Vargas **estuda sempre e cada vez mais** a mentalidade do seu povo [...]. Sabe que, quanto melhor conhecer o povo **mais fácil** (sic) lhe será a tarefa de, no futuro, saber governá-lo. (BARROSO, 1942, p. 26 - grifo nosso).

[29] A sorte destinava-o a **maiores obras de organização e de comando** em futuro não muito remoto. (BARROSO, 1942, p. 26 - grifo nosso).

Algumas personalidades históricas aparecem no manual como ídolos de Getúlio, logo, um exemplo a ser seguido por ele, pelas crianças e por todo o povo brasileiro. Dentre essas personalidades, o Duque de Caxias:

[30] O Exército é um relicário **de tradições**: o Duque de Caxias, seu patrono, é um **exemplo permanente de civismo** e de **devotamento** para todos os jovens do Brasil [...]. Honrar a memória do Duque de Ferro é honrar ao Brasil. (BARROSO, 1942, p. 102 - grifo nosso).

Diante do que expusemos, a aposta do biógrafo é nos levar à compreensão de que os familiares, os ídolos e o lugar em que Getúlio nasceu influenciaram positivamente a sua infância e vida adulta. Isso pode ser acurado ao observamos as escolhas lexicais feitas por ele, ou seja, por meio de adjetivos, expressões adjetivas ou classes de palavras que representam positivamente tal grupo.

Em contrapartida, outras escolhas serão feitas para os opositores de Getúlio. Para esse grupo, as representações serão negativas. Os políticos da República Velha, apesar das representações sobre eles não terem a mesma força das imagens associadas ao comunismo, figuram como inimigos no imaginário político varguista, eram incompetentes,

pois não conseguiam desenvolver o progresso dentro da ordem e, assim, atrapalhavam o desenvolvimento do País.

[30] Quando presidente do Rio Grande do Sul dedicou o **melhor** de seus esforços à **remodelação integral** de seu Estado (sic), pode (sic) verificar (como já verificara antes, em muitas outras ocasiões) que a República de então **não era o sistema ideal de governo** para o Brasil. A **desorganização política** imperava em todo o território nacional: os cabos eleitorais transformavam-se em pequenos **caudilhos regionalistas**, impedindo qualquer surto de **progresso** e **renovação**. Nessa atmosfera de **prepotência** e **arbítrio**, ninguém podia trabalhar. Getúlio Vargas sabia disso e pensou decididamente em dar remédio à desordem. (BARROSO, 1942, p. 34 - grifo nosso).

Nesse trecho, percebemos a intenção do biógrafo em conferir a Getúlio Vargas características de um bom Chefe de Estado, dedicado e conhecedor da situação do País. Ao remodelar a situação do estado do Rio Grande do Sul, GV passa a ter uma visão global do Brasil, e percebe que a República não é o melhor para o povo brasileiro. Dessa forma, compreendemos a tentativa do enunciador em dizer, implicitamente, que dentro dessa conjuntura o melhor é Getúlio.

Outros opositores de Getúlio, referidos na biografia, eram os comunistas. As representações em torno deste grupo foram muito fortes, sendo que eles não eram apenas inimigos de Getúlio, eram inimigos de Deus, da Família, logo, do povo brasileiro. As imagens são associadas à simbologia do mal, os qualificadores são muitos, dentre eles: o velho espírito decaído, políticos carcomidos, sem-pátria, inimigos do Brasil, nocivos à Nação, elementos de destruição etc.

[31] Os agitadores, os mercenários a soldo de ideais estranhos, os sem-pátria e os aproveitadores de todas as situações começaram a perturbar o ambiente da pátria com os seus movimentos desagregadores e dissolventes. Inimigos de Deus, inimigos do Brasil e inimigos da Família Brasileira começaram a pregar, em associações supostamente nacionais, idéias (sic) que punham em perigo a garantia da ordem e a estabilidade de nossas instituições. Essa agitação visava a obtenção do poder, com o fim de transformar o Brasil em uma país de opressão e miséria, em que as liberdades perecessem e o trabalho passasse à escravidão. (BARROSO, 1942, p. 78 - grifo nosso).

Inteligentemente, toda a ação de Getúlio e o objetivo do Estado Novo foram justificados como a salvação do País frente ao perigo latente dos comunistas, de modo que se alegava ser o governo de GV aquele que livraria o Brasil das “oligarquias decadentes e retrógradas” e dos “políticos corruptos”. O comunismo foi utilizado como o grande catalisador de sentimentos que mobilizavam temores de desintegração da sociedade e instauração do caos.

Como vimos neste tópico, por meio de categorias de língua, da descrição, por exemplo, o biógrafo tentou criar para GV uma identidade positiva. Procuramos apontar as qualificações utilizadas que revelam suas intenções, apontam as manobras utilizadas para persuadir o outro (o leitor) “a ver e a sentir” a pessoa de Getúlio e seus feitos por meio dos atributos que lhes foram aplicados. Tais aspectos nos ajudaram em nossa segunda empreitada a mostrar quais *ethé* de Vargas podem ser evidenciados por meio das pistas linguísticas deixadas pelo escritor.

3.2 O Modo de Organização *Narrativo*

Neste tópico tentaremos apresentar o processo de construção da imagem (identidade discursiva) de Vargas em sua biografia. Para isso, utilizaremos os resultados das grades que apresentamos na metodologia e faremos uma interface com dados históricos (do nível prévio).

Tanto o *modo descritivo*, que acabamos de abordar, quanto o *narrativo* são utilizados com a finalidade de narrar, já que a narrativa envolve ações e qualificações, mas há diferença entre estes dois modos. A organização descritiva do mundo pode ser taxionômica, classificando os seres do universo; descontínua, sem ligação necessária entre seres e propriedades; e aberta, sem início ou fim necessários. Já o *modo narrativo* organiza o mundo de forma sucessiva e contínua, em um encadeamento progressivo, com início, meio e fim.⁴⁹ (CHARAUDEAU, 2009b, p. 158).

O modo narrativo caracteriza-se pela construção de uma sucessão de ações, que deve ser delimitada em seu princípio e fim para haver coerência. Essa sucessão, segundo Charaudeau (2009b, p. 168), é motivada pela intenção do sujeito, “que elabora um projeto de fazer e tenta conduzi-lo bem” para ter êxito.

A lógica narrativa se constrói com a ajuda de três tipos de componentes, os *actantes*, os *processos* e as *sequências*, cuja configuração é assegurada por certos procedimentos que veremos adiante. Tais

⁴⁹ Essa questão é mais bem explorada na parte teórica desta pesquisa.

componentes estão estreitamente ligados uns aos outros e se definem reciprocamente, como vimos na parte teórica.

Lembramos que, nesta pesquisa, o enfoque foi dado à identificação dos *actantes*, dos papéis desempenhados por eles e das suas principais ações. Os *processos* e as *sequências* não foram analisados sistematicamente, porque não contemplaram o nosso objetivo de identificação da identidade de nacionalista de Getúlio Vargas.

a) Os *actantes*⁵⁰

Segundo Charaudeau (2009b, p. 160) “por sua participação na esfera da ação, os actantes do modo de organização narrativo lembram os actantes linguísticos que se ligam à ação”, pois sua participação também está na esfera da ação. Contudo, é necessário ressaltar que o primeiro se trata de uma categoria de discurso e o segundo de uma categoria de língua, o que implica em diferenças categóricas.

No nível da língua, o *actante* está associado mais ou menos diretamente à ação, uma vez que a finalidade dessa ação é considerada como um fim em si mesma. Por exemplo, no enunciado: “Getúlio Vargas outorgou ao povo brasileiro uma nova Constituição”, teremos um *agente* (Getúlio), um *paciente/objeto* (uma nova Constituição) e um *destinatário* (o povo

⁵⁰ Segundo Charaudeau (2009, p. 162), é importante distinguir o *actante* do *personagem* (o que corresponde à distinção forma não qualificada/forma qualificada) para que a observação do jogo de correspondência seja mais nítida, como exemplo, 1 actante: n personagens: um actante, tendo um certo papel narrativo, pode ser ocupado por diferentes tipos de personagens, seja sucessivamente, seja alternadamente, seja simultaneamente. Em nosso *corpus*, o papel de *agente-agressor* pode ser preenchido pelo pai de Getúlio, pelo próprio Getúlio, pelos comunistas, etc. Ou 1 personagem: n actantes: um mesmo personagem pode desempenhar muitos papéis narrativos e ocupar o lugar de actantes diferentes, no desenrolar da mesma história. Novamente, baseando-nos em nosso *corpus*, Getúlio Vargas pode desempenhar os papéis de agressor, de benfeitor, de aliado etc.

brasileiro). Mas não é possível dizer quais são os papéis narrativos desse actante, pois, para isso, seria necessário conhecer o contexto que dará a esse enunciado sua finalidade narrativa.

Sendo assim, é a partir do contexto que conhecemos os *papéis narrativos particulares* (categoria do discurso) que o *agente da ação* (categoria da língua) desempenha ou não. E apenas o papel narrativo dará ao actante sua função como personagem. Como pode ser compreendido a partir da explicação a seguir:

- “Getúlio Vargas outorgou ao povo brasileiro uma nova Constituição”, no contexto da biografia, ele fez isso para atender às necessidades sociais e morais do povo brasileiro – nesse caso, o agente (Getúlio) pode desempenhar dois papéis: i) de benfeitor, pois cria um benefício para a população, ii) de retribuidor, já que teve todo o apoio do povo para chegar ao poder, sendo assim, ele recompensa as pessoas.
- “Getúlio Vargas outorgou ao povo brasileiro uma nova Constituição”, no contexto histórico atual – um malfeitor (agressor), como sabemos por outras fontes históricas, Getúlio Vargas outorgou (impôs) uma nova Constituição em benefício próprio como uma forma de manutenção do seu poder.

A análise do nosso *corpus* foi baseada na ocorrência de papéis actanciais desempenhados pela personagem principal, o protagonista Getúlio Vargas, em cada um dos capítulos de sua biografia. A verificação de tais ocorrências foi possível por utilizamos o *questionário actancial* proposto

por Charaudeau (2009b). Tal questionário ordena as perguntas em torno dos dois actantes de base (protótipo) que são o *agente* que age e o *paciente* que sofre a ação; presume uma especificação dos papéis actanciais (aliado/oponente, benfeitor/beneficiário etc.); e propõe alguns tipos de qualificações mais usuais (positivas ou negativas), conforme pode ser visto na Grade 7 – síntese das ocorrências de papéis actanciais pelos principais personagens de cada história.

É importante destacar o fato de que este questionário admite a flexibilidade. Permite que o uso desse instrumento de análise não acarrete uma aplicação rígida, que poderia determinar actantes fixos. Vale lembrar que a estrutura de actantes de uma história é somente uma de suas organizações possíveis.

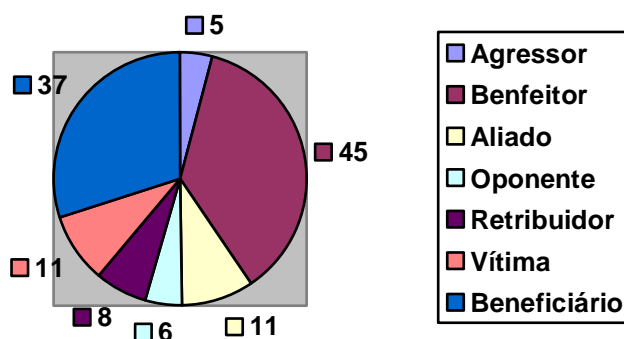
Grade 7 – Síntese das ocorrências de *papéis actanciais* pelos principais personagens de cada história.

Capítulo	Figura actancial	Ocorrências em que desempenhou o papel						
		Agressor	Benfeitor	Aliado	Oponente	Retribuidor	Vítima	Beneficiário
1: Infância e Estudo	Getúlio Vargas	1	2	2	1	3	0	8
2: A vida militar	Getúlio Vargas	0	4	4	0	1	0	8
3: De ministro a presidente	Getúlio Vargas	0	4	2	2	0	3	3
4: A Revolução de outubro	Getúlio Vargas	0	1	1	3	1	2	3
5: A reconstrução do Brasil	Getúlio Vargas	2	15	1	0	1	4	3
6: O Estado Novo	Getúlio Vargas	2	4	1	0	1	2	7
7: Força e trabalho	Getúlio Vargas	0	11	0	0	1	0	5
8:	Getúlio	0	4	0	0	0	0	0

O homem simples e bom	Vargas							
		5	45	11	6	8	11	37

A partir dessa grade, observamos que Getúlio Vargas em sua biografia para crianças desempenha 123 vezes papéis actanciais diversos ao longo dos 8 capítulos, sendo 5 vezes agressor, 45 vezes benfeitor, 11 vezes aliado, 6 vezes oponente, 8 vezes retribuidor, 11 vezes vítima e 37 vezes beneficiário. Tal dimensão pode ser melhor compreendida, por meio da visualização do seguinte gráfico:

Gráfico Setorial 1



O elemento principal da estrutura narrativa são as personagens, elas desempenham uma função importante nessa estrutura. Por meio dessas funções é possível identificar também quais os sistemas de valores estão relacionados às personagens e suas ações. Na narrativa biográfica de Getúlio, procuramos identificar os papéis actanciais mais recorrentes desempenhados por ele.

Por meio dos resultados obtidos, tivemos acesso a uma organização actancial da história, que nos permitiu, posteriormente, relacionar tais papéis actanciais a traços do perfil do protagonista, que o biógrafo desejou delinear de acordo com a sua intencionalidade. Esse perfil pôde ser deduzido pelas ações e condutas que o protagonista apresentou durante a narrativa. Toda essa articulação contribuiu para a construção dos *ethé* de Getúlio Vargas.

Ao observar a grade, percebemos que a personagem Getúlio desempenhou, na maioria das vezes, o papel de benfeitor. A ele foi atribuída a responsabilidade de ser o modelo para as crianças, por exemplo, de bom menino e aluno; e, posteriormente, na função de estadista, para todos os cidadãos brasileiros, como um trabalhador incansável, um nacionalista, que buscava o melhor para o Brasil. Por meio dessa personagem são passados para as crianças exemplos e modelos de conduta, uma espécie de “seja como eu sou, logo, terá sucesso”, e também o destaque de ações e condutas que reafirmam a sua capacidade para governar o País. Como podemos verificar no trecho [32] – infância – e no trecho [33] – fase adulta.

[32] Os amiguinhos de infância nem sempre respeitavam devidamente essa criação: mas qualquer desrespeito era imensamente coibido com palavras e conselhos do jovem Vargas, que **fazia valer os direitos dos indefesos bichos da amoreira**. (BARROSO, 1942, p. 14 - grifo nosso)

[33] Em 1909, abandonando a Promotoria Pública (onde uma vez, **por bondade, pediu, não a condenação, mas absolvição de um réu**), Getúlio Vargas abre um escritório de advocacia em São Borja [...] Getúlio Vargas **estuda sempre e cada vez mais a mentalidade de**

seu povo, suas aspirações e necessidades. Sabe que, quanto melhor conhecer o povo, mais fácil será a tarefa de, no futuro, saber governá-lo. (BARROSO, 1942, p. 22 - grifo nosso)

Em segundo lugar, no número de ocorrências, está o papel de beneficiário. Notamos que o biógrafo destacou esse papel com o intuito de valorizar a família, a escola, as boas companhias. Sendo assim, Getúlio Vargas só pode ser quem ele foi, pois tinha uma família exemplar e era um filho obediente; tinha bons professores e era estudioso; tinha bons amigos; todos esses fatores contribuíram para formar a identidade dele. Como podemos constatar nos fragmentos [34] – em relação a sua família – e [35] – em relação aos seus estudos.

[34] Nesse município de belas paisagens e de gente robusta nasceu o menino Getúlio Vargas, **filho de um bravo gaúcho-soldado** (sic) de Passo Fundo, o General Manuel do Nascimento Vargas e Dona Cândida Dornelles Vargas. O General, **firme e sorridente**, já passou da casa dos 90. (BARROSO, 1942, p. 22 - grifo nosso).

[35] Quando chegou o tempo, o General mandou o gauchinho para os estudos. As primeiras letras, ele aprendeu com a mestra Carolina Ferreira. Dessa professora passou para as mãos do mestre Fabriciano Braga, que também era jornalista na cidade. De Fabriciano foi transferido aos cuidados de Luis Patrício Boscot, que começou a mostrar-lhe os primeiros rudimentos de humanidades. Getúlio era bom estudante: dedicação ao estudo, pertinácia no cumprimento dos deveres, respeito aos mestres, espírito de ordem e de disciplina. (BARROSO, 1942, p. 14 - grifo nosso).

De uma maneira geral, podemos dizer que a argumentação defendida na história e sua organização tanto narrativa quanto descritiva giram em torno da ideia de um modelo a ser seguido. Esse modelo funcionava

como uma forma para os cidadãos que o Estado Novo precisava ter, segundo os interesses de Getúlio Vargas.

Os dados nos permitem dizer que, de uma maneira geral, Getúlio desempenha papéis com qualificações positivas. Isso ocorre devido ao fato de que o biógrafo durante todo o seu projeto de texto tenta elaborar uma imagem positiva para Getúlio e de que esses papéis tendem a obedecer a uma certa regularidade. É interessante notar que nas cinco únicas vezes que Getúlio desempenhou o papel de agressor, seja quando criança ou quando líder, foi com a intenção de proteger os menos favorecidos, como no fragmento [36]:

[36] [...] **improvisava caçada** aos guaraxins (sic) que assaltavam os galinheiros da estancia (sic). (BARROSO, 1942, p. 14 - grifo nosso).

Ou a soberania do interesse público, como no fragmento [37]:

[37] Getúlio Vargas, apoiado pelo Exército e pela opinião pública, **reprimiu e sufocou** a Revolução de 9 de julho de 1932, em São Paulo, promovendo, após a vitória, a perfeita confraternização entre derrotados e vencedores, sem obedecer senão ao coração. (BARROSO, 1942, p. 50 - grifo nosso).


Em relação ao papel de agressor, na defesa dos interesses do povo ou do Brasil, esse vem acompanhado de um aliado, seja o povo, o Exército etc., que respaldam a atitude do estadista.

b) Localização espaço-temporal da narrativa biográfica

- **Localização temporal**

Em relação à localização temporal, podemos dizer que a biografia se orienta dentro de uma sucessão cronológica. Essa orientação acontece de duas maneiras:

1. Considerando como ponto de partida o presente datado em 1940: elementos do passado de Getúlio Vargas vão sendo retomados, e a sua história de vida vai se desenvolvendo em direção ao presente (1940 – terceiro ano de vigência do Estado Novo).

PASSADO  **PRESENTE (1940)**

Percebemos que nos sete primeiros capítulos, mais precisamente, até a página 96, o biógrafo utiliza os verbos, na maioria das vezes, no pretérito, pois, como foi dito, ele se baseia primeiramente nos fatos e ações que já tinham acontecido – o nascimento, a infância, o desempenho como militar, como político, como Chefe do Estado Provisório – na vida do estadista. A partir da página 96, o biógrafo passa a utilizar verbos, predominantemente, no presente, transição que é marcada pelo seguinte fragmento:

[38] O Estado Novo, com três anos de existência, **conta** com inumeráveis (sic) serviços à coletividade brasileira. **Amparando** mais ainda o operariado nacional [...]. (BARROSO, 1942, p. 96 - grifo nosso).

A partir desse momento, o narrador situa o leitor no presente, precisamente 1940, ou seja, três anos da vigência do Estado Novo. Dessa forma, ele passará a usar, prioritariamente, verbos no presente com intenção de narrar acontecimentos atuais (daquela época).

É significativo o fato de que na última parte do capítulo 8, *Homem simples e bom*, o biógrafo tenta resumir o texto com um ensinamento. Ele não faz apenas um relato, mas também manifesta sua opinião, seu julgamento a respeito de Getúlio Vargas, da sociedade e do Estado Novo. Percebemos as marcas do autor por meio da 1ª pessoa do plural (colocando-se como um brasileiro) e pelas escolhas verbais do modo imperativo que, lembramos, tem uma função alocutiva, ou seja, de engajamento do interlocutor no enunciado. Isso pode ser constatado no fragmento [38].

[38] **Honremos** Getúlio Vargas! **Apoiemos** decididamente as idéias (sic) triunfantes que ele realiza, dia a dia, para o bem do Brasil! **Prestigiemos** todos os seus passos e todos os seus gestos, porque com Getúlio Vargas o Brasil será unido e será forte e marchará, na senda da ordem e do progresso para a conquista dos seus gloriosos destinos! (BARROSO, 1942, p. 112 - grifo nosso).

2. Se considerarmos como ponto de partida o nascimento de Getúlio Vargas (1882):

PRESENTE (1882) —————> **FUTURO** (Presidência do País)

Partindo dessa perspectiva, percebemos que o biógrafo fará em alguns momentos referência ao futuro, ou seja, ele partirá de acontecimentos do presente, como o nascimento de Getúlio Vargas, em 1882, e se desenvolverá rumo ao futuro, que é o destino do predestinado Getúlio, como podemos ver, por exemplo, nos trechos [39] e [40]:

[39] Getúlio Vargas estuda sempre e cada vez mais [...] sabe que, quanto melhor conhecer o povo mais fácil (sic) será a tarefa de, **no futuro**, saber governá-lo. (BARROSO, 1942, p. 112 - grifo nosso)

[40] As qualidades de organização e comando revelaram-se, então, na pessoa de Getúlio Vargas, extremamente apuradas. A sorte destinava-o a maiores obras de organização e de comando em **futuro não muito remoto**. (BARROSO, 1942, p. 22 - grifo nosso)

Essas informações foram sintetizadas na Grade 8

Grade 8 – Síntese da **localização** espacial da biografia

Capítulos	Localização temporal dos capítulos		
	Presente	Passado	Futuro
1: Infância e Estudo		x	x
2: A vida militar		x	x
3: De ministro a presidente		x	
4: A Revolução de outubro		x	
5: A reconstrução do Brasil		x	x
6: O Estado Novo	x	x	x
7: Força e trabalho	x	x	x
8: O homem simples e bom	x		

- **Localização espacial**

Em relação à localização espacial, percebemos que a narrativa acontece em vários estados do Brasil, dependendo do momento histórico abordado. Porém, a maior ênfase é dada ao Rio Grande do Sul, estado em que Getúlio Vargas nasceu e que teria influenciado positivamente a vida do estadista, já que é considerado pelo biógrafo como um berço de heróis e de homens afeitos ao trabalho. Essa ocorrência pode ser visualizada na Grade 9.

Grade 9 - Síntese da localização **espacial** dos capítulos analisados

Capítulos	Localização espacial															
	Rio Grande do Sul		Mato Grosso	Bolívia	Rio de Janeiro	Minas Gerais		Paraíba do Norte	Recife	De norte a sul – todo o país	Euro pa	São Paulo	Nações Vizinhas		Interior do Brasil	Goiânia e Hinterland goiano
	São Borja	Porto Alegre				Ouro Preto	Estados de Minas						Argentina	Uruguai		
1: Infância e Estudo	x	x				x										
2: A vida militar	x	x	x	x	x											
3: De ministro a presidente		x					x	x	x	x	x	x				
4: A Revolução de Outubro		x			x				x		x					
5: A reconstrução					x				x				x	x	x	

do Brasil																
6: O Estado Novo					x					x						
7: Força e trabalho					x					x						x
8: O homem simples e bom										x						

Como vimos, os modos de organização descritivo e narrativos foram essenciais na investigação das categorias de língua que foram utilizadas pelo biógrafo na tentativa de criar uma imagem para Getúlio Vargas frente à sociedade de 1940. Tal imagem como veremos no tópico 3.5 está ligada a categorias de identificação e credibilidade que originam vários *ethé*. Porém, antes de entrarmos neste assunto específico, retomaremos a questão da dimensão argumentativa.

3.3 A dimensão argumentativa

Em um primeiro momento, o ato de utilizar a palavra nem sempre parece ter o intuito de convencer alguém sobre algo. Em nosso cotidiano, podemos encontrar diversos textos que não possuem uma orientação estritamente argumentativa. Entretanto, mesmo não tendo, aparentemente, a intenção de convencer, toda a situação comunicativa acaba por exercer alguma influência, orientando maneiras de ver e compreender o mundo.

Como vimos, Charaudeau (2009b) defende que todo o ato de linguagem parte da interação de um sujeito em relação ao outro (princípio da

alteridade), com o intuito de influenciá-lo (princípio da influência) e, ao mesmo tempo, produzir uma relação na qual o interlocutor possua o seu próprio projeto de influência (princípio da regulação).

Partindo desses princípios, percebemos que o discurso possui a capacidade intrínseca de influenciar o outro, agir sobre o mundo, dada a sua natureza dialógica. Sendo assim, notamos que a argumentatividade é inerente ao discurso, assim como foi postulado por Anscombe e Ducrot (1987), apesar de apresentar-se de modo gradativo em cada um deles. Em alguns discursos a intenção de influenciar será evidente e em outros ela aparecerá implicitamente.

Para esclarecer essa questão, Amossy (2005b) explica que o uso da fala está necessariamente ligado à questão da eficácia. Quer ele vise a uma multidão indistinta, um grupo definido ou um auditório privilegiado, o discurso sempre procura ter impacto sobre o seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazer aderir a uma tese: tem então uma visada argumentativa. Mas pode também, mais modestamente, procurar fazer inflectir formas de ver e sentir: possui, nesse caso, uma dimensão argumentativa.

Dessa forma, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a argumentação sempre terá como meta agir eficazmente sobre os espíritos com o intuito de provocar a adesão às teses, que podem produzir uma ação imediata ou preparem o indivíduo para uma ação em um determinado momento adequado. Nesse sentido, para agir com eficiência, o orador precisa considerar o seu auditório, os saberes, os comportamentos, os valores e os desejos compartilhados por tal grupo.

Precisa também organizar o seu discurso, a forma, a composição, o estilo e os argumentos.

Colaborando ainda com essa ideia, Menezes (2006, p. 91), elucida que “não se argumenta ao acaso, quando se tem por meta realizar uma ação específica sobre um auditório também específico”. O orador ao construir sua argumentação, seja esta construção consciente ou não, o faz a partir da sua finalidade, para alcançar suas intenções e objetivos.

Apresentamos essa questão por nos depararmos em nosso *corpus* com uma estratégia que julgamos ser muito interessante em relação à questão da visada e da dimensão argumentativa, no sentido empregado por Amossy (2006). Notamos que o biógrafo apresenta o seu texto com uma visada de instrução, no sentido usado por Charaudeau (2004). Isso fica evidente ao considerarmos que a biografia foi inserida em um manual didático, foi utilizada em escolas, e apresenta a história de vida de Getúlio Vargas mesclada com acontecimentos e lugares históricos do nosso país.

Um leitor ingênuo poderia, em um primeiro momento, pensar que a intenção do texto era apenas apresentar a vida de Vargas, fazer uma “propaganda” de seus feitos e ensinar alguns aspectos da história nacional. Porém, implicitamente, percebemos que tal discurso é permeado pela dimensão argumentativa.

Ao apresentar Getúlio Vargas como um indivíduo de valores morais, éticos e cívicos extremamente desejados, o biógrafo inicia um processo de identificação e projeção para o leitor: i) ser como Vargas tornava-se

um desafio e a certeza de êxito no futuro; ii) ao desejar ser como Getúlio, desejava-se também ser um bom aluno, um bom filho, no futuro um bom trabalhador, um patriota, conseqüentemente, um agente importante para o desenvolvimento do Brasil, iii) ter um presidente como Getúlio Vargas era a possibilidade de se adquirir (i) e (ii).

3.4 Os *ethé* de Getúlio Vargas

A partir deste momento da nossa pesquisa, nos focaremos na imagem de Getúlio Vargas enquanto ser político, um presidente nacionalista. É certo que para compreendermos a construção dessa imagem foi preciso considerar os múltiplos domínios discursivos supracitados e os resultados que obtivemos ao aplicar as categorias dos MOD descritivos e narrativos⁵¹. Eles nos deram uma dimensão de quais valores eram ressaltados na época estadonovista e quais *ethé* de Vargas predominaram na biografia.

Recapitulando, para “construir” diferentes *ethé* para Vargas, o sujeito comunicante/biógrafo⁵² apresentou características que fizeram com que ele fosse enquadrado em determinados grupos. Por exemplo, no trecho [41] o biógrafo diz que Getúlio reagia contra os desordeiros, que ele era firme e mantinha a paz nacional. Dessa forma, ao apresentar tais atitudes e comportamentos, ele pode ser alocado no grupo dos *corajosos* e dos *pacificadores*.

⁵¹ Por meio das categorias dos MOD descritivos e narrativos, pudemos resgatar em um percurso histórico e de vida de GV, quais as características eram mais valorizadas.

⁵² Gostaríamos de lembrar que a expansão do conceito do ethos foi necessária, como vimos no capítulo teórico, o orador (Alfredo Barros) não constrói imagens de si apenas, o seu foco, inclusive, está na construção do *ethos* de terceiros, principalmente, de Vargas.

[41] Reagindo contra a desordem e vencendo os desordeiros, Getúlio Vargas demonstrava ainda uma vez uma firme resolução de manter a tranquilidade nacional. (BARROSO, 1945, p. 76).

Pudemos perceber que grande parte das marcas linguísticas foi usada com o intuito de gerar admiração por Vargas e dar a ele traços identitários positivos de *credibilidade* e *legitimidade*. Em cinco momentos apenas são atribuídas a GV atitudes agressivas, contra os comunistas, por exemplo. Porém, essas atitudes são baseadas em uma boa intenção: de resguardar a paz nacional, de proteger a família brasileira e os bons costumes, de perpetuar o desenvolvimento do país, enfim, em prol da soberania do interesse público. Dessa forma, consideraremos esses traços como pertencentes ao *ethos* de protetor.

É importante lembrarmos que toda a tentativa da biografia de colocar em evidência *ethé* positivos para Getúlio está ligada diretamente aos interesses do Estado Novo. Pois esses *ethé* constroem, juntos, uma identidade ideal que necessitava ser almejada pelo povo brasileiro. Essa estratégia estatal homogeneizaria a população, estabelecendo uma identidade nacional, uma coletividade coesa e única.

A identidade coletiva é um construto de identidades individuais que partilham dos mesmos valores, sentimentos, desejos etc. Dessa forma, para que Getúlio fosse “seguido” e admirado pelo povo, era necessário que a maioria se identificasse com ele e lhe atribuísse credibilidade. A construção de identidades discursivas, enquanto argumentos da ordem do *ethos*, tem como finalidade motivar a confiança no sujeito político. Corroborando com essa colocação, Charaudeau (2008, p. 137) salienta que

Toda a construção do *ethos* se faz em uma relação triangular entre *si*, o *outro* e um *terceiro* ausente, portador de uma imagem ideal de referência: o *si* procura endossar essa imagem ideal; o *outro* se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência. No discurso político, as figuras do *ethos* são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão e para os valores de referência.

Em nosso *corpus*, a partir da análise das categorias de discurso, identificamos doze *ethé*⁵³ positivos de Vargas, os quais sintetizaram o “homem brasileiro”, competente, mas também sensível, com traços psicológicos e culturais genuinamente nacionais e herdeiro de valores de grandes vultos históricos, como Napoleão Bonaparte e Duque de Caxias. Esses *ethé* foram divididos em duas categorias, a saber, de *credibilidade* e de *identificação* propostas por Charaudeau (2008) para a descrição de *ethé* políticos.

Utilizaremos as duas grandes categorias: credibilidade e identificação propostas por Charaudeau, porém, propomos outras subcategorias que se destacaram em nosso *corpus*, como a de predestinado, de nacionalista etc.

3.4.1 *Ethé* de credibilidade

De acordo com Charaudeau (2008) a confiança que o povo tem em seu líder é baseada na crença de que o que está sendo dito por ele é verdadeiro; de que suas promessas serão de fato cumpridas e nas

⁵³ Ressaltamos que em nossa pesquisa foram considerados os *ethé* mais recorrentes, conseqüentemente, os mais relevantes para nós.

provas de que ele terá meios para cumprir o que prometeu e que os resultados serão positivos. Algumas partes da biografia nos permitem delinear Getúlio Vargas como um sujeito que pode fazer o que é esperado dele, ou seja, ele tem o poder de concretizar suas promessas e obrigações enquanto cidadão e Chefe de Estado.

Em nosso *corpus* percebemos que a tentativa de se construir uma imagem crível para Vargas é fundada nos *ethé* de predestinado, competente, estrategista, gestor, protetor, pacificador e virtuoso.

- **O *ethos* de predestinado**

Esse *ethos* é interessante pelo fato de que faz alusão a um líder nato, um salvador da Pátria, um ser mítico. Dessa forma, características de excepcionalidade são atribuídas a Getúlio, gerando no imaginário social a convicção de que ele seria o melhor Presidente para o Brasil e que Getúlio já sabia desde a infância que seria o presidente do País. Por isso, foi separado e preparado para esse fim. Apontaremos alguns trechos que esclarecem essa questão.

[42] O **menino Getúlio** [...] **sentia**, mais que qualquer outro, a força e o perfume da terra e a **imagem viva de seus altos destinos**. (BARROSO, 1945, p. 10 – grifo nosso).

[43] Getúlio Vargas **estudava sempre e cada vez mais a mentalidade de seu povo, suas aspirações e necessidades. Sabe que**, quanto melhor conhecer o povo **mais fácil lhe será a tarefa de, no futuro, saber governá-lo**. (BARROSO, 1945, p. 22 - grifo nosso).

[44] As **qualidades de organização e comando revelaram-se**, então, **na pessoa de Getúlio Vargas**,

extremamente **apuradas**. A **sorte destinava-o a maiores obras de organização** e de **comando em futuro não muito remoto**. (BARROSO, 1945, p. 22 - grifo nosso).

- **O *ethos* de competente e experiente**

A predestinação mexe com o ideário popular, porém um político não teria adesão se não demonstrasse também a sua competência. Para ser competente, o sujeito precisa comprovar habilidade e conhecimento sobre a atividade que exercerá. A imagem de competência aparece em nossas análises como resultado de uma herança, de muito trabalho e estudo, de funções exercidas e de experiências, como mostraremos pela seleção de alguns fragmentos.

[45] Sua infância foi iluminada pelos rasgos de audácia desse velho gaúcho (sic) (o pai), veterano da Guerra do Paraguai e soldado de estirpe [...] a fibra militar do General Vargas, entretanto, teria, em 1923, ocasião de ser experimentada na pessoa de Getúlio Vargas. (BARROSO, 1945, p. 13 - grifo nosso).

[46] Seu grande segredo estava no trabalho infatigável: Getúlio Vargas jamais abandona a mesa de trabalho para se entregar a prazeres fúteis (sic). Em certas ocasiões, trabalha dezesseis horas por dia, sem demonstrar cansaço, batendo, nesse particular, um verdadeiro *record* entre todos os estadistas do planeta. (BARROSO, 1945, p. 26 - grifo nosso).

[47] Nesse ano, irrompendo a revolução de Assis, coube ao filho do General a organização de um corpo de combatentes, o 7º Provisório. A organização transcorreu em perfeita normalidade, tendo Getúlio Vargas assumido o comando da unidade com a patente de tenente-coronel. (BARROSO, 1945, p. 26 - grifo nosso).

[48] O homem de estudo e de critério se revela na Assembléia (sic) do Rio de Janeiro. Getúlio Vargas, *leader* da bancada riograndense, estuda sem cessar todas as questões brasileiras, aprofundando-se em economia e finanças, direito e ciência da administração. (BARROSO, 1945, p. 28 - grifo nosso).

Coletamos na biografia todas as funções que Getúlio desempenhou, que são apresentadas ao leitor, elas funcionam como uma espécie de minicurrículo. Acreditamos que elas têm a serventia de mostrar o quanto GV era preparado e apto para o cargo de Chefe do Estado, ou seja, teria meios de cumprir com os seus deveres. Abaixo, citaremos todas elas.

QUADRO 4 – Relação das funções desempenhadas por Getúlio Vargas

PÁGINA	ÉPOCA	FUNÇÃO DESEMPENHADA
15	1899 - 1900	Soldado
15	1900 – s/d	2º sargento
19 e 20	s/d	Advogado
21	1908- 1909	Promotor Público *
22	1909 - 1911	Deputado Estadual
22	s/d	Oferecem a ele o cargo de Chefe de Polícia (mas ele rejeita)
24	1911 – s/d	reeleito Deputado Estadual
26	1923 – s/d	Tenente-coronel
28	1923 – s/d	Deputado Federal
29	1926 – 1927	Ministro da Fazenda *

30	1928 – 1933	Governador do Rio Grande do Sul
46	s/d	Empossado na Chefia do Governo Provisório da República *
84	1937	Presidente da República - outorgada

As funções que assinalamos com um asterisco são cargos de confiança, o que mais uma vez ressalta o preparo de Getúlio, pois foi convidado para tais colocações. Em relação à Presidência da República de 1937, sabemos que ela foi imposta, era uma ditadura, porém a biografia conta que tal atitude recebeu apoio popular, do Exército e da Marinha.

- **O *ethos* de estrategista, gestor e inteligente**

Para desempenhar bem os cargos que elencamos anteriormente e gerar bons resultados positivos, notamos que o biógrafo atribui a Vargas a imagem de estrategista. Sendo assim, em todas as vezes que ele esteve como líder obteve êxito em diversas áreas:

[49] Nos últimos anos de sua permanência **na Assembléia** (sic) **Estadual**, foi **encarregado de relatar o orçamento**, tendo sido igualmente **leader da maioria**. (BARROSO, 1945, p. 24 - grifo nosso).

[50] Nesse posto de responsabilidade (Ministério da Fazenda) Getúlio Vargas **trava contacto** (sic) **direto com todos os altos problemas do mecanismo político e financeiro** da República, num momento de intensa atividade econômica do nosso país. (BARROSO, 1945, p. 26 - grifo e mescla nossos).

[51] No Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, como governador, trabalhou sem cessar: fundou o Banco

Hipotecário e Agrícola do Estado; criou e organizou o Serviço de Agricultura; impulsionou decididamente a plantação de trigo; duplicou o número de escolas primárias [...] (BARROSO, 1945, p. 32 - grifo nosso).

A biografia narra que durante o tempo que Getúlio Vargas esteve na Chefia do Governo Provisório da República, ele empenhou-se ao máximo para realizar melhorias no País. Tais melhorias apontam para a imagem de um estrategista e gestor. Até mesmo o Golpe de Estado que Getúlio deu em 1937 é apresentado como fruto de uma estratégia, de um plano elaborado com muito estudo e que beneficiaria o País.

Outro fator importante em relação aos feitos de Getúlio é que eram divulgados largamente no País, conquistando, cada vez mais, a massa popular. Vejamos alguns deles: rearmamento do Exército com armas automáticas e modernas (p. 56); aparelhamento da Marinha com materiais modernos e Navio-Escola (p. 58); incremento da agricultura (p. 64); promoção de reformas no ensino, principalmente o técnico (p. 64); remodelação das estradas de ferro e rodagem do país (p. 66); entrega ao país de aviões e aeroportos (p. 68); promoção à relação diplomática entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai (p. 72).

- **O *ethos* de protetor e pacificador**

Em nosso *corpus*, Getúlio Vargas aparece como um Presidente protetor dos interesses do País e do povo, como um pai que zela por seus filhos. Fica evidente também a intenção de atrelar a ele a imagem de

pacificador. Sendo assim, em alguns trechos perceberemos o anseio de GV pela paz nacional.

[52] Começou o seu governo pela **pacificação política** do Rio Grande, dando ao mesmo tempo desenvolvimento a um vasto plano de remodelação administrativa do Estado. [...] (BARROSO, 1945, p. 30 - grifo nosso).

[53] Nessa **atmosfera de prepotência e arbítrio, ninguém podia trabalhar**. Getúlio Vargas sabia disso e pensou decididamente em **dar remédio à desordem**. [...].(BARROSO, 1945, p. 34 - grifo nosso).

[54] Era preciso reconstruir o Brasil. Getúlio Vargas, **sem ódios, sem perseguições, sem preferências, sem arbitrariedades**, começou a reconstruir o Brasil com **serenidade, calma, patriotismo e constância** (sic). [...]. (BARROSO, 1945, p. 49 - grifo nosso).

[55] Voltou-se igualmente Getúlio Vargas para os **operários brasileiros**, construtores modestos e constantes da nossa grandeza industrial. Aos operários (**que ninguém - sic- antes havia protegido**). (BARROSO, 1945, p. 50 - grifo nosso).

[56] O operário recebeu de Getúlio Vargas os **mais paternais cuidados** e, com essa **atividade firme e esclarecida do governo** Vargas, **acabaram no Brasil as agitações de classe e as sementes de desordem tão costumeiras em outras épocas**. (BARROSO, 1945, p. 60 - grifo nosso).

Essa seleção de trechos tenta provocar no imaginário do leitor o fato de que tal governo lutava pelo bem-estar do seu povo. Para isso, ele controlava os agitadores, porém sem perseguições, cuidava também dos interesses dos menos favorecidos, como o operário.

- **O *ethos* de virtuoso**

Esse tipo de imagem perpassa todos os outros *ethé* que apresentamos logo acima. Ele é igualmente necessário na construção da identidade política nacionalista de Getúlio Vargas, já que se pressupõe que ele é quem dá o exemplo, ele é o modelo para os outros brasileiros. Dessa forma, espera-se que o estadista demonstre sinceridade, fidelidade e honestidade pessoal. Essas imagens podem ser construídas através do tempo, como é caso da biografia, que resgata acontecimentos da vida de GV ainda pequeno; podem também ser constatadas por meio da recorrência da ação do indivíduo, ou seja, se ele sempre segue a mesma linha de raciocínio e ação durante um dado período.

3.4.2 *Ethé* de identificação

De acordo com Charaudeau (2008), os *ethé* de identificação acontecem por meio do afeto social, da emoção, do sensorial. O cidadão, mediante um processo de intuição, projeta a sua identidade na do político – reconhece-se nele, comungando dos mesmos princípios. Dessa forma, para tocar o maior número de pessoas possível, o político precisa ser inteligente no jogo de imagens, projetando, na maioria das vezes, as que estão associadas aos valores universais dificilmente rejeitados. Charaudeau (2008b, p. 78) explica que, uma vez que as sociedades não são completamente homogêneas, para atingir o maior número de pessoas, o sujeito deve tocar naquilo que reúne as massas “sob grandes denominadores comuns: discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou de imaginários que encontram eco em suas crenças;

imagens fortes suscetíveis de provocar a adesão passional". Tais estratégias tocam as emoções das pessoas e facilitam a identificação.

Em nosso material de análise, descobrimos pistas que nos remetem a esses *ethé*, que foram constatados tanto da vida pública quanto da vida privada de Getúlio Vargas. Esses tipos de *ethé* são uma estratégia importante, pois apontam para a possibilidade de que o indivíduo político seja capaz de demonstrar seus sentimentos, sua compaixão para com aqueles que necessitam, de mostrar que é um homem comum e do povo.

Em nosso *corpus* percebemos que a tentativa de se construir uma imagem para a identificação se valeu dos seguintes *ethos*: humano, bondoso, popular, patriota, trabalhador e estudioso.

- **O *ethos* de humano e bondoso**

Para se ter uma imagem positiva perante o povo é necessário que o político demonstre sua capacidade para gerir o país. Porém, é igualmente importante que a população perceba que ele é dotado de sentimentos e tem um lado humano. Os fragmentos abaixo mostram como Getúlio aparece nesse grupo.

[57] O menino Getúlio iniciara uma criação de bichos da seda. Os amiguinhos de infância (sic) **nem sempre respeitavam devidamente essa criação**: mas **qualquer desrespeito era imediatamente coibido** com palavras e conselhos do **jovem Vargas, que fazia valer os direitos dos indefesos bichos da amoreira**. (BARROSO, 1945, p. 14 - grifo nosso).

[58] Em 1909, abandonando a Promotoria Pública (onde, uma vez, **por bondade, pediu, não a condenação, mas absolvição de um réu**) [...] (BARROSO, 1945, p. 22 - grifo nosso).

[59] Em 1911 o advogado de São Borja **casa-se** com Dona Darci Sarmanho [...] do **matrimônio feliz** nasceriam **cinco filhos**. (BARROSO, 1945, p. 24 - grifo nosso).

[60] [...] contudo apoiado pelo Exército e pela opinião pública, reprimiu e sufocou a Revolução de 9 de julho de 1932, em São Paulo, **promovendo, após a vitória, a perfeita confraternização entre derrotados e vencedores, sem obedecer senão ao coração**. (BARROSO, 1945, p. 50 - grifo nosso).

[61] Sendo **simples até mais não poder**, Getúlio Vargas é a **bondade em pessoa. Jamais soube o que fosse um gesto mau**. Os que o conhecem sabem bem que **nunca em seu coração brotou um sentimento hostil** contra quem quer que fosse. **Ouve a todos, atende a todos**, na medida do possível, **consultando ao mesmo tempo os interesses dos humildes e os interesses do país**. Corajoso e decidido, **tem Getúlio Vargas a bondade que só os homens fortes alimentam em sua alma. Essa bondade inalterável é o elemento definitivo** com que dia a dia **vai aumentando, em todo o Brasil, a popularidade do Presidente Getúlio, o Homem Simples e Bom**. (BARROSO, 1945, p. 110 - grifo nosso).

- **O *ethos* de popular e patriota**

A imagem de popular está ligada ao carisma e aponta para a aceitabilidade que os cidadãos têm de seu Presidente. Quanto mais popular é um indivíduo, maior a sua chance de ser aclamado. Associamos ao *ethos* de popular o de patriota, pois acreditamos que este último contribuiu para popularidade de Getúlio.

Ao demonstrar-se um patriota, ele se colocou na condição de um brasileiro excepcional, que almejava o desenvolvimento do País e a paz nacional e, também, que fossemos um povo unido. A imagem de patriota é bem acentuada na biografia, pois está relacionada a um dos elementos importantes na construção da Identidade Nacional. Lembramos que o Estado brasileiro é multiétnico e multicultural, sendo que a formação do seu povo é caracterizada pela diversidade e não pela uniformidade. Por esses motivos, o desenvolvimento do patriotismo era de grande importância para o modelo de identidade nacionalista do Estado Novo. Nesse modelo nacionalista, Getúlio se apresenta como um cidadão que se sacrifica, não mede esforços, em prol da Nação, e é isso que ele implicitamente espera de seu povo. Sendo assim, o indivíduo deveria abrir mão de seus interesses individuais em favor dos interesses nacionais.

[62] No **instante em que pretendia pedir sua exclusão do Batalhão** de Infantaria, essa unidade de Exército teve que se movimentar em direção a Mato Grosso, em virtude de um incidente diplomático com a Bolívia. A questão do Acre agravava-se. **Mesmo doente, Getúlio Vargas apresentou-se ao seu comandante, oferecendo-se para seguir com o Batalhão.** Marchou até Corumbá, **satisfeito de haver cumprido com o seu dever militar no momento em que a Pátria havia precisado de seu serviço.** (BARROSO, 1945, p. 18 - grifo nosso).

[63] Getúlio Vargas chegou ao Rio de Janeiro em atmosfera de verdadeiro delírio popular. **Desembarcou sob aclamações intensas, que nunca nenhum homem público recebera na capital da república** (sic). Acabada a revolução armada, começaria a revolução da paz. [...].(BARROSO, 1945, p. 48 - grifo nosso).

[64] O chefe do Governo Provisório passou, assim, **pela vontade expressamente manifesta dos**

representantes da Nação, a Presidência da República. **Seu mandato procedia imediatamente do povo e ele o aceitou com o mesmo espírito de patriotismo e de dedicação [...].** (BARROSO, 1945, p. 76 - grifo nosso).

[65] Sua coragem foi **exaltada sinceramente por todo o povo brasileiro**, que, ainda uma vez, **depôs homenagem de sua admiração aos pés desse corajoso e indomável (sic) gaúcho (sic) [...]** (grifo nosso). (BARROSO, 1945, p. 82 - grifo nosso).

[64] Ao instaurar o Estado Novo, o presidente **Getúlio Vargas afirmou que haviam acabado os intermediários entre o governo e o povo**. De fato, **jamais o Presidente se sentiu tão bem com quando esteve, em suas viagens e excursões, entre as massas populares, recebendo do contacto com o povo a mais decidida aprovação a todos os seus atos e a todas as suas atitudes.** (BARROSO, 1945, p. 86 - grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

4. Considerações Finais

A presente dissertação buscou comprovar a hipótese de que a biografia de Getúlio Vargas escrita para crianças, apesar de parecer em um primeiro momento um “ingênuo” paradidático com uma visada meramente instrucional, na verdade, tinha como objetivo inculcar nas mentes dos infantes os valores estadonovistas desejados pelo Governo daquela conjuntura.

Ao se focar na história de vida de Getúlio Vargas, o biógrafo constrói imagens positivas para o estadista, elaboradas a partir dos valores de uma sociedade harmônica e unida, ambicionadas para o Estado Novo. Nessa perspectiva, a imagem de GV se aglutinava à do Estado (*L'Etat c'est moi*). A propaganda estadonovista explorou aspectos positivos da construção de um Estado Novo mais organizado e eficaz na conquista do progresso, mostrando-se imprescindível para uma sociedade mais justa.

Tal hipótese não foi imediata para nós, pois nem todos os trechos da biografia traziam a mesma evidência e, a uma primeira leitura, algumas páginas até pareciam aceitáveis. Somente por meio de uma leitura mais apurada, relendo e relacionando as várias páginas, é que o desenho político-pedagógico foi se delineando.

A partir disso, traçamos alguns objetivos que tentamos alcançar ao longo desta pesquisa, com o intuito de comprovar a nossa tese. Tais objetivos pretendiam: i) a compreensão do contexto sócio-histórico em que a biografia estava inserida; ii) a identificação do sujeito comunicante e do sujeito enunciador e suas intencionalidades; iii) a

análise das estratégias discursivas do sujeito comunicante e do sujeito enunciador para obter a adesão de seu destinatário; iv) mostrar que os modos de organização do discurso contribuem para a construção dos *ethé* positivos de Vargas, logo, com a finalidade discursiva do biógrafo; e v) o esclarecimento de que apesar de o nosso *corpus* ter, em um primeiro momento, uma visada instrucional, ele é permeado por uma dimensão argumentativa.

O estudo de um discurso como este requer uma pesquisa fontes diversas e também o recurso à interdisciplinaridade. Diante disso, coletamos dados históricos, que possibilitaram não apenas a compreensão do contexto em que os brasileiros viviam durante o Estado Novo, mas também a correlação de tais dados com aqueles apresentados pela biografia de Getúlio para crianças escrita em 1940.

O segundo passo da nossa análise foi a identificação das características constitutivas do contrato comunicacional, que rege as práticas languageiras em torno do discurso da biografia, a fim de compreender quais eram as restrições situacionais que estruturaram tais práticas, e como essas restrições se refletem na construção do texto. Dessa forma, descrevemos as situações de comunicação que compuseram o nosso *corpus*, de forma a alçar dados ligados às identidades sociais dos sujeitos comunicantes (o próprio Getúlio Vargas, o Estado, o DIP e o biógrafo) e interpretantes (as crianças), às finalidades originadas das trocas, e às condições materiais em que o discurso era divulgado.

Com esse levantamento, foi possível identificarmos o posicionamento argumentativo assumido pelo Estado na referida biografia e iniciarmos

nossa empreitada na busca das estratégias discursivas do sujeito comunicante, projetado em sujeito enunciador, para obter a adesão de seu destinatário.

A partir desse passo, seguimos para a análise da organização discursiva da biografia. Como se trata de um paradidático, pudemos verificar que os modos de discurso descritivo e narrativo eram dominantes. Dessa forma, utilizamos as grades de análise propostas por Charaudeau (2008 e 2009) e adaptadas por Procópio (2008), com o intuito de mapearmos a obra.

No que tange ao modo descritivo, avaliamos os procedimentos de *nomear*, *localizar-situar* e qualificar. Em relação à nomeação, as personagens foram tratadas na maioria das vezes por seus nomes próprios. Estes nomes criavam a assimilação de pessoas importantes que pertenciam ao entorno de Getúlio, como os seus pais, alguns generais respeitados, figurantes políticos e vultos históricos. Nomes de lugares e fatos históricos também foram empregados no texto, principalmente São Borja, terra em que Getúlio Vargas nasceu.

Todos esses elementos foram de suma importância na formação dos *ethé* de Getúlio e funcionaram ainda como ancoragem no mundo fático, produzindo um efeito de real ao texto. Já a categoria do qualificar nos apresentou detalhes e precisões sobre a maneira de ser e fazer das personagens, principalmente GV.

Tais escolhas lexicais feitas pelo biógrafo representavam positivamente tal grupo. A aposta do escritor era a de conduzir o leitor à compreensão

de que os familiares, os ídolos e o lugar em que GV nasceu influenciaram sua vida, fazendo com ele fosse preparado desde a tenra infância para a Presidência do Brasil, cargo ao qual estava predestinado.

Em relação ao modo narrativo, procuramos avaliar as principais personagens e os papéis actanciais desempenhados por cada uma delas, e, posteriormente, nos focamos no protagonista GV. É importante ressaltar que todas as ações desempenhadas pelas outras personagens influenciaram diretamente sobre as ações de GV e, todas estas ações, de uma maneira ou de outra, geraram um comportamento positivo para o estadista. Como exemplo, temos a resistência dos comunistas ao governo getulista. A biografia narra que Getúlio tratou do assunto com serenidade e bondade, primando pela paz do país e pela supremacia do interesse público, apresentando-se como um benfeitor.

Durante toda a história, Getúlio Vargas desempenhou 45 vezes o papel de benfeitor e 5 vezes o de agressor. O que nos leva a concluir que, a partir dos dados apresentados pelo biógrafo, GV era um ser humano bom, digno de confiança, credível e um espelho para outros.

Com os resultados apresentados pelas grades de análise, pudemos perceber como estes modos foram importantes na constituição do *ethos* – imagem discursiva – construído para GV em sua biografia. Tais categorias nos deram uma dimensão de quais valores eram ressaltados na época estadonovista e quais *ethé* predominaram na biografia.

Grande parte das marcas linguísticas, como mostramos nesta pesquisa, foram usadas com o intuito de provocar a admiração por Getúlio e lhe

atribuir traços identitários positivos de credibilidade e identificação, macro-categorias que abarcam os *ethé* de Vargas encontrados.

Diante disso, com o intuito de demonstrar a credibilidade de GV para o povo brasileiro, o biógrafo constrói para o protagonista *ethé* de predestinado, competente, experiente, inteligente, estrategista, gestor, protetor, pacificador e virtuoso. Em relação à identificação das crianças (indiretamente, dos seus pais, dos professores etc.) com Getúlio, o biógrafo constrói os *ethé* de humano, bondoso, popular e patriota.

Pudemos perceber neste trabalho que tais *ethé* de Getúlio Vargas são representativos da temática da identidade nacional que era cogitada para o povo brasileiro, ou seja, um povo novo para um Estado Novo. Essas características também apontam para uma proposta de transformação de identidades individuais para uma coletiva.

O discurso político de Vargas batalhou pela afirmação de um “nós” coletivo que implicava necessariamente na negação do outro, visto sempre como um opositor e um inimigo. Difundindo essa máxima, as exclusões e perseguições aos adversários do regime eram justificadas. É interessante perceber que tais imaginários coletivos ainda persistem na atualidade. Ainda hoje, no Brasil, de acordo com conversas informais que tive com pessoas que viveram entre 1937 e 1945 e com base nos estudos de Capelato (1998, p. 321),

o varguismo é uma lembrança bem construída pela memória oficial, com o auxílio da máquina da propaganda, mas também recordada, com nostalgia, pelos trabalhadores que se sentiam dignificados ou beneficiados pela política do “pai dos pobres”.

Ao recuperar esse momento histórico, pretendemos enquanto pesquisadores refletir sobre uma das formas de se criar ilusões e esperanças vãs em uma sociedade carente de justiça social e respeito frente ao mundo. Ressaltamos a importância de tal reflexão ser atemporal. Devemos, necessariamente, ter esse paradigma como uma lente para visualizar de uma forma mais lúcida os instrumentos manipulados pela mídia e pelo governo.

Lembramos que caminhamos cada vez mais para uma sociedade da informação, e, apesar de não estarmos em uma ditadura, sofremos influências mais sofisticadas, complexas, subliminares e aceleradas em que criações de heróis, mitos e personalidades políticas ainda povoam nosso imaginário. Tal velocidade e volume de informações bombardeiam nosso cotidiano, deixando pouco espaço para uma reflexão crítica e apurada necessária à construção da cidadania.

Devemos ficar atentos aos instrumentos encobertos utilizados por arroubos ditatoriais, pois o regime democrático brasileiro é ainda jovem e não estamos totalmente livres de tentativas autoritárias de derrocadas.

A sofisticação e complexidade dos mecanismos de poder e de controle nos levam a uma nova posição reflexiva frente ao mundo, em que os próprios instrumentos democráticos são manipulados algumas vezes para fins autoritários. Como exemplo, temos o recente caso da Argentina, em que o seu Governo, por meio de um discurso de proteção da liberdade de expressão, alegou que o jornal monopolizava a informação, e se serviu do poder do Exército para invadir o *Clarín*,

principal jornal de oposição⁵⁴. Outro exemplo é o da *Globovisión* na Venezuela, que teve sua concessão cassada pelo Estado, sob o mesmo argumento da Argentina⁵⁵.

Apresentamos tais exemplos como possibilidades de futuras pesquisas o que demonstra o campo fértil e atual das questões apresentadas pela presente pesquisa.

⁵⁴ Esse episódio foi noticiado em sites como <<http://www.clarin.com/opinion/>> e <<http://www.hipernoticias.com.br/TNX/imprime.php?cid=8133&sid=172>>.

⁵⁵ Esse episódio foi noticiado em sites como <<http://www.jornaldelondrina.com.br/mundo/conteudo.phtml?ema=1&id=911367>> e <<http://www.tvmagazine.com.br/talktv/readl.asp?ID=5358&pag=1>>.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- LIVROS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES:

AMOSSY, Ruth. The argumentative dimension of discourse. In: EEMEREN, F. H. van; HOUTLOSSER, P. (Orgs.). *Practices of argumentation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 87-98.

AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. 2 ed. Paris: Armand Colin, 2006.

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komessu e Sírio Possenti . São Paulo: Contexto, 2008.

ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga, 1987.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Pietro Nasseti . São Paulo: Martins Claret, 2004.

BARROSO, Alfredo. *Getúlio Vargas para Crianças*. Rio de Janeiro: Empresa de Publicações Infantis Ltda, 1945.

BARTHES, Roland. L'ancienne Rhétorique. *Communications*, nº 16, Seuil, Paris, 1970.

BATISTA, Antônio; GALVÃO, Ana; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação* n. 20, p.27-47, mai/jun/jul/ago, 2002.

BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (Orgs.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro, 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

PROVÉRBIOS. In: *Bíblia sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida . 33. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1982.

BOMENY, Helena. *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BRANDI, Paulo. MALIN, Mauro; RAMOS, Plínio de Abreu. *Vargas: da vida para a história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografia e diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, v. II, n.21, 1998.

CAMPOS, Edson Nascimento. *Texto são em mente são: Um projeto de leitor. A prática da leitura na revista Era uma vez...: O Brasil da era Vargas – os anos 40*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. São Paulo: Papirus, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et Discours*. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia & MELO, Renato (Orgs.). *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001, p. 23-38.

CHARAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (Orgs.) *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade Social e discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Trad. Ângela Maria da Silva Corrêa. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009a, p. 309-326. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2009b.

CHARAUDEAU, Patrick. Le contrat de communication de l'information médiatique. In: *Le Français dans le Monde*. Paris: Hachette/Edicef, Juillet 1994, número especial, p. 8 – 19.

CHEVALIER, Yves. La biographie et son usage em sociologie. *Revue Française de Science Politique*, v. 29, n.1, fevereiro 1979.

DULLES, John. *A faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas, 1938-1945*. Trad. Vanda Mena Barreto de Andrade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

ECO, Umberto; BONAZZI, Marisa. *Mentiras que parecem verdades*. Trad. Giacomina Faldini. São Paulo: Summus, 1980.

FARIA, Antônio Augusto; BARROS, Edgard Luiz. *Getúlio Vargas e sua época*. 2. ed. São Paulo: Global, 1983.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. v. 8, 9, 10, 11. São Paulo: Difel, 1975-1984.

FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FRISCHAUER, Paul. *Presidente Vargas: biografia*. Trad. Mário da Silva e Brutus Pedreira. São Paulo: Nacional, 1943.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

GALINARI, Melliandro Mendes. A interação retórico-discursiva e suas múltiplas variáveis. In: *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v.17, n.2, p.161-188, jul./dez. 2009.

GALINARI, Melliandro Mendes. *Estratégias político-discursivas do Estado Vargas: uma análise semiolinguística dos hinos de Villa-Lobos*. 2004. 96f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GEE, J.P. *Identity as an analytic lens for research in education*. Review of Research in Education. v.25, p.99-125. Bristol: The Falmer Press, 1990.

GETÚLIO VARGAS, *o amigo das crianças*. CPDOC/FGV, GV-149f. Rio de Janeiro. DIP, 1940.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

JORGE, Fernando. *Getúlio Vargas e o seu tempo: um retrato com luz e sombra, 1883-1900*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. O ethos em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida L. & MELLO, Renato de. (Orgs.) *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2010. p. 117-135.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil*. São Paulo. 7ªed. : Atual, 1997.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1986.

LESSA, Cláudio Humberto. *Marcação e destituição de identidade político-discursiva em ensaios de intelectuais de esquerda: valores, imaginários e a projeção de auto e heteroimagens*. 2009. 254f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

MACHADO, Ida Lúcia. Uma teoria de análise do discurso: a semiolinguística. In: MARI, H.; MACHADO, I.; MELLO, R. *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 39 – 62.

MAHER, T. M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L. (Org.) *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1987.

MELLO, Renato; MELO, Teresa Cristina Alves de Melo. *Os efeitos de real e ficção em Grande Sertão: Veredas*. O eixo e a roda: v. 12, 2006. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MENDES, Emília. *O discurso ficcional: uma tentativa de definição*. 2000. 134f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2004.

MENDES, Emília. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 2004. 267f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2004.

MENDES, Emília. O conceito de ficcionalidade e sua relação com a Teoria Semiolinguística. In: MACHADO, I.L.; SANTOS, J.B.C.; MENEZES, W.A. (Orgs.) *Movimentos de um Percurso em Análise do Discurso: Memória Acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG*, 2005. p. 133-148.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1975.

MOITA-LOPES, L.P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

MENEZES, William Augusto. Estratégias discursivas e argumentação. In: LARA, G. M. P (Org.). *Lingua(gem), texto e discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, p. 87-106. v. 1.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1981.

ORLANDI, Eni. A Escrita da Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. *Discurso e Texto, formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2001, p.31-57.

PÉLASSY, Dominique. *Le signe nazi*. Paris: Fayard, 1983.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *Revista História Oral*, v.3, p. 117-127, 2000.

PERELMAN, Chaim. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. *Uma breve História do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. *O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento*. 2008. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, O. de M. Von (Org.). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

ROSE, R.S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e o controle social no Brasil – 1930-1954*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: USP, 1984.

YOUNG, Jordan. *The Brazilian Revolution of 1930 and the Aftermath*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1967.

- JORNAIS:

VIANNA FILHO, Luís. *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro 24 ago. 1955, p. 2. [Declaração feita por Luís Vianna Filho, na ocasião membro do PL (Partido Libertador)].

ALONSO, Martins. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de ago. 1966, p. 6. [Nota acrescentada por Martins Alonso, ex-policial e amigo de Filinto Muller, funcionário de Getúlio durante o Estado Novo.]

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1 – A biografia original – no CDROM

ANEXO 2 – Os quadros de análise – no CDROM

Anexo 3 – O texto da biografia digitado, abaixo:

CAPÍTULO UM⁵⁶

“INFÂNCIA E ESTUDOS”

Página 7

- L1. O RIO GRANDE DO SUL é um dos *focos* de
L2. grandeza e heroísmo da história brasileira.
L3. Suas legendas decorrem em *cenários de epopéia*.
L4. Seus heróis são audaciosos e nada temem. Nesse
L5. Estado, rico em homens e rico em ação, o *Muni-*
L6. *cípio de São Borja*, com os seus 34 000 habitan-
L7. tes, é uma colméia de trabalho. É *um Município*
L8. de pastores e pequenos agricultores.

Página 8

- L9. *Nesse município de belas paisagens* e de
L10. gente robusta nasceu o menino Getulio Vargas,
L11. filho de um bravo gaúcho-soldado de Passo Fun-
L12. do, o General Manuel do Nascimento Vargas e
L13. de Dona Cândida Dornelles Vargas. O General,
L14. firme e sorridente, já passou da casa dos 90
L15. anos. Dona Cândida morreu perto dos 70. Cinco
L16. filhos teve o casal, todos eles dotados de forta-
L17. leza física e de inteireza de espírito. Getulio
L18. Vargas nasceu, assim, numa terra de gente des-
L19. temida e forte, de uma família de almas afeitas
L20. ao trabalho e à bondade. No jovem gaúcho flo-
L21. riam todas as belas qualidades humanas de
L22. energia e boa vontade.

⁵⁶ As páginas que não forem referidas, quase sempre páginas ímpares, contêm as ilustrações da obra.

Página 10

L23. Nascido a 19 de abril de 1883, o menino
L24. Getulio Vargas cresceu, por assim dizer, ao ar
L25. livre, em plena Estancia dos Santos Reis, pro-
L26. priedade do General Manoel Vargas. Sua infan-
L27. cia foi iluminada pelos rasgos de audácia desse
L28. velho gaúcho, veterano da Guerra do Paraguai
L29. e soldado de estirpe. Em plena estância, conver-
L30. sando com os peões, andando a cavalo, doman-
L31. do potrinhos, agarrando bezerros pela nuca, sal-
L32. tando e correndo pelos campos, o menino Getu-
L33. lio integrou-se plenamente na grande vida cam-
L34. pesina. Sentia ele, mais que qualquer outro, a
L35. força e o perfume da terra e a imagem viva de
L36. seus altos destinos.

Página 12

L37. Quando chegou o tempo, o General mandou
L38. o gauchinho para os estudos. As primeiras letras,
L39. ele as aprendeu com a mestra Carolina Ferreira.
L40. Dessa professora passou para as mãos do mestre
L41. Fabriciano Braga, que também era jornalista na
L42. cidade. De Fabriciano foi transferido aos cuida-
L43. dos de Luis Patrício Boscot, que começou a mos-
L44. trar-lhe os primeiros rudimentos de humanida-
L45. des. Getulio era bom estudante: dedicação ao
L46. estudo, pertinácia no cumprimento dos deveres,
L47. respeito aos mestres, espírito de ordem e de dis-
L48. ciplina. Nos recreios, comandava combates si-
L49. mulados, tal como o jovem Napoleão Bonaparte
L50. na *Escola de Brienne*.

Página 14

L51. Quando largava os livros, o gauchinho se
L52. integrava novamente na terra natal: improvi-
L53. sava caçadas aos guaraxins que assaltavam os

L54. *galinheiros* da estancia, dirigia as brigas de pa-
L55. pagaios de papel, que se embolavam em imensas
L56. alturas, com as suas manchas de papel colorido
L57. em plena confusão. Mais ainda, visando alguma
L58. coisa de prático, o menino Getulio iniciara uma
L59. criação de bicho de seda. Os amiguinhos de in-
L60. fancia nem sempre respeitavam devidamente
L61. essa criação: mas qualquer desrespeito era ime-
L62. diatamente coibido com palavras e conselhos do
L63. jovem Vargas, que fazia valer os direitos dos in-
L64. defesos bichos da amoreira.

Página 16

L65. Os estudos prosseguiram. Alguns meses em
L66. *Ouro Preto* e alguns anos *em Porto Alegre* fize-
L67. ram com que o jovem Getulio Vargas adquirisse
L68. o cabedal suficiente de conhecimentos para se
L69. apresentar a *uma escola superior*. A mentalidade
L70. estava, de certa maneira, inteiramente plasma-
L71. da. O jovem conhecia a terra e os livros, os ho-
L72. mens e a ciência.

CAPÍTULO DOIS

“A VIDA MILITAR”

Página 17

L1. Em 1899 (aos dezesseis anos), Getulio Var-
L2. gas assenta praça no 6.º *Batalhão de In-*
L3. *fantaria do Exército*, de onde, ao fim de um ano,
L4. sai com as divisas de 2.º sargento. Matricula-se,
L5. em 1900, na *Escola Preparatória e de Tática do*
L6. *Rio Pardo*, onde prossegue nos estudos de prepa-
L7. ratórios, nesse ano e em 1901. Cursa duas séries,
L8. com distinção, sendo classificado no 25.º *Bata-*
L9. *lhão de Infantaria*, com sede em *Porto Alegre*.

Página 18

L10. Na *capital gaucha*, Getulio Vargas conti-
L11. nua freqüentando as aulas *da Escola Brasileira*,
L12. afim de concluir as humanidades. No instante
L13. em que pretendia pedir sua exclusão do *Bata-*
L14. *Ihão de Infantaria*, essa unidade do Exército teve
L15. que se movimentar em direção a *Mato Grosso*,
L16. em virtude de um incidente diplomático com a
L17. *Bolívia*. A questão *do Acre* agravava-se. Mesmo
L18. doente, Getulio Vargas apresentou-se ao seu co-
L19. mandante, oferecendo-se para seguir com o Ba-
L20. talhão. Marchou até *Corumbá*, satisfeito de ha-
L21. ver cumprido com o seu dever militar no mo-
L22. mento em que a Pátria havia precisado de seu
L23. serviço.

Página 22

L24. Em 1909, abandonando a Promotoria Pu-
L25. blica (onde, uma vez, por bondade, pediu, não a
L26. condenação, mas a absolvição de um réu), Ge-
L27. tulio Vargas abre *um escritório de advocacia* em
L28. *São Borja*. Nesse mesmo ano é eleito, pela pri-
L29. meira vez, Deputado Estadual. Renuncia a esse
L30. mandato político em 1911. Oferecem-lhe o lugar
L31. de Chefe de Polícia do Estado, mas ele não aceita.
L32. No interior do Estado, advogando, Getulio Var-
L33. gas estuda sempre e cada vez mais a mentali-
L34. dade de seu povo, suas aspirações e necessida-
L35. des. Sabe que, quanto melhor conhecer o povo
L36. mais fácil lhe será a tarefa de, no futuro, saber
L37. governá-lo.

Página 24

L38. Em 1911 o advogado de São Borja casa-se
L39. com Dona Darcí Sarmanho, neta do famoso Ge-
L40. neral Lima, chefe militar de campanhas ilustres.
L41. Dona Darcí, figura representativa da mulher bra-
L42. sileira, modelo de virtudes e de coração, seria a
L43. companheira ideal de Getulio Vargas durante to-
L44. da a sua ascensão política. Do matrimônio feliz
L45. nasceriam cinco filhos. Em 1911 foi Getulio Var-

L46. gas reeleito Deputado Estadual, sendo novamen-
L47. te reeleito após essa legislatura. Nos últimos anos
L48. de sua permanência na *Assembléia Estadual*, foi
L49. encarregado de relatar o orçamento, tendo sido
L50. igualmente *leader da maioria*.

Página 26

L51. A fibra militar do General Vargas, entre-
L52. tanto, teria, em 1923, ocasião de ser experimen-
L53. tada na pessoa de Getulio Vargas. Nesse ano,
L54. irrompendo a *revolução de Assis Brasil*, coube ao
L55. filho do General a organização de um corpo de
L56. combatentes, o 7.º Provisório. A organização
L57. transcorreu em perfeita normalidade, tendo Ge-
L58. tulio Vargas assumido o comando da unidade
L59. com a patente de tenente-coronel. As qualida-
L60. des de organização e comando revelaram-se, en-
L61. tão, na pessoa de Getulio Vargas, extremamente
L62. apuradas. A sorte destinava-o a maiores obras
L63. de organização e de comando em futuro não
L64. muito remoto.

Página 28

L65. Nesse mesmo *ano da revolução de Assis*
L66. *Brasil*, Getulio Vargas é eleito para representar,
L67. como Deputado, o Rio Grande do Sul *na Camara*
L68. *Federal*. O mesmo homem de estudo e de critério
L69. se revela na *Assembléia do Rio de Janeiro*. Ge-
L70. tulio Vargas, *leader* da bancada riograndense, es-
L71. tuda, sem cessar, todas as questões brasileiras,
L72. aprofundando-se em economia e finanças, direito
L73. e ciência da administração.

CAPÍTULO TRÊS

“DE MINISTRO A PRESIDENTE”

Página 29

L1. Ao assumir, em 1926, a *Presidência da Repú-*
L2. *blica*, o sr Washington Luis Pereira de
L3. Sousa convida o Deputado Getulio Vargas para
L4. dirigir o *Ministério da Fazenda*. Nesse posto de
L5. responsabilidade da *administração pública fe-*
L6. *deral*, Getulio Vargas trava contacto direto com
L7. todos os altos problemas do mecanismo político
L8. e financeiro da República, num *momento de in-*
L9. tensa atividade econômica de nosso país.

Página 30

L10. Getulio Vargas exerceu o posto de Ministro
L11. da Fazenda durante um ano. Em dezembro de
L12. 1927 dele se exonerou, afim de ir ocupar a *pre-*
L13. *sidência do Estado do Rio Grande do Sul*, para
L14. a qual havia sido eleito, por uma demonstração
L15. de confiança de seus conterrâneos, para o pe-
L16. ríodo 1928-1933, sendo empossado em 25 de ja-
L17. neiro de 1928. Começou seu governo pela pací-
L18. ficação política *do Rio Grande*, dando ao mesmo
L19. tempo desenvolvimento a um vasto plano de re-
L20. modelação administrativa *do Estado*, em obe-
L21. diência a um sistema político e governamental
L22. plenamente amadurecido em longos anos de me-
L23. ditação e estudo.

Página 32

L24. *No Rio Grande do Sul*, Getulio Vargas, como
L25. Presidente, trabalhou sem cessar: fundou o *Ban-*
L26. *co Hipotecário e Agrícola do Estado*; criou e or-
L27. ganizou o *Serviço de Agricultura*; impulsionou
L28. decididamente a plantação de trigo; duplicou o
L29. número de escolas primárias e construiu deze-
L30. nas e dezenas *de prédios para colégios*; realizou
L31. rapidamente a construção de muitas e muitas
L32. *pontes e estradas de rodagem*; preocupou-se com
L33. *a produção e o transporte, a indústria e o co-*
L34. *mércio*, não descansando um momento sequer
L35. na missão de dar aos gaúchos uma era de pros-
L36. peridade, de paz e de atividade progressista.

Página 34

L37. Quando o Presidente do Rio Grande do Sul
L38. dedicou o melhor de seus esforços à remodela-
L39. ção integral de seu *Estado*, pode verificar (como
L40. já verificara antes, em *muitas outras ocasiões*)
L41. que a República de então não era o sistema ideal
L42. de governo para o Brasil. A desorganização po-
L43. lítica imperava em todo o território nacional: os
L44. cabos eleitorais transformavam-se em pequenos
L45. caudilhos regionalistas, impedindo qualquer sur-
L46. to de progresso e renovação. *Nessa atmosfera de*
L47. prepotência e arbítrio, ninguém podia trabalhar.
L48. Getúlio Vargas sabia disso e pensou decidida-
L49. mente em dar remédio à desordem.

Página 36

L50. Ao se aproximar a *hora da eleição* para o
L51. sucessor do Presidente da República, este, es-
L52. quecendo-se de suas altas e delicadas funções de
L53. Primeiro Magistrado do país, resolveu indicar um
L54. candidato e dar-lhe a vitória ao preço de qual-
L55. quer sacrifício. Os Estados de Minas Gerais, Rio
L56. Grande do Sul e Paraíba do Norte não concorda-
L57. ram com essa arbitrariedade e criaram, juntos,
L58. a Aliança Liberal, que apresentou, para a Presi-
L59. dência e a Vice-Presidência da República, os no-
L60. mes de Getúlio Vargas e João Pessoa. A Aliança
L61. Liberal foi uma reação aos desmandos do poder
L62. central e sua campanha renovadora seria vito-
L63. riosa.

Página 38

L64. Getúlio Vargas percorreu, então, *todo o*
L65. *país*, em excursão de propaganda eleitoral. As
L66. eleições se processaram na *data marcada*, mas
L67. sob atmosfera de inquietude e apreensão. Os re-
L68. sultados do pleito já eram conhecidos de ante-

L69. mão: naquele tempo, até defunto votava, mesmo
L70. sem sair de dentro de sua fria cova, no cemi-
L71. tério.

CAPÍTULO QUATRO

“A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO”

Página 39

L1. Numa eleição perfeitamente controlada pelo
L2. Executivo, os resultados não poderiam ser
L3. senão os desejados pelo Executivo. Assim, a apu-
L4. ração foi feita sem maiores escrúpulos, e as ur-
L5. nas falaram como o Governo quis que elas fa-
L6. lassem. O povo *inteiro*, ofendido em seus verda-
L7. deiros brios, não se poderia conformar com esse
L8. resultado impossível e falso.

Página 40

L9. Igualmente os candidatos prejudicados não
L10. poderiam tolerar uma tal arbitrariedade. De
L11. Norte a Sul começou a conspiração. Em Recife,
L12. numa cilada, João Pessoa, vítima do ódio poli-
L13. tico inconciliável, caiu no assassinato. A Aliança Li-
L14. beral perdia nele um de seus soldados mais no-
L15. bres e dedicados. Mas a conspiração, revigorada
L16. pelo sangue heróico de João Pessoa, cresceu cada
L17. vez mais em todos os pontos do território nacio-
L18. nal. Elementos civis e elementos militares coor-
L19. denaram pacientemente os seus recursos e as
L20. suas idéias, afim de que a revolução pudesse nas-
L21. cer e acabar com um único resultado: a vitória.

Página 42

L22. A 3 de outubro, uma frase célere, espalhada
L23. telegraficamente por Oswaldo Aranha, alertou,
L24. em todo o país, os conspiradores: e a revolução
L25. estourou. Unidades militares imediatamente em-
L26. prestaram seu auxílio ao movimento renovador

L27. e, pouco a pouco, as forças da revolução se mul-
L28. tiplicaram. Getulio Vargas assumiu o comando
L29. dessas forças, cujo Estado Maior foi chefiado
L30. pelo atual General de Divisão Pedro Aurélio de
L31. Góis Monteiro. A ofensiva revolucionária foi ful-
L32. minante e, em pouco, toda a região meridional
L33. do país caía sob o domínio dos chefes militares
L34. do movimento. O país ia conhecer uma nova
L35. época.

Página 44

L36. A 24 de outubro, no Rio de Janeiro, os Ge-
L37. nerais Tasso Fragoso e Mena Barreto e o Almi-
L38. rante Isaias de Noronha, visando a pacificação
L39. da família brasileira e reconhecendo a justiça da
L40. causa de Getulio Vargas, constituíram uma Jun-
L41. ta Governativa que depôs o sr. Washington Luis.
L42. Este, em companhia do Cardeal Sebastião Leme,
L43. dirigiu-se ao Forte de Copacabana, onde esteve
L44. recolhido até o momento em que embarcou para
L45. a Europa, perfeitamente protegido em sua inte-
L46. gridade física. O povo, nas ruas, comemorou fes-
L47. tivamente a deposição do governo de uma repú-
L48. blica que faltara aos compromissos assumidos
L49. para com a Nação.

Página 46

L50. A Junta Governativa determinou imediatas
L51. providências para que cessassem todas as hosti-
L52. lidades que dividiam, em numerosos pontos do
L53. território nacional, brasileiros e irmãos. Imedia-
L54. tamente chegou do Sul, em avião, para-parla-
L55. mentar com a Junta, o Sr. Oswaldo Aranha, um
L56. dos mais ativos chefes civis do movimento reno-
L57. vador. Oswaldo Aranha combinou com os Gere-
L58. rais Tasso Fragoso e Mena Barreto e com o Al-
L59. mirante Noronha o meio pelo qual a revolução
L60. assumiria o poder. Dessa conferência ficou re-

L61. solvido que Getulio Vargas viria ao Rio de Ja-
L62. neiro, afim de ser empossado na chefia do Go-
L63. verno Provisório da República.

Página 48

L64. Getulio Vargas chegou ao Rio de Janeiro
L65. em atmosfera de verdadeiro delírio popular. De-
L66. sembarcou sob aclamações intensas, que nunca
L67. nenhum homem público recebera na capital da
L68. república. Acabada a revolução armada, come-
L69. çaria a revolução da paz.

CAPÍTULO CINCO

“A RECONSTRUÇÃO DO BRASIL”

Página 49

L1. Era preciso reconstruir o Brasil. Getúlio Var-
L2. gas, sem ódios, sem perseguições, sem pre-
L3. ferências, sem arbitrariedades, começou a re-
L4. construir o Brasil com serenidade, calma, patrio-
L5. tismo e constancia. Cuidou, ele mesmo, de redi-
L6. gir uma lei que definisse suas atribuições. E ini-
L7. ciou a obra construtiva dos Ministérios do Tra-
L8. balho e da Educação e Saude.

Página 50

L9. O progresso nacional, a ordem nas finanças,
L10. o desafoço das indústrias, a propulsão do comér-
L11. cio, a instrução melhorada, o operário protegido,
L12. tudo isso deu uma atmosfera nova ao Brasil. Mas
L13. o velho espírito decaído, dos chamados “políti-
L14. cos carcomidos”, não perdia ocasião de prejudi-
L15. car, em conspirações e agitações públicas, a obra
L16. renovadora do governo Getulio Vargas. Este, con-
L17. tudo, apoiado pelo Exército e pela opinião pú-
L18. blica, reprimiu e sufocou a Revolução de 9 de
L19. Julho de 1932, em São Paulo, promovendo, após

L20. a vitória, a perfeita confraternização entre der-
L21. rotados e vencedores, sem obedecer senão ao co-
L22. ração.

Página 52

L23. A preocupação constitucional de Getulio
L24. Vargas era das mais positivas. Os revolucionários
L25. de São Paulo não tinham necessidades de derra-
L26. mamento de sangue para obterem uma Consti-
L27. tuição para o Brasil. Em 4 de maio de 1931 já
L28. havia Getulio Vargas instalado uma Comissão
L29. Legislativa, cujos trabalhos, transcorrendo em
L30. perfeita ordem, constituíram, mais tarde, sub-
L31. sídio de alto valor para as atividades da Assem-
L32. bléia Nacional Constituinte. Afim de eleger De-
L33. putados para essa Assembléia, o povo compare-
L34. céu às urnas, no sistema do voto secreto, que deu
L35. os melhores resultados e correspondeu à espec-
L36. tativa de todos.

Página 54

L37. Os Deputados à Constituinte reuniram-se
L38. no Rio de Janeiro, no Palácio Tiradentes, em 15
L39. de novembro de 1933. Enquanto os representan-
L40. tes do povo preparavam a nova Carta política
L41. do país, Getulio Vargas continuava trabalhando.
L42. Tinha suas idéias e força para realizá-las: reali-
L43. zou-as sempre com eficiência. Seu grande segre-
L44. do estava no trabalho infatigável: Getulio Var-
L45. gas jamais abandona a mesa de trabalho para
L46. se entregar a prazeres fúteis. Em certas ocasiões,
L47. trabalha dezesseis horas por dia, sem demons-
L48. trar cansaço, batendo, nesse particular, um ver-
L49. dadeiro Record entre todos os estadistas do pla-
L50. neta.

Página 56

L51. Getulio Vargas teve sempre como preocupa-
L52. ção fundamental o revigoreamento crescente de

L53. nossas forças armadas. Não poderia ter pre-
L54. ocupação mais acertada: o Brasil repousa na for-
L55. ça e na eficiência de seu Exército e da sua Ma-
L56. rinha. Assim, prestigiando o rearmamento do
L57. Exército, o presidente Vargas não poupou esfor-
L58. ços no sentido de elevar o nível material das nos-
L59. sas forças de terra, cuidando do intenso preparo
L60. de seus efetivos e adquirindo armas automáticas
L61. e armas modernas para suas unidades, no sen-
L62. tido de que o Exército Brasileiro disponha sempre
L63. de meios suficientes para as nossas necessidades
L64. atuais.

Página 58

L65. A Marinha mereceu igualmente do presi-
L66. dente Getulio Vargas cuidados especiais. O Bra-
L67. sil é um país de grande extensão costeira e tem
L68. necessidades de possuir uma Armada forte e mo-
L69. derna, afim de patrulhar suficientemente todas
L70. essas imensas praias, desde a Oiapoque até o
L71. Chuí. Getulio Vargas cuidou de aparelhar e mo-
L72. dernizar o material da Marinha, providenciando
L73. a construção de um novo Navio-Escola para o
L74. Brasil, o "Almirante Saldanha", a cujo bordo os
L75. nossos cadetes do mar se exercitam na nobre car-
L76. reira naval, preparando-se para a missão do ofi-
L77. cialato, difícil entre todas, que desempenharão
L78. no futuro.

Página 60

L79. Voltou-se igualmente Getulio Vargas para
L80. os operários brasileiros, construtores modestos e
L81. constantes da nossa grandeza industrial. Aos
L82. operários (que ninguém antes havia protegido)
L83. Getulio Vargas deu leis de efetiva assistência:
L84. leis de férias, leis de pensões e aposentadorias,
L85. leis sobre salários e auxílios, previdentes e segu-
L86. ros, cuja aplicação foi diligentemente observada.
L87. O operário recebeu de Getulio Vargas os mais
L88. paternais cuidados: e, com essa atividade firme

L89. e esclarecida do governo Vargas, acabaram no
L90. Brasil as agitações de classe e as sementes de
L91. desordem tão costumeiras em outras épocas.

Página 62

L92. A produção nacional foi incrementada e
L93. amparada. O ensino técnico da agricultura, pro-
L94. pulsionado em todo o país, começou a produzir
L95. os melhores frutos. Os agricultores tiveram cré-
L96. dito, amparo técnico, assistência constante,
L97. meios para melhorar sua atividade e facilidades
L98. para colocação de seus produtos. Numerosos or-
L99. ganismos oficiais foram criados para amparar o
L100. café, o cacau, o mate, o açúcar e o álcool, orga-
L101. nismos que se desenvolveram com grande im-
L102. pulso, com a colaboração das classes produtoras
L103. interessadas, cujos lucros não fizeram senão cres-
L104. cer dia a dia, para maior benefício, também, do
L105. próprio Brasil.

Página 64

L106. Preocupando-se com o Exército, a Marinha,
L107. o operariado e as classes produtoras, Getúlio Var-
L108. gas deu igualmente o melhor de sua atenção aos
L109. problemas de educação. O Brasil de Amanhã,
L110. compreendeu o presidente, repousa na mentali-
L111. dade das crianças de hoje. Educar essas crianças
L112. e reforçar os elementos que constituirão o Brasil
L113. do futuro. As reformas do ensino foram concluí-
L114. das com critério e aplicadas com segurança. Os
L115. diversos graus de ensino mereceram toda a espé-
L116. cie de estudos técnicos e, em breve, a máquina
L117. educacional do país funcionava, em todo o terri-
L118. tório nacional, com uma inalterável harmonia de
L119. princípios.

Página 66

L120. Ao mesmo tempo que voltava suas vistas
L121. para os mil e um problemas da produção e do

L122. consumo, o Presidente procurou intensificar os
L123. trabalhos de construção, aperfeiçoamento e re-
L124. modelação das estradas de ferro e de rodagem
L125. do país. Essas estradas de ferro receberam novas
L126. locomotivas e novos vagões de carga; e as estra-
L127. das de rodagem, macadamizadas e revestidas de
L128. concreto, tornaram-se importantíssimas vias de
L129. circulação comercial, facultando o rápido trans-
L130. porte das mercadorias produzidas para os portos
L131. de escoadouro da nossa exportação. O Brasil fez-
L132. se uma verdadeira rede de ferrovias e rodovias.

Página 68

L133. Estradas de ferro e estradas de rodagem, en-
L134. tretanto, não bastavam ao pleno desenvolvimen-
L135. to econômico do Brasil. Getulio Vargas com-
L136. preendeu o alto significado que a conquista do
L137. ar encerrava para o Brasil e começou a sua po-
L138. lítica de dar ao país aviões e aeroportos, dotando
L139. igualmente as divisões aeronáuticas da Marinha
L140. e do Exército de material necessário às suas ati-
L141. vidades normais. A aviação comercial no Brasil,
L142. propulsionada por Getulio Vargas, desenvolveu-
L143. se de maneira espantosa, constituindo hoje um
L144. dos mais importantes fatores da evolução do pro-
L145. gresso nacional, cada dia mais aperfeiçoado e
L146. util.

Página 70

L147. Após incentivar, por todos os meios moder-
L148. nos, a produção nacional; após fazer com que
L149. essa produção chegasse aos entrepostos maríti-
L150. mos, por meio de ferrovias aparelhadas e de ro-
L151. dovias bem pavimentadas; após providenciar pa-
L152. ra o transporte eficiente e constante de produ-
L153. ções, agrícolas e industriais – Getulio Vargas
L154. preocupou-se com o melhoramento das empresas
L155. de navegação do país. A navegação de cabota-
L156. gem foi aperfeiçoada, os portos receberam insta-
L157. lações novas e o transito de mercadorias, por via

L158. marítima, fez-se extraordinariamente intenso,
L159. entre todos os portos do Brasil e entre este e os
L160. do planeta.

Página 72

L161. Comprendendo o alto relevo da Doutrina
L162. de Monroe, que aconselha e advoga a maior apro-
L163. ximação entre todos os povos deste Continente,
L164. Getulio Vargas iniciou uma nobre política de co-
L165. laboração entre as Nações vizinhas e o Brasil
L166. através da ação diplomática que pessoalmente
L167. desenvolveu, por intermédio do Ministério das
L168. Relações Exteriores. As viagens ao Brasil dos pre-
L169. sidentes Justo (Argentina) e Terra (Uruguai)
L170. foram retribuídos pelo presidente Vargas, que re-
L171. cebeu, em Buenos Aires e Montevideú, as de-
L172. monstrações de amizade que une o Brasil às
L173. duas grandes e progressistas repúblicas do Rio da
L174. Prata.

Página 74

L175. Enquanto o chefe do Governo Provisório
L176. realizava todos essas providências administrati-
L177. vas verdadeiramente renovadas e reconstruto-
L178. ras do Brasil, a atividade da Assembléia Consti-
L179. tuinte prosseguia, prestigiada, em todos os ter-
L180. renos, pelo Executivo. Em pouco os artigos da
L181. nova Carta política nacional foram sendo elabo-
L182. rados pelos representantes do povo. A Assem-
L183. bléia era uma Camara composta das mais varia-
L184. das correntes e, assim sendo, a Constituição pro-
L185. mulgada a 16 de julho de 1934 não poderia dei-
L186. xar de ter sido um espelho de todas essas cor-
L187. rentes, não muito voltadas para as realidades da
L188. terra brasileira.

Página 76

L189. A Assembléia Constituinte encerrou seus
L190. trabalhos na data da promulgação da Constitui-

L191.ção Federal: nesse mesmo dia os representantes
L192.da nação elegeram Getulio Vargas para exercer
L193.a presidência do primeiro período constitucional.
L194.O chefe do Governo Provisório passou, assim, pe-
L195.la vontade expressamente manifesta dos repre-
L196.sentantes da Nação, o Presidente da República.
L197.Seu mandato procedia imediatamente do povo
L198.e ele o aceitou com o mesmo espírito de pátrio-
L199.tismo e de dedicação. Mas a Constituição de
L200.1934 não preencheria os seus fins e a agitação
L201.das idéias voltaria a ameaçar a tranqüilidade na-
L202.cional.

Página 78

L203. Os agitadores, os mercenários a soldo de
L204.ideais estranhos, os sem-pátria e os aproveitado-
L205.res de todas as situações começaram a perturbar
L206.o ambiente da pátria com os seus movimentos
L207.desagregadores e dissolventes. Inimigos de Deus,
L208.inimigos do Brasil e inimigos da Família Brasi-
L209.leira começaram a pregar, em associações supos-
L210.tamente nacionais, idéias que punham em perigo
L211.a garantia da ordem e a estabilidade de nossas
L212.instituições. Essa agitação visava a obtenção do
L213.poder, com o fim de transformar o Brasil em um
L214.país de opressão e miséria, em que as liberda-
L215.des parecessem e o trabalho passasse à esca-
L216.vidão.

Página 82

L217. Reagindo contra a desordem e vencendo os
L218.desordeiros, Getulio Vargas demonstrava ainda
L219.uma vez a sua firme resolução de manter a tran-
L220.quilidade nacional. Sua coragem foi exaltada
L221.sinceramente por todo o povo brasileiro, que,
L222.ainda uma vez, depôs as homenagens de sua ad-
L223.miração aos pés desse corajoso e indomavel
L224.gaucho.

CAPÍTULO SEIS

“O ESTADO NOVO”

Página 83

L1. Nada há de mais nocivo a uma Nação que os
L2. agitadores políticos. A política continuava
L3. a prejudicar as atividades do Presidente. E ele,
L4. pouco a pouco, convenceu-se da necessidade de
L5. eliminar do colosso brasileiro esse elemento de
L6. destruição e desordem, para que todos os brasi-
L7. leiros pudessem trabalhar em paz e sem especta-
L8. tivas de angústia.

Página 84

L9. Horrorizado pela demagogia crescente do
L10. Poder Legislativo e verificando os maus rumos
L11. da campanha de sucessão presidencial, em 1937,
L12. a 10 de novembro, Getúlio Vargas outorgou ao
L13. povo brasileiro uma nova Constituição, criando,
L14. nesse dia predestinado, o Estado Novo. O Brasil
L15. ingressava em uma nova fase, perfeitamente ade-
L16. quada aos interesses nacionais, ficando dotado
L17. de uma carta política que consulta inteiramente
L18. as nossas necessidades sociais e morais. O Esta-
L19. do Novo nasceu com o prestígio do apoio das for-
L20. ças de terra e mar e logo a opinião pública rati-
L21. ficou por completo o gesto de Getúlio Vargas.

Página 86

L22. No próprio 10 de novembro o povo ouviu
L23. a palavra do Presidente através do microfone e,
L24. de Norte a Sul, todo o Brasil não teve senão uma
L25. exclamação de júbilo e de regozijo: o Brasil en-
L26. trava em novos caminhos de segurança e traba-
L27. lho. O General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da
L28. Guerra, em circular dirigida aos militares de to-
L29. do o território nacional, expressou a confiança
L30. que o Exército depositava no novo regime e na

L31. firme aplicação dos dispositivos da Carta de 10
L32. de novembro, fator de maior união e de maior
L33. desenvolvimento para o Brasil. O Estado Novo
L34. nascia, assim, em atmosfera de satisfação geral.

Página 88

L35. Agora, sim, Getulio Vargas tinha serenida-
L36. de e energia para trabalhar. E, como fizera toda
L37. sua vida, ele continuou a trabalhar em benefício
L38. do Brasil. A Constituição de 10 de novembro da-
L39. va novas idéias e novas forças a todos os brasi-
L40. leiros. E esses brasileiros, cheios de energias re-
L41. construtoras, puseram mãos ao trabalho com per-
L42. sistência e alegria. Em viagens que realizou ao
L43. interior do Brasil, pôde o Presidente avaliar o
L44. contentamento com que o novo regime de Go-
L45. verno havia sido recebido em toda a terra brasi-
L46. leira. E esse contentamento foi o novo estímulo
L47. que recebeu para intensificar mais a sua tarefa.

Página 90

L48. Regulamentando perfeitamente o exercício
L49. do funcionalismo público, Getulio Vargas facul-
L50. tou a todos os brasileiros o acesso aos cargos da
L51. administração, instituindo o regime de concur-
L52. sos, que beneficia aos que sabem, sem o recurso
L53. ao clássico pistolão. Antigamente só os afilhados
L54. dos chefes políticos conseguiam um emprego pú-
L55. blico. Hoje, qualquer moço ou qualquer moça
L56. pode, apenas com o que aprendeu na escola, can-
L57. didatar-se a um dos numerosos concursos que o
L58. D.A.S.P. realiza periodicamente, e uma vez apro-
L59. vado, ser nomeado para uma função pública,
L60. sem ter necessidade de recorrer a qualquer pe-
L61. dido.

Página 92

L62. A 11 de maio de 1938, novos elementos de
L63. desordem e dissolução quiseram assaltar o Pala-

L64. cio Guanabara, à mão armada, afim de se apo-
L65. derarem da pessoa do presidente. Foram, entre-
L66. tanto, recebidos a bala. O gaúcho de fibra não
L67. se atemorizou do assalto e, resistindo, conseguiu
L68. vencer. As manifestações populares que então
L69. recebeu convenceram-no, ainda uma vez, de que
L70. fizera bem em resistir.

CAPÍTULO SETE

“FORÇA E TRABALHO”

Página 93

L1. Ao instaurar o regime de Estado Novo, o pre-
L2. sidente Getulio Vargas afirmou que ha-
L3. viam acabado os intermediários entre o governo
L4. e o povo. De fato, jamais o Presidente se sentiu
L5. tão bem como quando esteve, em suas viagens
L6. e excursões, entre as massas populares, receben-
L7. do do contacto com o povo a mais decidida apro-
L8. vação a todos os seus atos e a todas as suas
L9. atitudes.

Página 94

L10. Inaugurou-se também Getulio Vargas um sis-
L11. tema de governo como nenhum outro estadista
L12. havia ainda tentado: o do conhecimento direto
L13. da terra e dos problemas do Brasil. Assim, via-
L14. jando em avião, o presidente chegou rapidamen-
L15. te aos mais longínquos pontos do nosso territó-
L16. rio, onde recebeu testemunhos inequívocos de sua
L17. popularidade e onde pôde pesquisar “in-loco”
L18. as necessidades mais urgentes de todos os nossos
L19. núcleos de população. As distancias nunca o ate-
L20. morizaram e, viajando assim constantemente,
L21. pode o presidente tornar-se um recordista de
L22. quilometragem aérea entre todos os governantes
L23. do mundo.

Página 96

L24. O Estado Novo, com três anos de existên-
L25. cia, conta com inumeráveis serviços, à coletivi-
L26. dade brasileira. Amparando mais ainda o opera-
L27. riado nacional, Getulio Vargas deu-lhe duas leis
L28. fundamentais: a do Salário Mínimo e a da Jus-
L29. tica do Trabalho. Aos humildes trabalhadores do
L30. Brasil emprestou sempre o melhor de seu prestí-
L31. gio, promovendo a construção de casas populares
L32. para todos eles, e facilitando-lhes os meios de
L33. vida mais digna e proveitosa, garantindo-lhes a
L34. educação dos filhos e seu aprendizado profis-
L35. sional.

Página 98

L36. Amando acima de tudo as crianças brasi-
L37. leiras, Getulio Vargas cuidou de reunir todos os
L38. nossos jovens numa organização que se encontra
L39. em pleno desenvolvimento: a Juventude Brasi-
L40. leira. Getulio Vargas nunca encontra, em seus
L41. passeios, uma criança, sem se deter para lhe dar
L42. uma palavra. Nas Escolas que visita, as crianças
L43. saudam-no com ruído e emoção. A Juventude
L44. Brasileira está colocada sob a alta proteção do
L45. Chefe da Nação, e nele confia com a maior se-
L46. gurança, certa de que nunca deixará de receber
L47. dele a maior consideração e o maior apoio em
L48. todos os seus desejos e em todas as suas aspi-
L49. rações.

Página 100

L50. “O verdadeiro sentido da brasilidade é a
L51. marcha para o Oeste!” – exclamou, certa vez,
L52. em discurso, o presidente Getulio Vargas. Dando
L53. o exemplo do povo brasileiro, ele mesmo iniciou,
L54. em viagem que passará à nossa história, essa
L55. Marcha para Oeste, viajando, em avião, até
L56. Goiania e visitando os pontos mais pitorescos do
L57. “hinterland” goiano. Os resultados dessa viagem

L58. não se fizeram esperar e numerosas providências
L59. estão contribuindo para dar maior vida e maior
L60. atividade às regiões acidentais do Brasil, cuja
L61. riqueza sem medida estava exigindo uma valori-
L62. zação imediata, em benefício total de nosso país.

Página 102

L63. Unido e disciplinado, armado e coeso, o
L64. Exército Nacional é uma inalterável garantia de
L65. ordem e de tranqüilidade para todo o país. O
L66. Exército é um relicário de tradições: o Duque de
L67. Caxias, seu patrono, é um exemplo permanente
L68. de civismo e de devotamento para todos os jovens
L69. do Brasil. Honrar a memória do Duque de Ferro
L70. é honrar o Brasil. E o Exército Nacional, nesta
L71. fase de intenso trabalho e de constante renova-
L72. ção, é, hoje, o Exército que o glorioso Duque gos-
L73. taria de comandar, se vivo fosse, porque nessa
L74. classe ordeira e ativa se condensam todos os re-
L75. quisitos da ordem, disciplina e ação.

Página 104

L76. Muitas e muitas vezes por ano o Presidente
L77. Getúlio Vargas se dirige ao Arsenal de Marinha
L78. do Rio de Janeiro, a fim de assistir ao lançamento
L79. ao mar de mais uma unidade nossa Armada,
L80. construída em estaleiros brasileiros, por operá-
L81. rios brasileiros e sob a direção de técnicos brasi-
L82. leiros. Esses navios-mineiros, já muito numerosos
L83. e os "destroyers" "Marcílio Dias" e "Mariz e Bar-
L84. ros", são elementos de renovação da esquadra de
L85. amanhã, perfeitamente, à altura de desenvolver
L86. a sua missão de proteção do litoral brasileiro.
L87. Muito breve esses navios brasileiros poderão rea-
L88. lizar perfeitamente essa função protetora.

Página 106

L89. O Brasil é um dos países do mundo dotados
L90. de quase todos os produtos indispensáveis à civi-

L91. lização moderna. Temos ferro e carvão e, agora,
L92. vamos ter a indústria do aço: a Siderurgia. Com
L93. a colaboração de capitais norteamericanos, o
L94. Presidente Getulio Vargas dará muito breve ao
L95. Brasil as usinas que vão produzir trilhos e lin-
L96. gotes de aço e chapas de ferro para os nossos na-
L97. víos de guerra. Velha necessidade nacional, a
L98. grande siderurgia, agora em perfeita organiza-
L99. ção e prestes a funcionar, será um elemento in-
L100. comensuravel de propulsão de nossas riquezas e
L101. de nossas energias nacionais de intensa recons-
L102. trução.

Página 108

L103. É também o presidente um amigo infatiga-
L104. vel das ciências e das artes. Apoiando a obra do
L105. teatro e do cinema nacionais; cria sempre novos
L106. hospitais e novas casas de pesquisas científicas.
L107. A imprensa conta com o Departamento de Im-
L108. prensa e Propaganda, órgão de fiscalização e in-
L109. centivo moral aos jornais brasileiros.

CAPÍTULO OITO

“O HOMEM SIMPLES E BOM”

Página 109

L1. O PRESIDENTE Getulio Vargas é um homem
L2. simples e bom. Em suas viagens ao interior
L3. não tem luxos nem faz questão de muitas ceri-
L4. mônias. Gosta de conversar com os operários e
L5. de ouvir os desafios dos contadores nordestinos.
L6. Dá presentes aos índios e acaricia as criancinhas.
L7. Simples ao extremo, como todos os verdadeiros
L8. grandes homens públicos.

Página 110

L9. Sendo simples até mais não poder, Getulio

L10. Vargas é a bondade em pessoa. Jamais soube o
L11. que fosse um gesto mau. Os que o conhecem sa-
L12. bem que nunca em seu coração brotou um senti-
L13. mento hostil contra quem quer que fosse. Ouve
L14. a todos, atende a todos, na medida do possível,
L15. consultando ao mesmo tempo os interesses dos
L16. humildes e os interesses do país. Corajoso e deci-
L17. dido, tem Getulio Vargas a bondade que só os
L18. homens fortes alimentam em sua alma. Essa bon-
L19. dade inalterável é o elemento definitivo com que
L20. dia a dia vai aumentando, em todo o Brasil, a
L21. popularidade do Presidente Getulio, o Homem
L22. Simples e Bom.

Página 112

L23. Honremos Getulio Vargas! Apoiemos deci-
L24. didamente as idéias triunfantes que ele realiza,
L25. dia a dia, para o bem do Brasil! Prestigiemos to-
L26. dos os seus passos e todos os seus gestos, porque
L27. com Getulio Vargas o Brasil será unido e será
L28. forte e marchará, na senda da ordem e do pro-
L29. gresso, para a conquista dos seus g l o r i o s o s
L30. destinos!